

MIARQ  
DISSERTAÇÃO DO MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA

# Tipologias de Habitação Contemporânea: Experiências em Portugal no século XXI

Alexandra Ressurreição Paulo

M  
2021



Alexandra Ressurreição Paulo. Tipologias de Habitação  
Contemporânea: Experiências em Portugal no século XXI



Tipologias de Habitação Contemporânea:  
Experiências em Portugal no século XXI

Alexandra Ressurreição Paulo





**FAUP – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto**

**MIARQ - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura  
2020-2021**

**Tipologias de Habitação Contemporânea: Experiências em Portugal no século XXI**

**Alexandra Ressurreição Paulo, nº 201607293**

**Orientador:  
Gonçalo Miguel Furtado Cardoso Lopes (FAUP)**

**Porto, Portugal  
Maio, 2021**



# Agradecimentos

Agradeço,

Ao meu orientador, Gonçalo Furtado, pelo apoio dado para a concretização desta dissertação e a importância que teve como professor.

Aos meus colegas de curso, cujo criei amizades para a vida inteira, me apoiaram nesta fase de vida e que foram essenciais, tanto no curso como na vida em geral: André Almeida, Cristiana Pereira, Natália Fávero e Pedro Félix, Chico Pereira, Gabriel Conrado, Maria Eduarda e Maria Vittoria.

À minha família, especialmente à minha mãe, Maria Amélia, pelo apoio e força, fazendo-me querer ser mais e melhor.

Ao meu colega de vida, Bruno Monteiro, pelo apoio e calma que me transmitiu para a realização da dissertação, e pela alegria que é partilhar vida com ele.

Às minhas amigas de longa data que me ensinam sempre algo novo e que fazem a minha vida feliz: Ana Isabel, Mariana Santos, Mafalda Micaelo, e Ana Raquel.

# Resumo

Atualmente, se pensarmos em família, a resposta é variada. Mãe, pai, filhos, avós, casais c/ ou s/ filhos, casais do mesmo género, namorada/o, amigos, etc. Enquanto reflexo de uma sociedade em transformação, desenvolveram-se novas realidades e dinâmicas familiares e, também, novas tipologias habitacionais associadas.

A investigação tem uma metodologia híbrida entre a teoria e a prática. Analisa-se a evolução social, política e económica familiar, desde o século XX até à atualidade, recorrendo a referências das áreas de psicologia, sociologia e estatística, pretendendo-se realçar as novas realidades familiares, diversas e variáveis, que alteraram modos de habitar. Procura-se evidenciar carências atuais de habitação, enfatizando os jovens adultos (18-34 anos) e seniores (+65 anos) que alteraram os seus modos de viver, integrando particularidades relevantes para projeto de habitação. Os jovens adultos saem tardiamente de casa, não se conseguem emancipar devido à precariedade do primeiro emprego, muitos vivem em condições precárias, muitas vezes em habitação partilhada, outrora destinada à família nuclear, e os seniores que, maioritariamente recebem menos que o salário mínimo, com falta de alternativas à institucionalização. A pandemia agravou a situação e a maioria passou a viver a habitação 24 horas, sete dias por semana, vendo-se obrigada a trabalhar em casas sem condições necessárias, misturando-se a vida íntima e profissional, dando ênfase à investigação.

Simultaneamente ao estudo de um enquadramento disciplinar e literatura existente, estudam-se os modos de habitar e como estes são interpretados e espacializados, analisando vários projetos portugueses ao longo do século XX e século XXI que apresentam particularidades relevantes para a atualidade. Observam-se potenciais contributos de projeto de habitação, com base na investigação *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI* de Josep Maria Montaner, Zaida Muxí e David H. Falagán (Espanha) e adaptam-se ao contexto português, centrando-se em áreas mais densificadas (Lisboa e Porto, principalmente). Conclui-se que estas transformações são pouco abordadas, pelo que, se realiza esta dissertação com o intuito de serem consideradas para projeto de habitação coletiva portuguesa inclusiva de todas as faixas etárias, género, cultura, modos de habitar e formulações familiares diversas, apoiando-se em participação, adaptabilidade, acessibilidade, entre outros, e incluir fatores atuais como a apropriação, evolução e rotatividade de residentes, e trabalho produtivo.

## **Palavras-chave:**

**Habitação Coletiva, Portugal, Tipologia, Contemporâneo, Jovens adultos, Seniores**

# Abstract

Today, if we think of family, the answer will be variable. Mother, father, children, grandparents, couples with or without children, same gender couples, boyfriend or girlfriend, friends, among others. As a reflection of a changing society, new realities and family dynamics have developed, as well as new housing typologies.

The investigation has a hybrid methodology between theory and practice. The family's social, political and economic evolution is analyzed, from the 20<sup>th</sup> century to the present day, based on references from the areas of psychology, sociology and statistics, aiming to highlight the new family realities, diverse and variable, that changed ways of living. It also seeks to highlight current housing needs, emphasizing young adults (18-34 years old) and seniors (+65 years old) who have changed their ways of living, with particular needs, significant to housing projects. Young adults leave their parents house late, are unable to emancipate due to the precariousness of their first job, many live with poor conditions, often in shared housing, formerly design for the nuclear family, and seniors, who mostly receive less than the minimum wage, and lacking of alternatives to institutionalization. The pandemic became the situation worse and the majority started living 24 hours at home, seven days per week, forced to work in houses without the necessary conditions, mixing intimate and professional life, emphasizing the investigation.

Simultaneously with the study of a disciplinary context and existing literature, ways of living are also studied, and how they are interpreted and spatialized, analyzing various Portuguese projects throughout the 20<sup>th</sup> and 21<sup>st</sup> centuries that show important particularities for today. Potential housing project contributions are observed, based on the research *Tools for inhabiting the Present: Housing in the 21<sup>st</sup> century* by the architects Josep Maria Montaner, Zaida Muxí and David H. Falagán (Spain) and adapted to the Portuguese context, focusing on densified areas (mainly Lisbon and Porto). It is concluded that these transformations are rarely addressed, therefore, this dissertation was developed to be considered in a Portuguese collective housing project, all age groups, gender, culture, ways of living and diverse family formulations, supported by participation, adaptability, accessibility, among others, and include current factors such as appropriation, change and evolution of residents, and productive work.

## **Keywords:**

**Collective Housing, Portugal, Typology, Contemporary, Young adults, Seniors**



# Sumário

|                                                                                                                                 |            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| Resumo                                                                                                                          | 5          |
| Abstract                                                                                                                        | 6          |
| Siglas                                                                                                                          | 9          |
| Introdução                                                                                                                      | 10         |
| <br>                                                                                                                            |            |
| <b>1. Famílias e Habitação no Século XX</b>                                                                                     | <b>14</b>  |
| 1.1. Dinâmicas familiares na 1ª metade do século XX:<br>Enquadramento político, económico e social                              | 15         |
| 1.2. Habitação na 1ª metade do século XX:<br>A 1ª República, a arquitetura do Estado Novo e a arquitetura moderna portuguesa    | 18         |
| 1.3. Dinâmicas familiares na 2ª metade do século XX:<br>As transformações nos jovens adultos e seniores                         | 33         |
| 1.4. Habitação na 2ª metade do século XX:<br>A Revolução de 1974, a arquitetura e as novas políticas de habitação e Arquitetura | 37         |
| <br>                                                                                                                            |            |
| <b>2. Habitação para a sociedade do século XXI</b>                                                                              | <b>54</b>  |
| 2.1. Realidades urbanas:<br>O envelhecimento populacional e a precariedade dos jovens adultos                                   | 55         |
| 2.1.1. Pandemia Covid-19: O agravamento da circunstância                                                                        | 67         |
| 2.2. Habitação no século XXI:<br>Para um grupo de residentes diversificado                                                      | 69         |
| 2.3. Tipologias de Habitação Coletiva para o século XXI:<br>Critérios e Aplicação                                               | 86         |
| 2.3.1. Aplicação Geral, dos Jovens adultos e Seniores                                                                           | 110        |
| <br>                                                                                                                            |            |
| <b>Considerações Finais</b>                                                                                                     | <b>116</b> |
| <br>                                                                                                                            |            |
| Fontes de Informação                                                                                                            | 120        |
| Referências Iconográficas                                                                                                       | 125        |
| Anexos                                                                                                                          | 130        |

# Siglas

|                  |                                                                     |
|------------------|---------------------------------------------------------------------|
| FAUP             | Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto                   |
| CES              | Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra                |
| UC               | Universidade de Coimbra                                             |
| CICS.Nova_UMinho | Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Universidade do Minho  |
| ISPA-IU          | Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida |
| ISCTE-IUL        | Instituto Universitário de Lisboa                                   |
| USP              | Universidade de São Paulo                                           |
| EUA              | Estados Unidos da América                                           |
| EU               | União Europeia                                                      |
| CEE              | Comunidade Económica Europeia                                       |
| BCE              | Banco Central Europeu                                               |
| CE               | Comissão Europeia                                                   |
| FMI              | Fundo Monetário Internacional                                       |
| INE              | Instituto Nacional de Estatística                                   |
| FFH              | Fundo de Fomento da Habitação                                       |
| SNS              | Sistema Nacional de Saúde                                           |
| AML              | Arquivo Municipal de Lisboa                                         |
| CMP              | Câmara Municipal do Porto                                           |
| AML              | Área Metropolitana de Lisboa                                        |
| AMP              | Área Metropolitana do Porto                                         |
| UIA              | <i>Union Internationale des Architects</i>                          |
| ICAT             | Iniciativas Culturais Arte e Técnica                                |
| MRAR             | Movimento de Renovação da Arte Religiosa                            |
| ODAM             | Organização dos Arquitetos Modernos                                 |
| CIAM             | Congresso Internacional da Arquitetura Moderna                      |

# Introdução

A dissertação pretende analisar as alterações sociais das famílias, aprofundando as faixas etárias dos jovens adultos (18-34 anos de idade) e seniores (+65 anos de idade) onde se manifestam as transformações mais significantes e as necessidades habitacionais, gerais e particulares, que devem ser integrantes de habitação do século XXI, da arquitetura e já participantes das discussões principais atuais a nível social, político e económico. Atualmente, as famílias são diversas, plurais e variáveis, e a habitação não agrega apenas um tipo de famílias, mas um grupo de residentes diversificado, desde casais de género diferentes ou mesmo, com ou sem filhos, famílias monoparentais, seniores, casais jovens, estudantes ou jovens trabalhadores, famílias em teletrabalho ou fora, entre outros, sendo pertinente refletir e aprofundar acerca desses modos de habitar e como esses são interpretados e espacializados. Ao reconhecer e refletir no âmbito da arquitetura sobre as novas necessidades dos jovens adultos e a crescente população sénior, poderemos contribuir na sociedade adequando e adaptando a habitação ao século XXI.

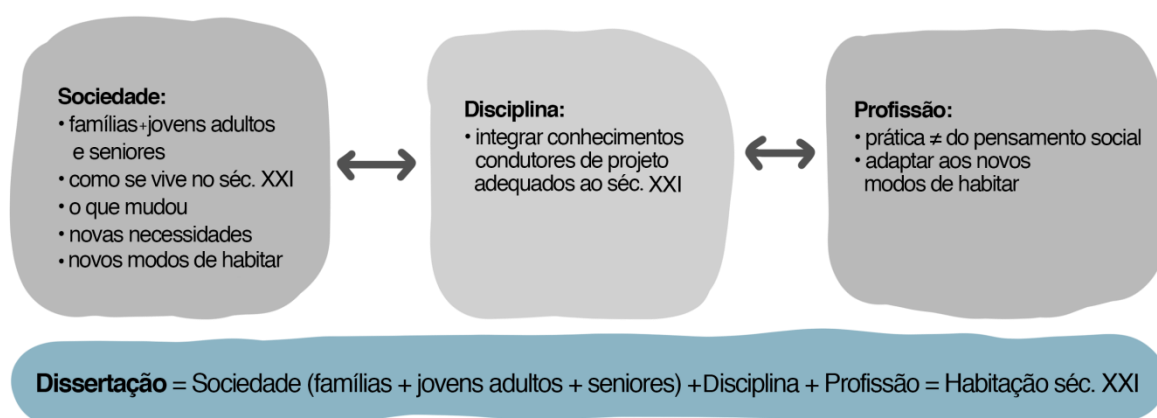


Fig. 1 – Esquema Síntese da Dissertação.

A **motivação** pelo desenvolvimento desta investigação deve-se ao meu percurso. Ao ter vivido em três cidades diferentes, sendo estas, Castelo Branco, Lisboa e Porto, experienciei a necessidade ao que me proponho para esta dissertação. Terminando esta etapa da minha vida, deixou-me a questionar o meu futuro, o futuro dos jovens adultos deste país e dos pais, que se forem como os meus, ambos reformados. Com a incapacidade financeira devido à precariedade do primeiro trabalho, não se retira a ideia de ter de voltar à casa dos pais, juntando-me aos 64%<sup>1</sup> dos jovens que compartilham a mesma situação em Portugal ou a “sobreviver” numa habitação em arrendamento. Além disso, questiono o lado contrário, o sénior, como os meus pais, sendo estes autónomos e muito ativos desejam um futuro promissor para eles. Considero que, me inquietaram diversas questões, problemas nos quais me fui deparando na minha experiência pessoal mas, também, no desenvolvimento do curso por não estarem a ser abordadas estas questões na FAUP. Desta forma, desejei manifestar a urgência de desenvolver um estudo e integrar na arquitetura estas realidades.

<sup>1</sup> 64% dos jovens portugueses vivem em Portugal [em linha]. SIC Notícias, 15 de Julho de 2020. [consult. 18-3-2021]. Disponível: <https://sicnoticias.pt/pais/2020-07-15-64-dos-jovens-portugueses-vivem-em-casa-dos-pais>

## Enquadramento da dissertação

Na atualidade, os dados e projeções INE/Pordata/Eurostat apontam para uma profunda transformação demográfica, com o acentuado envelhecimento populacional português (3º lugar da Europa e 5º do mundo<sup>2</sup>), em oposição ao caminho seguido pelo parque habitacional, continuando a construir para a família nuclear, sem reflexo desses indicadores e estratégias adequadas à atualidade. Já existem algumas estratégias de pequena escala integradoras das necessidades habitacionais, todavia não a nível nacional, não tendo efeito geral. Em relação aos jovens adultos, saem tardiamente de casa (média nacional de 29,1 anos de idade, enquanto a média europeia é de 26,1 anos de idade<sup>3</sup>) ou quando acontece, devido à precariedade do primeiro emprego vivem em poucas condições, maioritariamente, em habitação de arrendamento. Se assim se mantiver, no futuro não existirá possibilidades habitacionais de acordo com a realidade, respostas sociais ao envelhecimento e aos jovens adultos em termos de acesso à habitação. Num contexto atual de pandemia agravaram-se as realidades dos sujeitos da dissertação, particularmente, à perda do emprego, aumento da pobreza, incapacidade de pagamento da habitação e, algumas vezes, com retorno a casa dos pais e o isolamento com efeitos mais nefastos nos seniores, com falta de alternativas à institucionalização. A arquitetura deve estar recetiva a enquadrar conceitos de participação, adaptabilidade, flexibilidade, não-hierarquia, teletrabalho, entre outros e analisar estas questões, propondo soluções que contribuam para a habitação do século XXI.

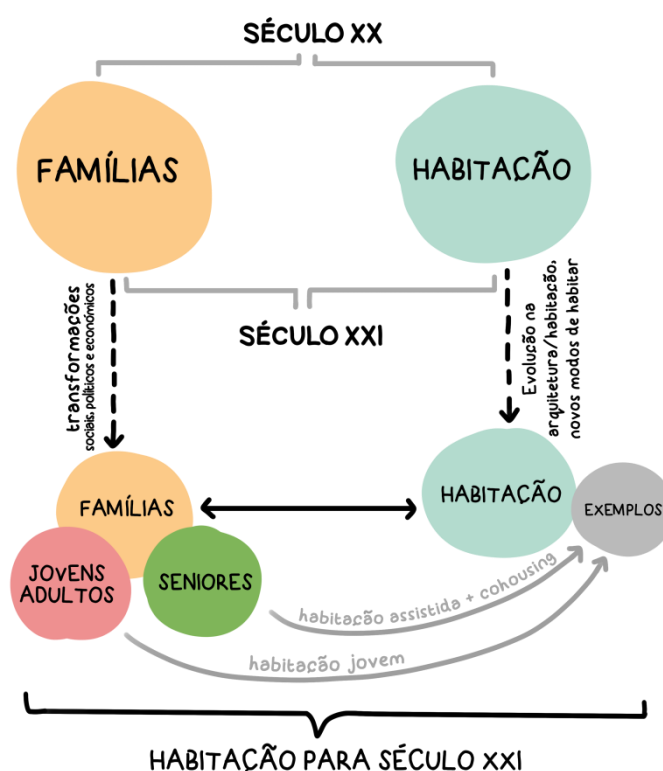


Fig. 2 – Esquema Geral da Dissertação.

<sup>2</sup> Informação INE. *Nós, Portugueses: Nascer para não morrer*. Realização de Pedro Clérigo. RTP/Fundação Francisco Manuel dos Santos. Portugal, 2020. Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p6829/e455740/nos-portugueses-nascer-para-nao-morrer>

<sup>3</sup> Esquema INE Percurso da Vida 2015, Disponível: [https://www.ine.pt/scripts/wm\\_v\\_final/bloc-1a.html?lang=pt](https://www.ine.pt/scripts/wm_v_final/bloc-1a.html?lang=pt)

A **metodologia** é, em primeiro lugar, o enquadramento do século XX, com base em literatura existente e uma seleção de projetos para, posteriormente, numa segunda parte, focar no século XXI. O enquadramento concentra-se na evolução social, política e económica familiar portuguesa desde o início do século XX até à atualidade, recorrendo a referências diversas de psicologia, sociologia e estatística. Simultaneamente é feita uma análise arquitetónica, nomeadamente, de habitação, com base nas referências principais: *Portugal: Arquitetura do século XX* (1997) de Annette Becker, *Projectos e Modos de Habitar* (2011) de Carlos Nuno Lacerda Lopes e *A Casa unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa: Mudança e Continuidade no espaço doméstico na Primeira metade do século XX* (2004) de Rui Ramos, e acrescentam-se as particularidades que enfatizam as faixas etárias dos jovens adultos e seniores. Além disso, foram criteriosamente escolhidos projetos de habitação, ao longo das décadas, analisados através de fotografias, plantas, cortes e alçados e produção de esquemas tipológicos que evidenciem os espaços de estar, serviços e circulação (à exceção do projeto de Manuel Correia Fernandes – edifício de habitação coletiva da Cooperativa SACHE – esquema de espaços da revista Frente & Verso: edifício de habitação coletiva Cooperativa SACHE | 1ª fase, Carlos Nuno Lacerda Lopes). O critério de escolha dos projetos teve como base as potencialidades que demonstram para habitação atual, sustentando-se na capacidade de resolver problemas do seu tempo, na experimentação, e interpretações e especializações diversas dos modos de habitar. Analisa-se o edifício - coletivo ou unifamiliar; participação; contributos de cidade; espaços coletivos para residentes; *supports* (infraestruturas, acessos, diversidade e sustentabilidade); adequação ao residente; adaptabilidade e acessibilidade – e tipologias – espaços; circulação; adaptabilidade e flexibilidade; trabalho produtivo; seniores e jovens adultos. Chegados ao presente, repete-se o processo de análise social, política e económica e com ênfase nos novos modos de viver das faixas etárias em questão, e de habitação, com destaque nos novos modos de habitar dos sujeitos, recorrendo a referências principais do domínio da sociologia e estatística como: dados INE/Pordata/Eurostat, o documentário *Nós, Portugueses* da RTP/Fundação Francisco Manuel dos Santos, artigos variados; e de arquitetura: *Habitação, Hábitos e Habitantes: tendências contemporâneas metropolitanas* (1998) de Marcelo Tramontano, *Projectos e Modos de Habitar* (2011) de Carlos Nuno Lacerda Lopes, e *Arquitetura e Política: Ensaio para Mundos Alternativos* (2014) de Josep Maria Montaner e Zaida Muxí, acrescentando especificidades habitacionais dos jovens adultos e seniores. Com o conhecimento adquirido, repete-se o processo de escolha de projetos de habitação, neste caso do século XXI, que apresentem particularidades relevantes para o contemporâneo, através da análise de fotografias, plantas, cortes e alçados e produção de esquemas tipológicos que evidenciem os espaços de estar, serviços e circulação. Ao longo da dissertação, os exemplos são apresentados por imagens das obras e plantas, cortes e/ou alçados com esquemas tipológicos. Em seguida, apresentam-se os critérios de habitação do livro *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI* de Josep Maria Montaner, Zaida Muxí e David H. Falagán, destacam-se os que se mostram operativos para os sujeitos em questão e faz-se um quadro com o cruzamento dos casos práticos com a reflexão crítica dos conhecimentos adquiridos. Conclui-se com os critérios que devem ser considerados para habitação coletiva portuguesa inclusiva de todas as faixas etárias, género, cultura, modos de habitar e formulações familiares diversas. Por fim, apresentam-se as considerações finais acerca da dissertação, disciplina, profissão e futuro.



# 1. Famílias e Habitação no Século XX

No primeiro capítulo, analisam-se as noções de família, resultantes de transformações e dinâmicas socioeconómicas e políticas, modos de habitar e a habitação no século XX, recorrendo a várias referências principais como: a *História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea* (2011) de José Mattoso, estatística da Pordata/INE e o documentário *Portugal e um Retrato Social* de António Barreto com a realização de Joana Pontes (2007). Pretende-se reconhecer modos de habitar com base nas seguintes referências bibliográficas principais: *Portugal: Arquitetura do século XX* (1997) de Annette Becker, *Projectos e Modos de Habitar* (2011) de Carlos Nuno Lacerda Lopes e *A Casa unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa: Mudança e Continuidade no espaço doméstico na Primeira metade do século XX* (2004) de Rui Ramos. Com o conhecimento proveniente das referências de várias naturezas, enfatizam-se e acrescentam-se as realidades das faixas etárias dos jovens adultos e seniores. Simultaneamente cruzam-se projetos de habitação ao longo das décadas, escolhidos para exemplificar, (recorrendo a imagens, plantas, cortes e alçados - com esquemas de análise tipológica de espaços de estar, serviços e circulação) que introduzam novos aspetos e conduzam à habitação para o século XXI.

## 1.1. Dinâmicas familiares na 1ª metade do século XX: Enquadramento político, económico e social

O início do século XX caracteriza-se pela transformação da família troncal<sup>4</sup> (várias gerações sob o mesmo teto e com um único herdeiro) para família nuclear, com a divisão dos bens igualitariamente, sendo o composto familiar a base das funções e organização da sociedade, como uma unidade de habitação.<sup>5</sup>

A nível político, a implantação da 1ª República (5 de Outubro de 1910) conduziu a um pico de novas alterações políticas familiares: a Lei da Família, a Lei do Registo Civil, a Lei do Divórcio, e a Lei da separação da Igreja e do Estado.<sup>6</sup> A nível socioeconómico, as famílias viviam em situação de pobreza. A maioria trabalhava na agricultura, sem assistência médica, água, saneamento e educação. A participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial (1914-1918)<sup>7</sup> teve impacto no país, provocando o declínio da economia e, posteriormente, a pandemia de 1918 – a pneumónica, agravaram a situação de instabilidade, desagradando a população, sustentando uma mudança política que viria a perdurar anos.

Em 1926 instalou-se a Ditadura Militar que, em 1933, com a nova constituição do Estado Novo, teve como chefe de governo Salazar.<sup>8</sup> O novo regime caracterizava-se pela severidade, repressão, censura e ordem, pelo “*bem nacional*”.<sup>9</sup> Segundo Irene Vaquinhas, o Estado apoiou-se na “*família cristã*”, “*a verdadeira portuguesa*”, “*Deus, Pátria, Família*”, modelo patriarcal (chefe de família, dona de casa e filhos).<sup>10</sup> O direito ao divórcio (1910) cessou em 1940 e tornou-se crime o “*abandono de família*” em 1952.<sup>11</sup> Na década de 1930 e seguintes, o pensamento conservador fortaleceu-se no contexto nacional e internacional. A queda da bolsa (1929) agravou a situação económica e favoreceu a expansão de regimes totalitários.<sup>12</sup>

A mulher estava subordinada ao homem e à casa. Relativamente à saúde, a taxa de mortalidade infantil e das mães era elevada, com predominância de partos em casa por conhecedoras “*parteiras*”.<sup>13</sup> O analfabetismo era elevado, “*reduzindo-se muito lentamente (...): de 69,9%, em 1930, baixaria para 56,1% e 47,7%, respetivamente em 1940 e em 1950.*”<sup>14</sup> A emancipação da mulher

<sup>4</sup> VAQUINHAS, Irene – “A Família, essa «pátria em miniatura»” in MATTOSO, José, *História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea*. 1ª edição, Círculo de Leitores, 2011. p.119, l.25-31.

<sup>5</sup> HENRI, Paul; DE LAUWE, Marie-José Chombart - *A evolução contemporânea da família: Estruturas, funções, necessidades*, Revue Française de Sociologie, ano I, n.º 4, Edições Julliard, Out.-Dez. 1950. p.477, l. 22-29.

<sup>6</sup> Fundação Mário Soares - *Leis da Família* [em linha]. [consult. 25-10-2020]: Disponível: <http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/id?id=035004>

<sup>7</sup> SARAIVA, José Hermano - *História essencial de Portugal* [em linha]. RTP Arquivos: RTP Memória, 2011. [consult. 12-8-2020]. Disponível: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/revolucao-democratica/>

<sup>8</sup> *Ibid.*

<sup>9</sup> *Ibid.*

<sup>10</sup> VAQUINHAS, Irene - *op.cit.* p.120, l.25-30.

<sup>11</sup> GUIMARÃES, Elina - “A mulher portuguesa na legislação civil” in *Análise Social*, vol.XXII (92-93), -3º-4º, 1986. p. 568, l.22-24.

<sup>12</sup> SARAIVA, José Hermano - *História essencial de Portugal* [em linha]. RTP Arquivos: RTP Memória, 2011. [consult. 12-8-2020]. Disponível: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/revolucao-democratica/>

<sup>13</sup> BARRETO, António - *Portugal, um retrato social* [em linha]. RTP: Rui branquinho, 2007. [consult. 25-10-2020] Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=mZNdGItn9XA>

<sup>14</sup> VAQUINHAS, Irene; PINTO GUIMARÃES, Maria Alice – “Economia doméstica e governo do lar” in MATTOSO, José, *História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea*. 1ª edição, Círculo de Leitores, 2011. p.205, l.32-35.

destabilizava o modelo familiar do regime (dona de casa). Apesar disso, as operárias (têxtil, vestuário e tabaco) aumentaram entre 1930 e 1940<sup>15</sup>, atingindo, em 1960, 18,1%<sup>16</sup> da população ativa.

A distinção da faixa etária dos jovens adultos (18-34 anos) deu-se tardiamente por serem considerados adultos (trabalho desde tenra idade e rapidamente iniciavam a formação de família) e os modos de viver serem muito diferentes da atualidade. Os seniores (+65 anos) eram praticamente inexistentes, sabendo que a esperança média de vida nos anos 20 era cerca de 36 anos<sup>17</sup>, logo, as idades em questão só se tornam relevantes mais tarde.

Até ao final da primeira metade do século XX manteve-se o trabalho na agricultura e a minoria nos serviços. Na década de 1950 ocorreu um crescimento económico com a industrialização, permitindo as migrações do interior para as cidades de Lisboa e Porto, procurando vida melhor, mas este não teve impacto na forma de viver, mantendo-se a falta de assistência médica, educação e salubridade. Os comportamentos sociais familiares mantiveram-se estagnados, pela descrença e peripécias da 1ª República (1910) e ordem autoritária do Estado Novo, tendo a família tradicional como pilar do regime.

---

<sup>15</sup> VAQUINHAS, Irene - *op.cit.* p.129, l.37-43.

<sup>16</sup> BATISTA, Virgínia; MARQUES ALVES, Paulo - *As Mulheres trabalhadoras em Portugal (1890-1970): as representações sobre o trabalho remunerado e o trabalho não remunerado numa perspetiva feminista*. Argentina: XIV Jornadas Nacionales de Historia de Las Mujeres. IX Congreso Iberoamericano de estudios de género. 29 Julho – 1 Agosto 2019. p. 526. Disponível: [https://research.unl.pt/ws/portalfiles/porta/16779693/As\\_Mulheres\\_trabalhadoras\\_em\\_Portugal\\_1890\\_1970.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/porta/16779693/As_Mulheres_trabalhadoras_em_Portugal_1890_1970.pdf)

<sup>17</sup> *et al.* - *A vida desde 1820* [em linha]. Público. [consult. 16-2-2021]. Disponível: <https://acervo.publico.pt/multimedia/infografia/a-vida-desde-1820>

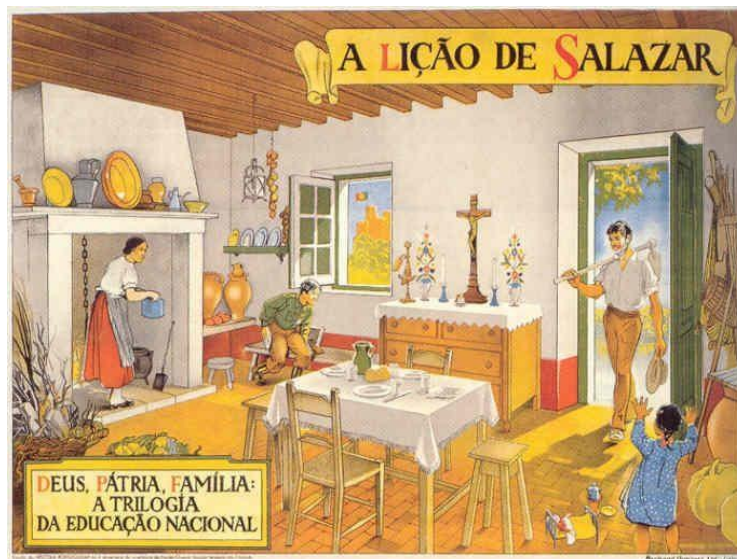


Fig. 3 - A Lição de Salazar: Deus, Pátria, Família, A Trilogia da Educação Nacional. Autoria de Martins Barata. (1933)

Fig. 4 - Portugal, Um Retrato Social, 2007: Entrevista sobre partos numa aldeia (1981).

Fig. 5 - Referência ao filme Maria Papoila (1937). Mirita Casimiro e Largo do Chiado, Fotógrafo: Estúdio Horácio Novais. Fotografia sem data. 1930-1980. (Biblioteca de Arte-Fundação Calouste Gulbenkian) (fotomontagem)

## 1.2. Habitação na 1ª metade do século XX:

### A 1ª República, a arquitetura do Estado Novo e a arquitetura moderna portuguesa

No final do século XIX, parte da habitação das cidades Lisboa e Porto careciam de condições de higiene, sem luz e ar natural, passando a ser um dos principais problemas da primeira metade do século XX. Anteriormente, a habitação tinha um espaço único, onde várias gerações conviviam, transformando-se num processo de compartimentação, iniciando a separação física familiar. No urbano, a classe social era associada ao piso onde viviam, onde os pisos inferiores continham a baixa burguesia, os intermédios as classes mais elevadas e os superiores continham as classes mais baixas.

Em 183 localidades a água era 62%<sup>18</sup> de má qualidade, 23%<sup>19</sup> escassa e somente 33%<sup>20</sup> das Sedes de concelho tinham água canalizada subindo para 56,4%<sup>21</sup> no fim dos anos 40. A salubridade tornou-se um dos principais fatores a serem resolvidos, iniciando pelas necessárias infraestruturas de água e eletricidade nas cidades. Na habitação foram gradualmente substituídos os elementos como lareira, fogareiros, lamparinas, velas, por iluminação e eletrodomésticos.

Devido à evolução, as transformações no espaço doméstico relacionaram-se com os novos modos de habitar. Nos anos 10 e 20 verificaram-se duas estratégias que segundo Nuno Lacerda Lopes são a “*perspetiva nacionalista de uma arquitetura e o desejo de um alinhamento internacional*”<sup>22</sup>. Para além disso, em relação à mesma altura, o arquiteto refere:

*“As duas décadas deste regime agitado e controverso, edificado com a instauração da República, não foram capazes de evidenciar uma estratégia de intervenção arquitetónica para resolução de problemas urbanos e das difíceis condições da vida da população portuguesa.”*<sup>23</sup>

Na passagem do século XIX para o século XX, em cidades como o Porto produziram-se obras de Arte Nova e Arte Déco. Segundo Nuno Portas:

*“As avenidas e ruas generosas começavam a construir-se já na virada do século, ordenando os prédios de rendimento e as vivendas de prestígio – revivalistas, ecléticas, arte nova e arte déco – que ao longo do primeiro quarto do século as foram preenchendo.”*<sup>24</sup>

<sup>18</sup> CASCÃO, Rui – “Estatística de higiene e conforto” in MATTOSO, José, *História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea*. 1ª edição, Círculo de Leitores, 2011. p.36.

<sup>19</sup> *Ibid.*

<sup>20</sup> *Ibid.*

<sup>21</sup> *Ibid.*

<sup>22</sup> LOPES, Carlos Nuno Lacerda - *Projectos e Modos de Habitar*. Porto: Universidade do Porto, Tese de Doutoramento, 2011. p.147, l.9-11.

<sup>23</sup> *Ibid.* p.154, l.27-30.

<sup>24</sup> PORTAS, Nuno - “A Arquitetura da Habitação no século XX Português” in BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.117, l.21-29.

No início do século XX, os *pátios* em Lisboa em grande maioria tinham fracas condições, confundindo-se e misturando-se a vida privada e a vida pública. Para além dos *pátios*, em 1950 deu-se uma crescente construção de barracas clandestinas em lata e em madeira. Segundo Portas sobre a crescente habitação em Lisboa:

*“(...) o operariado foi-se acomodando em prédios antigos, em inúmeras «vilas» populares de construção elementar, aproveitando quintais vazios e abrindo pátios comuns para ruas ou estradas periféricas no casco antigo.”<sup>25</sup>*

No Porto explica que a crescente populacional acomoda-se nas *ilhas* e surge devido à indústria.

*“o operariado foi-se acomodando nos prédios de pedra da densa malha ribeirinha – hoje património mundial – e, também, nas traseiras ou intervalos dos quarteirões da classe média, formatando apertadas vielas de casas baixas de uma só frente e uma só divisão, que pronto foram batizadas de «ilhas».”<sup>26</sup>*

Em 1918 é criada a primeira promoção de habitação do Estado com intuito de construir Casas Económicas destinando-se *“ao incentivo da construção de «casas económicas» por iniciativa de um leque amplo de entidades públicas e privadas: particulares, cooperativas, «sociedades anónimas de habitações económicas», associações de socorro mútuos, instituições de assistência ou previdência, câmaras municipais e instituições do Estado teriam vantagens (fiscais e outras) ao promover conjuntos habitacionais dotados de salubridade (moradias por regra isoladas, sempre com logradouro traseiro e jardim fronteiros, redes de saneamento e iluminação) e equipamentos coletivos (lavadouros, fontanários, escolas e creches), sujeitos a um «preço locativo máximo».”<sup>27</sup>* Em Lisboa foram produzidos bairros como o Bairro da Ajuda/Boa Hora e, no Porto, o Bairro da Arrábida.

---

<sup>25</sup> PORTAS, Nuno - *op.cit.* p.117, l.5-9.

<sup>26</sup> *Ibid.* p.117, l.9-18.

<sup>27</sup> COSTA AGAREZ, Ricardo - *A habitação apoiada em Portugal*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, janeiro de 2020 (ebook).

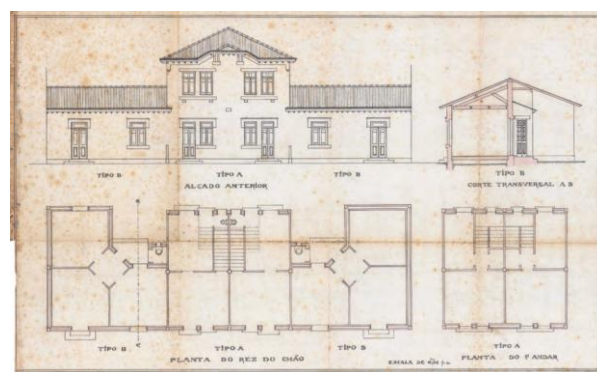
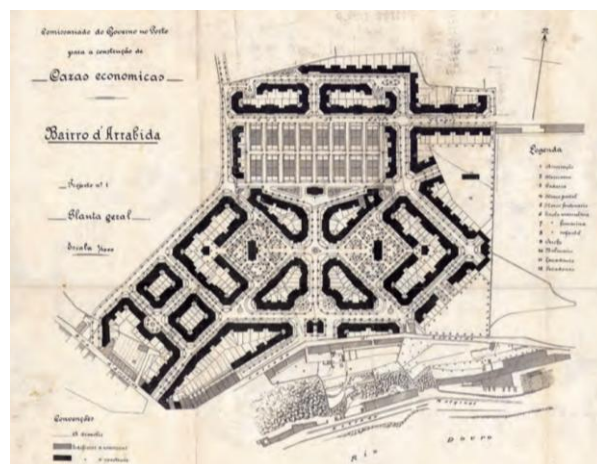
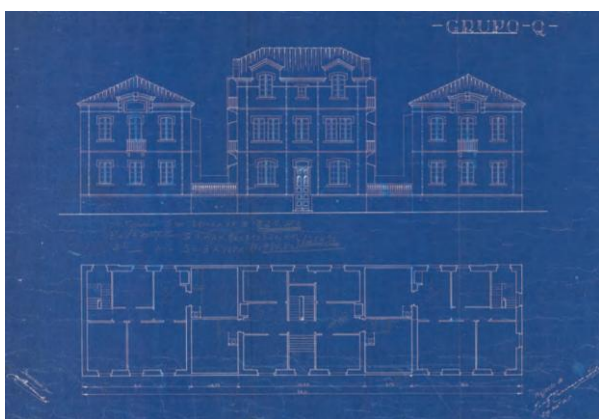


Fig. 6 (esq.) – Bairro económico da Ajuda/Boa Hora, Lisboa, 1918. Fotografia de 1934 cedida pelo ANTT.

Fig. 7 (esq.) – Planta e Alçado, Bairro Económico da Ajuda/Boa Hora, Lisboa, engenheiro Craveiro Lopes, 1918. SIPA/DGEMN

Fig. 8 (dir.) – Planta Geral do Bairro Económico da Arrábida, Porto, engenheiro Gaudêncio Pacheco, 1918. SIPA/IHRU

Fig. 9 (dir.) – Planta e Alçado, Bairro Económico da Arrábida, Porto, engenheiro Gaudêncio Pacheco, 1918. SIPA/IHRU

No texto *A Arquitetura da Habitação no século XX Português*, Portas menciona que o único bairro social novo e com dimensão, em Lisboa, no período republicano, foi o Bairro do Arco do Cego (1919) terminado pelo Estado Novo (1933).<sup>28</sup> O bairro foi projetado pelos arquitetos Adães Bermudes, Frederico Caetano de Carvalho e Edmundo Tavares por encomenda do Ministério do Trabalho incluindo habitação (coletiva e unifamiliar) organizada por ruas centrais amplas, cruzadas ortogonalmente e com equipamentos sociais como hospital, escola e teatro-circo-biblioteca<sup>29</sup>. Apesar disso, o Estado não apoiou as necessidades de habitação social, devido à instabilidade sociopolítica, não tendo efeito na questão, acabando por se destinar às classes altas.

Um exemplo marcante dos bairros económicos deste período foi o Bairro Económico de Olhão (1925) do arquiteto Carlos Ramos, destinado a famílias piscatórias, destacando-se pela utilização da linguagem arquitetónica do lugar com as habitações brancas, as coberturas em terraço com acesso pelo exterior e as escadas apoiadas em arcos característicos da região.<sup>30</sup> O projeto está organizado por bandas de 12 habitações geminadas (duas a duas) em redor de um pátio comum. Dos variados bairros económicos desenvolvidos em Viana do Castelo, Bragança, Covilhã, Lisboa, Vila Viçosa e Portimão, o bairro em Olhão não visou a repetição, enaltecendo as especificidades locais. Durante essas duas décadas, manteve-se a maioria das habitações unifamiliares, verificando-se o mesmo nas cidades de Lisboa e Porto, sendo maioritariamente destinadas a burgueses que de acordo com a historiadora Raquel Henriques da Silva:

*“As tipologias habitacionais variavam entre casa unifamiliar em banda e o prédio coletivo até 8 fogos, distribuídos por dois ou três andares, permitia a sua apropriação por camadas da pequena e média burguesia.”*<sup>31</sup>

As mudanças no parque habitacional vindo do século XIX surgem, em Lisboa e Porto, embora tardiamente, pela densificação a partir dos anos 50. Sobre a década de 1920, o arquiteto Vieira Caldas refere:

*“Assiste-se em Portugal à emergência de três fatores que irão determinar e confrontar a mudança: o uso do betão-armado, nos primeiros tempos requerido pelas obras de exceção e depois generalizado até aos programas habitacionais correntes; a formatura de uma geração de arquitetos que troca o ecletismo da sua aprendizagem por uma conceção claramente modernista da arquitetura; a substituição de um regime republicano vigente por uma ditadura (...).”*<sup>32</sup>

A introdução do betão-armado e ferro como materiais construtivos, beneficiando de gerarem fachadas envidraçadas, marcaram os elementos estruturais e o afastamento de elementos decorativos, simplificando as volumetrias. A arquitetura moderna esteve presente nos anos 20 e 30 pela mão de uma geração de arquitetos como Carlos Ramos (1897-1969), Pardal Monteiro (1897-1990), Rogério de Azevedo (1898-1983), entre outros.

<sup>28</sup> PORTAS, Nuno - *op. cit.* p.117, l.60-67.

<sup>29</sup> BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried – *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.162/163.

<sup>30</sup> *Ibid.* p.165.

<sup>31</sup> HENRIQUES SILVA, Raquel – “A «Casa Portuguesa» e os Novos Programas 1900-1920” in BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.20, l.1-6.

<sup>32</sup> VIEIRA CALDAS, João - “Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo” in BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.23, l.19-32.



Fig. 10/11 (esquerda) - Bairro Social do Arco do Cego, Lisboa (1919-1933), Habitações unifamiliares e Habitações Coletivas, 1935. ANTT  
 Fig. 12/13 (direita) – Bairro Económico de Olhão (1925), Fotografia Inácio Peres Fernandes, 2011 e Postal com vista geral do Bairro.

A mudança de regime para ditatorial em 1926 e o Estado Novo em 1933 alterou o panorama. No Estado Novo, a crescente linguagem moderna torna-se contraditória à realidade nacionalista da época. Algumas obras seguem a arquitetura do regime demonstrando-se, de acordo com Vieira Caldas:

*“(...) modelos do estereótipo pretensamente nacionalista, que na verdade não difere muito dos modelos italianos e espanhóis correspondentes, baseado na estilização de termos construtivos e decorativos historicistas.”<sup>33</sup>*

Além disso, o arquiteto Nuno Teotónio Pereira refere também:

*“Para os grandes edifícios públicos, como universidades, cineteatros e tribunais (apelidados correntemente de palácios da justiça), o carácter dominante era de uma monumentalidade retórica de raiz clássica, muito próxima dos modelos alemães ou italianos da época. Tratava-se de exprimir o poder do Estado e de incutir nos cidadãos os valores de autoridade e da ordem.”<sup>34</sup>*

Não existia grande preocupação do regime pela forma como era produzida a arquitetura nos primeiros anos da ditadura, possibilitando o moderno crescer, embora, mais tarde, tenha sido travado, passando as obras de carácter moderno a serem consideradas anti regime. Segundo Teotónio Pereira no texto *Arquitetura do Regime, 1938-1948*, dentro do Estado apresentavam argumentos como:

*“Os fundamentos para a primeira daquelas acusações não faltavam: alguns dos edifícios modernos, inspirados em modelos da Europa Central ou do Norte, com janelas amplamente rasgadas, não dispunham de proteção contra o sol excessivo do Verão dos países meridionais; por outro lado, a incipiência das técnicas para impermeabilização de coberturas horizontais dava lugar a frequentes infiltrações da água da chuva.”<sup>35</sup>*

Apesar destes argumentos pouco fundamentados, o arquiteto defende:

*“(...) as deficiências apontadas poderiam ter sido superadas à custa da experiência, ao longo de um processo crítico que o desenvolvimento da própria arquitetura exigia. O que aconteceu foi que esta arquitetura vanguarda foi sufocada à nascença por razões políticas e ideológicas, não se tendo permitido que dessa experiência se tirassem benefícios.”<sup>36</sup>*

Muitos arquitetos tiveram de seguir uma linguagem de acordo com o Estado Novo. Intervenções com programas diversos surgiram como a Praça do Areeiro (Lisboa 1938-1943/49) de Cristino da Silva que, mais tarde, em 1948, produz a Cidade Universitária de Coimbra, entre outras. Rapidamente são replicados modelos de habitação por todo o país seguindo os “valores tradicionais portugueses”. *A Casa Portuguesa* do arquiteto Raul Lino (1879-1974) enfatiza os valores tradicionais apoiados pelo regime e demonstra oposição aos modernos da altura. Lino publica *A nossa Casa* em 1918, em 1924, *A Casa Portuguesa* e, em 1933, *Casas Portuguesas*, propagando uma vertente tradicional que estagnou e não se adaptou aos novos modos de habitar e conduziu a produções repetidas e gerais.

---

<sup>33</sup> *Ibid.* p.30, l.67-73.

<sup>34</sup> TEOTÓNIO PEREIRA, Nuno – “A Arquitetura do Regime, 1938-1948” in BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.36, l. 78-87.

<sup>35</sup> *Ibid.* p.33, l. 73-82.

<sup>36</sup> *Ibid.* p.33, l. 82-89.

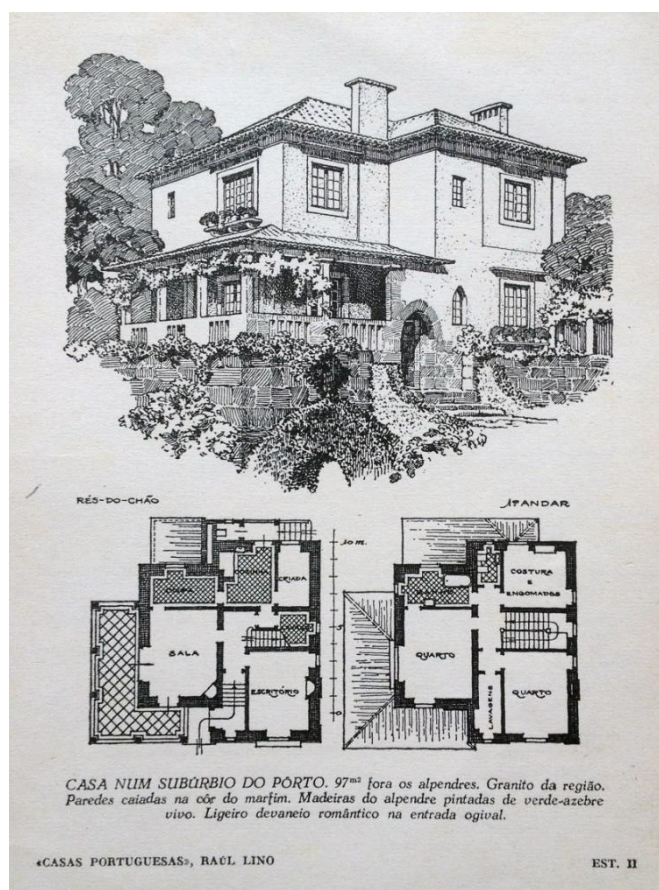


Fig. 14 – Praça do Areeiro (atual Praça Sá Carneiro) (1938-1943/49), fotografia de António Passaporte, Lisboa, anos 40, AML.

Fig. 15 – *Casas Portuguesas* (1933), Raul Lino, Habitação unifamiliar, Porto.

As Casas Económicas (1933) promoveram habitação para que o regime suportasse o aumento populacional em Lisboa e Porto dada a insuficiência de habitação. O intuito era albergar populações desfavorecidas, todavia estas eram deslocadas na sua maioria para as periferias das cidades, aumentando a distância de trabalho-casa, retirando a população inicialmente centralizada (como no caso das *ilhas* do Porto). Estes bairros não conseguiram suportar o aumento populacional pela persistência de manter o modelo de uma família e de uma habitação. Nos apoios do Estado acrescentaram-se as Casas para famílias Pobres e as Casas para Pescadores<sup>37</sup> (1945).

Em 1947, Fernando Távora escreveu *O Problema da Casa Portuguesa* onde manifestou inquietações contra uma só arquitetura. O arquiteto evidencia a perda de “*carácter*”, uma falsa interpretação da arquitetura portuguesa. Em *Para uma Arquitetura Portuguesa de hoje* afirma que a habitação deve corresponder às necessidades e ser produto das vivências da época e do lugar, desenvolvendo três parâmetros necessários para a prática da arquitetura: *Do meio Português, o Homem e a Natureza* como elementos principais, analisando a história portuguesa e trazer potencialidades para o seu presente. *Da Arquitetura Portuguesa existente e Da Arquitetura e das possibilidades da construção moderna no Mundo*, adaptando e integrando ao contexto nacional.

Segundo Rui Ramos, outras formas de lutar contra o regime foi “*a divulgação regular da arquitetura e urbanismo internacional, (...) pela mão de Nuno Portas.*”<sup>38</sup>

O ICAT (Iniciativas Culturais Arte e Técnica) criado em 1946 e liderado pelo arquiteto Keil do Amaral e ODAM (Organização dos Arquitetos Modernos) em 1947, orientado por Arménio Losa.<sup>39</sup> Keil do Amaral tentou revogar as diretrizes do regime manifestando que esta arquitetura era «(...) *cenografia pretensiosa, feita de arcarias despropositadas, complicadas chaminés, retorcidos e abundantes ferros-forjados... portas super-barrocas, falsos andares nobres*»<sup>40</sup> e criticava «*colegas que se dedicaram a procurar das revistas alemãs ou de outras nacionalidades modelos para as obras de saber português que tanto encantavam os mentores da campanha pró-arquitetura nacional*».<sup>41</sup>

Em 1948, com o I Congresso Nacional de Arquitetura reforçou-se o desagrado da área pelo regime conservador, apoio à Carta de Atenas e do moderno, graças aos jovens que se impunham. Várias encomendas de projetos foram entregues a estes novos arquitetos com novas oportunidades arquitetónicas e com programas como Câmaras Municipais, Caixas de Providência, Igrejas, planos urbanísticos e habitacionais, entre outros.

<sup>37</sup> COSTA AGAREZ, Ricardo - *Habitação: 100 anos de políticas públicas em Portugal 1918-2018*, Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbanas, Dezembro de 2018. ISBN 978-972-27-2711-2. p.198, l.8-12

<sup>38</sup> RAMOS, Rui - *A Casa unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa: Mudança e Continuidade no espaço doméstico na Primeira metade do século XX, vol. 1.*, Porto: Universidade do Porto, Tese de Doutoramento. 2004. p.670, l.22-23.

<sup>39</sup> *Ibid.* p. 344, l. 2-11.

<sup>40</sup> TEOTÓNIO PEREIRA, Nuno – *op.cit.* p.37, l. 27-31.

<sup>41</sup> KEIL DO AMARAL *cit in* TEOTÓNIO PEREIRA, Nuno – “A Arquitetura do Regime, 1938-1948” *in* BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.37, l. 31-36.

Nos anos 40 e 50 vai progressivamente desaparecendo o “portuguesismo”, com o *Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa* (1961) que demonstrou a multiplicidade e complexidade da arquitetura vernacular.

A geração dos anos 10 com Keil do Amaral (1910-1975), Losa (1908-1988), Januário Godinho (1910-1990), Viana de Lima (1913-1991), a geração dos anos 20 com Fernando Távora (1923-2005) e Nuno Teotónio Pereira (1922-2016) e, dos anos 30, com Nuno Portas (1934-) e Álvaro Siza Vieira (1933-) foram ao encontro da valorização do contexto, do lugar e deram continuidade ao moderno.<sup>42</sup>

Na década de 1950 intensificaram-se os debates proveitosos sobre a arquitetura moderna, assumindo um papel principal, na produção arquitetónica de tradição e de modernidade, consolidando-se nacionalmente. Em 1952, Nuno Teotónio Pereira orientou o MRAR (Movimento de Renovação da Arte Religiosa) e, de 1953 a 1958, encarregou-se do programa de habitação social. Em Lisboa, no mesmo ano, reuniram-se vários países no III *Congrés del'Union Internationale des Architects (UIA)*, numa tentativa de expor o país ao exterior. No final da mesma década, os arquitetos portugueses vão de encontro aos “*movimentos de contestação internacional ao modelo moderno, preconizado nos CIAM*”<sup>43</sup>, onde Viana de Lima e Távora se destacaram em 1953.

No Porto, os arquitetos Arménio Losa e Cassiano Barbosa desenvolveram o Bloco da Carvalhosa (1945-1949) derivado da necessidade de habitação coletiva na cidade. O projeto agregou quatro lotes estreitos e profundos típicos portuenses. O edifício é recuado em relação à Rua da Boavista para diminuição da poluição sonora. Destacam-se os elementos da escadaria coletiva e a entrada. A orientação solar é norte/sul e os fogos apresentam as zonas de serviços a norte e quartos/espacos de estar a sul, com destaque da sala que tem relação com as duas orientações, sendo a organização racional com a separação das áreas comuns e das privadas. Os arquitetos queriam no projeto uma extensão de sala, um “terraço-solário” que não lhes foi permitido, transformando-se num “saguão”.<sup>44</sup> O edifício integra uma lavandaria coletiva, conduta para lixos (desativada) e o espaço interior do lote tem um conjunto de garagens individuais com cobertura percorrível.

---

<sup>42</sup> TOSTÕES, Ana – “Modernização e Regionalismo, 1948-1961” in BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.41, l.52-75.

<sup>43</sup> RAMOS, Rui – *op.cit.* p.670, l.12-14.

<sup>44</sup> BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried – *op.cit.* p.202.

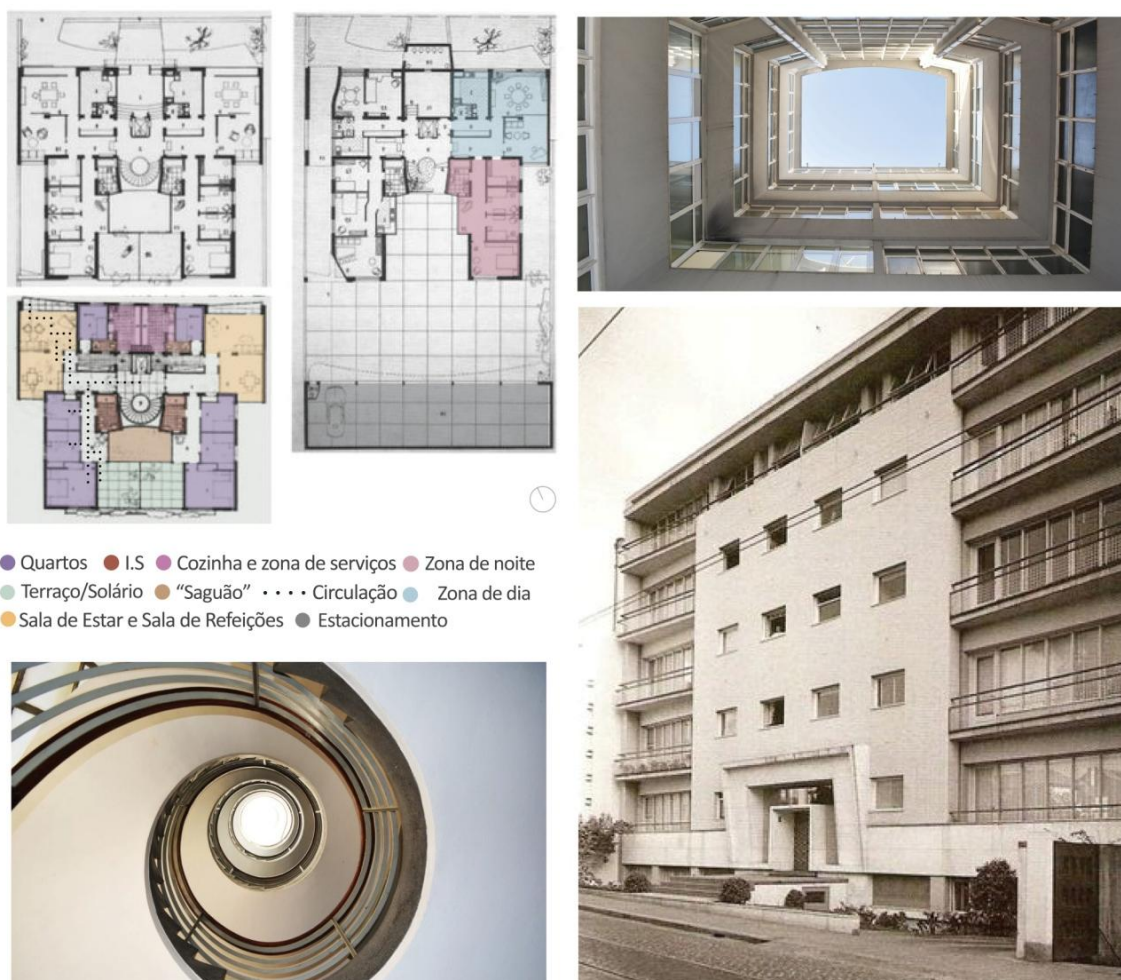


Fig. 16 – Plantas, esquema de espaços, Bloco da Carvalhosa (1945-1949), Porto.

Fig. 17/18 – Escadaria e Saguão, Bloco da Carvalhosa (1945-1949), Porto.

Fig. 19 – Bloco da Carvalhosa (1945-1949), Porto.

Em Lisboa, o arquiteto Faria da Costa projetou o Bairro de Alvalade (1945) (Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro de Faria da Costa) que Portas considera ser o primeiro para habitação social e “*um estaleiro de inovações técnicas como um exemplo de mix social e de atividades e espaços livres generosos, na sua grande maioria privados sem procurar rutura com os conceitos de avenida, rua e edificação contínua, de média altura.*”<sup>45</sup> Posteriormente e de acordo com o modelo Corbusiano seguiram-se o Bairro das Estacas dos arquitetos Formosinho Sanchez e Ruy d’Athougia em Lisboa, e, no Porto, Távora projetou o Conjunto Residencial de Ramalde. O Bloco das Águas Livres (Lisboa) de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral é também um projeto marcante deste período.

O projeto do Bairro das Estacas (1949-1955), localizado na célula 8 do Bairro de Alvalade, aplica os princípios da Carta de Atenas: a perda do conceito de quarteirão, relação perpendicular entre os blocos habitacionais e o eixo de viação, o espaço amplo público, os blocos elevados criando transparência por *pilotis* no piso 0 e a negação de alçado frontal e tardoz. A estrutura é em betão-armado, a cobertura com chapa ondulada e controlo na incidência solar na fachada poente. Os fogos são em duplex, para contornar a legislação que não incluía elevador com o máximo de 4 pisos<sup>46</sup> para escada coletiva, com cobogó em betão nas zonas de serviço para ventilação e varandas corridas. A obra caracteriza-se pela simplificação geométrica, similaridade entre fachadas e assume o papel funcional.



Fig. 20 – Plano de Urbanização da zona a sul da Av. Alferes Malheiro (1945), Faria da Costa, esquema de células.

<sup>45</sup> PORTAS, Nuno – *op. cit.* p.119, l. 47-53.

<sup>46</sup> BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried – *op. cit.* p.196/197.

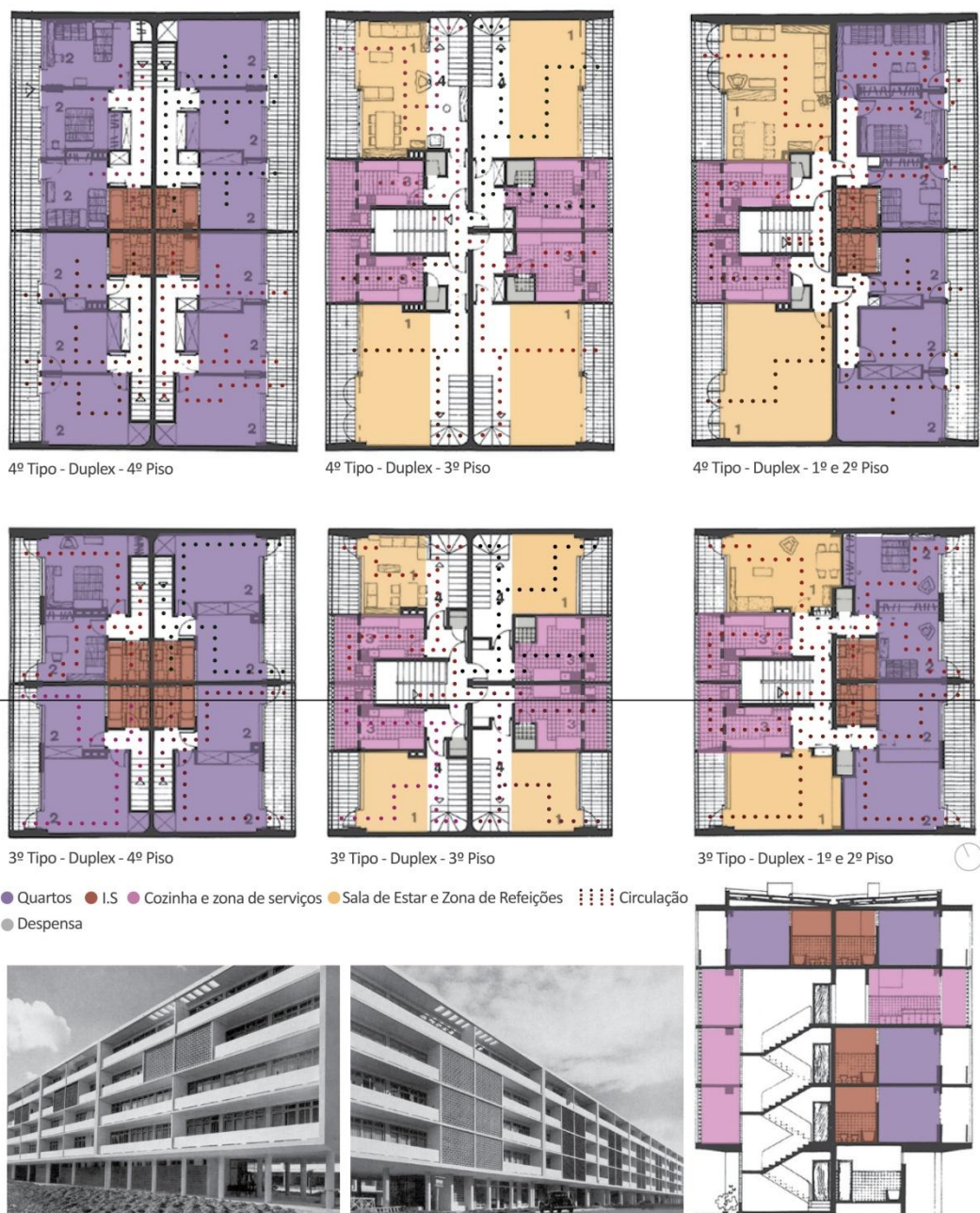


Fig. 21/22 – Plantas piso tipo e Corte, Bairro das Estacas (1949-1955)– esquema de espaços e circulação.  
 Fig. 23/24 - Bairro das Estacas (1949-1955), fachada nascente e fachada poente (respetivamente).

O Bloco das Águas Livres (1953-1955) tem como programa habitação, serviços e comércio com um acesso pedonal por um lance de escadas que marca a transição público-privada e um acesso que permite o automóvel. A circulação do edifício funciona por acessos diversos entre galeria nas zonas de serviços e ruas interiores. O projeto valoriza as artes plásticas com obras de Almada Negreiros, Manuel Cargaleiro, etc.<sup>47</sup> A orientação solar é Nascente/Poente. As fachadas são diferentes, tendo a fachada principal a Nascente marcada pela força das cores e texturas, vãos variados, varandas inclinadas, e a fachada Poente marcada pela horizontalidade das galerias e torre de acessos verticais (elevadores e escadaria). O edifício com estrutura em betão-armado, tem 12 pisos, 8 deles são de habitação, localizados entre o piso 4 e o piso 11 (com a habitação do porteiro no último piso). Relativamente às áreas destinadas aos residentes, as zonas coletivas são uma lavandaria no piso 2, sala de condomínio no piso 12 (*rooftop*) e outros destinados a arrecadação, etc.<sup>48</sup> Os fogos são versáteis e com carácter funcional, existindo 4 tipos onde alteram as dimensões dos espaços e organização. O projeto introduziu soluções arquitetónicas inovadoras para a cidade.

No mesmo período, no Porto, o Conjunto Residencial de Ramalde (1952-1960) foi encomendado pela Federação de Caixas de Providência, sendo um conjunto faseado por três momentos em que Távora é o responsável por dois. Na primeira fase, o projeto integra um conjunto de 11 blocos com 3 pisos e com 78 fogos T2, 96 fogos T3 e 12 fogos T4<sup>49</sup>, orientados nascente/poente, em acesso vertical múltiplo, cobertura plana e com espaço verde com percursos em redor. Os fogos contêm as zonas de estar a poente com varanda, as zonas de serviços, cozinha e instalação sanitária agrupadas a nascente e com ligação a uma varanda recuada onde previa um tanque de lavagem e conduta para lixos, e os quartos com acesso por um pequeno *hall*. Na segunda fase foram construídos 240 fogos, sendo 36 fogos T2, 108 fogos T3 e 96 fogos T4<sup>50</sup> entre 3 e 4 pisos com cobertura de duas águas. O projeto focava-se no máximo funcional e racional possível, mantendo soluções arquitetónicas similares entre as duas fases para adequar às necessidades mínimas dos ocupantes.

A habitação da primeira metade do século XX foi ao encontro da adaptação aos novos modos de habitar, desde a passagem do elemento central para a compartimentação em diversos espaços, chegando à habitação coletiva. A habitação era maioritariamente unifamiliar, somente nos anos 40/50, se deu a transição para habitação coletiva nas cidades.

---

<sup>47</sup> *Ibid.* p.218/219.

<sup>48</sup> *Ibid.* p.218.

<sup>49</sup> MILHEIRO, Ana Vaz - *Habitar em coletivo: Arquitectura Portuguesa antes do S.A.A.L.* Lisboa: Dep. Arquitetura e Urbanismo do ISCTE-IUL, Maio de 2009. p.30, l.18-19.

<sup>50</sup> *Ibid.* p.31, l. 12-15.



Fig. 25/26 (esquerda) – Fachadas Nascente e Alçado Poente, Bloco das Águas Livres (1953-1955), Teotónio Pereira e Costa Cabral.  
 Fig. 27 – Planta piso 4 e esquema de espaços e circulação, Bloco das Águas Livres (1953-1955), Teotónio Pereira e Costa Cabral.  
 Fig. 28/29/30 (direita) - Galeria da fachada poente, terraço e escadaria de acesso ao edifício Bloco das Águas Livres (1953-1955).  
 Fig. 31 – Cortes transversais e longitudinal, Bloco das Águas Livres (1953-1955), Teotónio Pereira e Costa Cabral.



● Quartos ● I.S. ● Cozinha ● Sala de Estar ..... Circulação

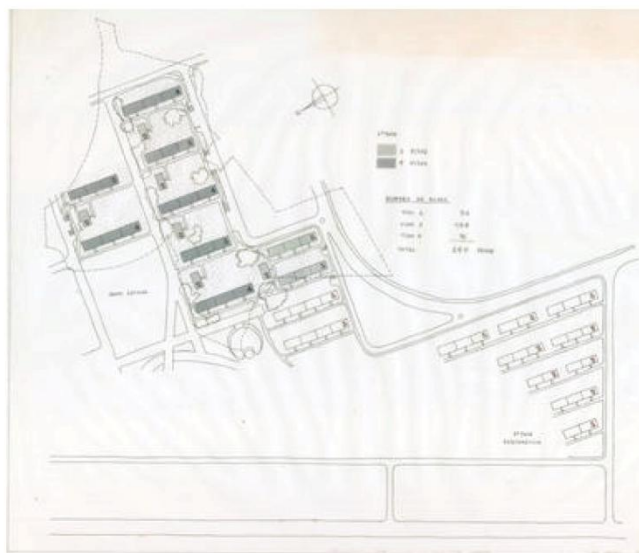


Fig. 32 – Fachada Poente, Conjunto Residencial de Ramalde (1952-1960).

Fig. 33 – Planta piso tipo e esquema de espaços e circulação, Conjunto Residencial de Ramalde (1952-1960).

Fig. 34 – Planta de Implantação, Conjunto Residencial de Ramalde (1952-1960), Fernando Távora, fase 1 e 2. Fundação Marques da Silva.

### 1.3. Dinâmicas familiares na 2ª metade do século XX: As transformações nos jovens adultos e seniores

O processo de industrialização contribuiu para o despovoamento do interior com o consequente aumento da população urbana em algumas cidades do litoral. A industrialização, a guerra colonial dos anos 60 e a emigração associam-se à modernização, originando mudanças sociais. Em Portugal, mantém-se o poder marital e de chefe de família. O analfabetismo manteve-se elevado, 32,8%<sup>51</sup> da população nos anos 60. A maioria estudava até à quarta classe (manual único) e poucos prosseguiram os estudos para o secundário e universitário. A população tinha acesso difícil à arte e cultura devido à censura. A insuficiência de infraestruturas e transportes públicos aumentava a separação do norte e sul, do litoral e do interior. As cidades como Lisboa, Porto e outras densificaram.

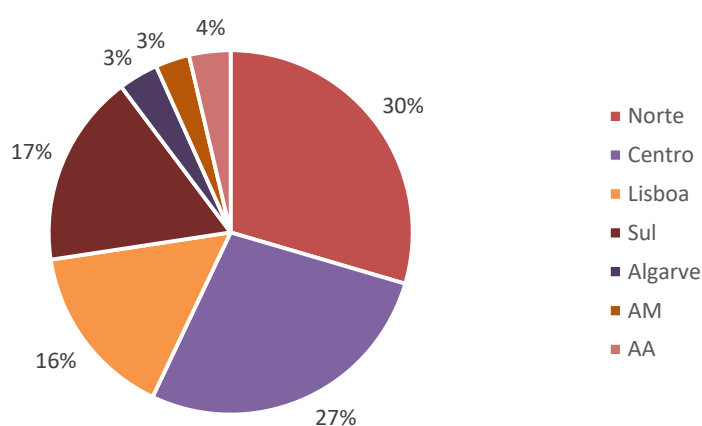


Fig. 35 – População Residente (%) por Local de Residência, Portugal, 1960. Fonte: INE.<sup>52</sup>

Em 1960, os distritos de Lisboa (16%) e Porto (13%) concentravam 29% da população e as regiões Norte, Centro e Lisboa representavam 73%. A revolução de 1974 alterou o comportamento da vida coletiva e privada, o trabalho, a educação e a saúde. O serviço médico estendeu-se aumentando os equipamentos públicos de saúde e construíram-se novas escolas, correios e serviços em todo o país. A Constituição é para todos, proibindo-se a discriminação e a família é responsabilidade de ambos os cônjuges. Na indústria a mão-de-obra era pouco qualificada e a economia registou o desenvolvimento do turismo, com o interesse do norte da Europa por Portugal, principalmente pelo Algarve. A especulação imobiliária favoreceu a perda de identidade de muitos locais turísticos e a construção em massa. As Câmaras Municipais revalorizaram o poder local e desenvolveu-se a relação com a Europa com a entrada de Portugal em 1986 na CEE.

<sup>51</sup> PORDATA - Taxa de Analfabetismo: total e por sexo [em linha]. [consult. 16-10-2020]. Disponível: <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>

<sup>52</sup> INE – População residente (%) por local de residência [em linha]. [consult. 5-1-2021]. Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2)

A agricultura perde relevo na economia. Portugal tornou-se atrativo para imigrantes aumentando a diversidade. No que respeita à família, reforçam-se os apoios alargando a escolaridade obrigatória e as políticas sociais. Apesar da partilha de responsabilidades na família, a mulher manteve o trabalho relativo à casa, o que resultou, muito frequentemente, na desvalorização do duplo papel. Nos anos 90 vive-se uma fase de prosperidade. O abandono dos campos continuou, trabalhando-se, principalmente, na indústria e nos serviços. Em 1990, o setor terciário já representava 47,7%<sup>53</sup> e no fim da década atingiu 52,7%<sup>54</sup> (metade da população). Desde a década de 1980 que Portugal não assegura a renovação das gerações, promovendo-se a natalidade devido ao envelhecimento da população.

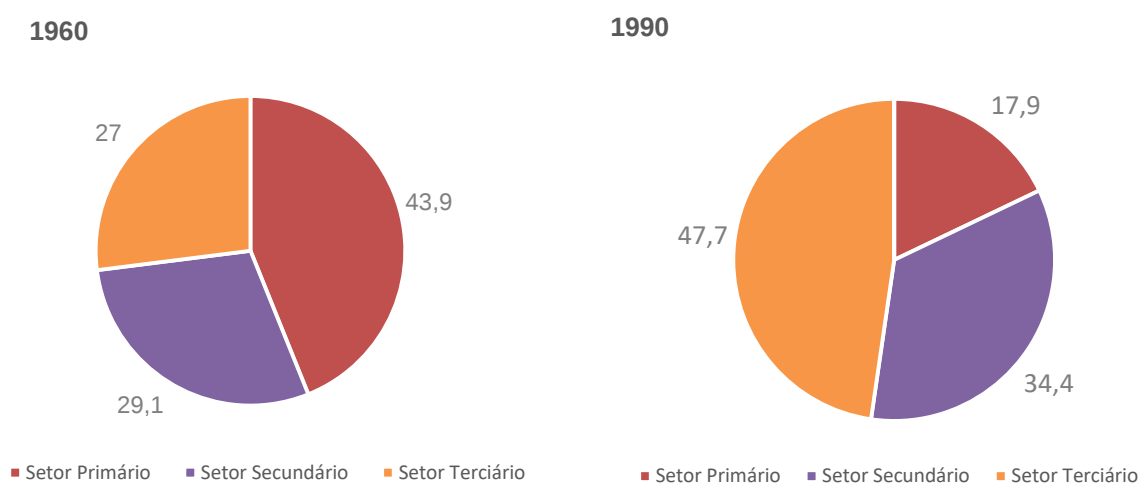


Fig. 36/37 – População empregada: Setores de atividade (%), Portugal, em 1960 e 1990 (respetivamente). Fonte: Pordata.<sup>55</sup>

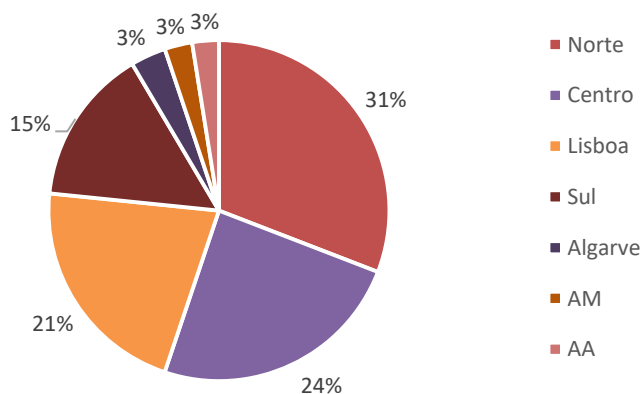


Fig. 38 – População Residente (%) por Local de Residência, 1981. Fonte: INE.<sup>56</sup>

<sup>53</sup> PORDATA - População empregada: setores de atividade (%) 1990 [em linha]. [consult. 6-1-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819990>

<sup>54</sup> PORDATA - População empregada: setores de atividade (%) 2000 [em linha]. [consult. 6-1-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819990>

<sup>55</sup> PORDATA - População empregada: setores de atividade (%) 1960 e 1990 [em linha]. [consult. 6-1-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819990>

<sup>56</sup> INE - População Residente (%) por Local de Residência, 1981 [em linha]. [consult. 8-3-2021]. Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2)

A mobilidade da população jovem do interior para o litoral acentua o envelhecimento das zonas de partida e o rejuvenescimento das zonas de chegada. Constatou-se o aumento da população no Porto (15,5%) e Lisboa (21%) em 1981, onde a oferta de emprego e acesso ao ensino (também importante destaque para Coimbra) se concentravam, tendo como consequência a fixação definitiva. Os jovens adultos assumem nova posição na família procurando experiências novas, alterando os modos de viver e, consequentemente, os modos de habitar. Estes (faixa etária 18-34 anos) já tinham filhos, emancipavam-se mais cedo, menos escolaridade e iam trabalhar precocemente. Gradualmente foi-se alterando, principalmente nos anos 80, com as transformações sociais e com a liberdade criaram-se mais opções e mais possibilidades. A vida noturna modificou a realidade dos jovens, começando-se a assistir à individualização, à valorização do lazer e de liberdade. Estes começaram a aumentar o nível de escolaridade, a sair cada vez mais tarde de casa dos pais e a estudar, em parte, noutros locais fora o de origem. Em relação aos seniores constituíam pequena parte da população portuguesa, tendo vindo a aumentar em combinação com o aumento da esperança de vida e melhoria da qualidade de vida. O sénior do século XX era consideravelmente diferente do atual, sendo debilitado por motivos de saúde e falta de assistência médica (quase até aos anos 80) e culturalmente estagnado. Além disso, a mortalidade era elevada e a esperança média de vida era de apenas 64<sup>57</sup> anos de idade. Atualmente não seria considerado idoso (só a partir de +65 anos de idade). Em 1962 o sistema da reforma foi instituído, reestruturado e alargado a todas as necessidades gerais englobadas para velhice, invalidez e morte.<sup>58</sup> A maioria vivia integrados e próximos dos filhos, estando diversas gerações na mesma habitação ou no mesmo local de residência, separando-se gradualmente até ao fim do século XX. A institucionalização do idoso iniciou-se não relacionada com a faixa etária mas com doença. De acordo com o artigo *A Pessoa Idosa institucionalizada: depressão e suporte social* (2011) de Maria João Neto e Judite Corte-Real:

*“Em Portugal, a institucionalização é feita maioritariamente através de entidades privadas lucrativas e não lucrativas; destas últimas ressaltam-se as IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) que surgiram em 1976 e, são até hoje, as instituições que disponibilizam um maior número de serviços para a população idosa, (...)” (Despacho Normativo n.º 12/98 de 25 de Fevereiro, Carvalho, 2006)<sup>59</sup>*

Posto isto, verifica-se a melhoria global na vida, na saúde, na educação, no trabalho e no ambiente familiar e o início da diminuição da hierarquia entre pais e filhos, a transformação dos modos de habitar dos jovens adultos e dos seniores.

<sup>57</sup> PORDATA – Esperança de vida à nascença [em linha]. [consult. 8-3-2021]. Disponível:

<https://www.pordata.pt/Europa/Esperanca%20a%20nascenca+de+vida+%20ao+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo-1260>

<sup>58</sup> BBVA – Reforma [em linha]. 07 Janeiro 2019 [consult. 20-3-2021]. Disponível: <https://www.aminhapensao.pt/pt/blog/historia-da-seguranca-social-parte-i.html>

<sup>59</sup> NETO, Maria João; CORTE-REAL, Judite - *A Pessoa idosa institucionalizada: Depressão e suporte social*, Lisboa: ISPA-IU, 2011.p.3, l.12-27.



Fig. 39 – Revolução de 1974, Largo de Camões, fotografia Estúdio Horácio Novais, 25/4/1974.  
Fig. 40 – Vida noturna, Bairro Alto, anos 80, Lisboa.

## 1.4. Habitação na 2ª metade do século XX:

### A Revolução de 1974, a arquitetura e as novas políticas de habitação e Arquitetura

Em 1961 foi publicado o *Inquérito à Arquitetura Popular* (1955-1960) que demonstra, segundo Rui Ramos:

*“(...) uma re-interpretação arquitetónica do Movimento Moderno internacional, capaz de reconhecer a nossa especificidade, numa postura realista, interessada em incluir no processo criativo não só um código plástico, mas também de nele refletir o habitante e a sua cultura espacial no quadro das suas condições socioeconómicas. O Inquérito é um manifesto.”*<sup>60</sup>

Este inquérito está diretamente relacionado com a tendência da arquitetura do momento, sendo levado aos CIAM “*contra ortodoxia do movimento moderno e a favor da sua revisão.*”<sup>61</sup> Assiste-se à preocupação pelo habitante devido às alterações nos modos de habitar que segundo Costa Agarez:

*“(...) o habitat era um novo conceito que incluía vertentes urbanísticas e arquitetónicas da casa («habitação») mas ia mais além, procurando compreender as práticas quotidianas dos moradores às várias escalas (individual, de família e de vizinhança), filtrá-las por processos científicos (inquéritos, observações) e incorporá-las na conceção de novos alojamentos.”*<sup>62</sup>

Para resolver as carências da habitação nas cidades foram criados o GTH (Gabinete Técnico de Habitação, 1960) com programas como as Casas Económicas da DGEMN (1938-1969), o Gabinete de Estudos da Habitação da DGSU (Direção Geral dos Serviços de Urbanização e as Habitações Económicas (1958-1972), que geraram iniciativas como o Plano dos Olivais Norte e Olivais Sul, Chelas e Montes Claros, com o objetivo de albergar 120 mil pessoas em 23 mil fogos<sup>63</sup> em regime de arrendamento. O desejado modelo unifamiliar do regime agravava a situação das cidades, sendo descontextualizado da necessidade urbana do crescimento de habitação social coletiva. Em relação às intervenções no âmbito da habitação na expansão das cidades, de acordo com Sérgio Fernandez:

*“A expansão planificada das cidades ficará a dever-se a grandes intervenções, onde, com fins diversos são estabelecidos padrões de economia razoavelmente limitados: no Porto, os bairros camarários, como o da pasteleira, com seiscentos fogos, para alojamento das camadas de menores recursos que vivem em deploráveis condições, em locais centrais entretanto sobrevalorizadas; em Lisboa, os Olivais Norte e Sul, de muito maior escala, e, em 1962, Chelas.”*<sup>64</sup>

<sup>60</sup> RAMOS, Rui – *op.cit.* p.322, l.5-10.

<sup>61</sup> *Ibid.* p.322, l.13-14.

<sup>62</sup> COSTA AGAREZ, Ricardo – *A habitação apoiada em Portugal*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, janeiro de 2020 (ebook).

<sup>63</sup> *Ibid.*

<sup>64</sup> FERNANDEZ, Sérgio, “Arquitetura Portuguesa, 1961-1974” in BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.57, l. 6-15.

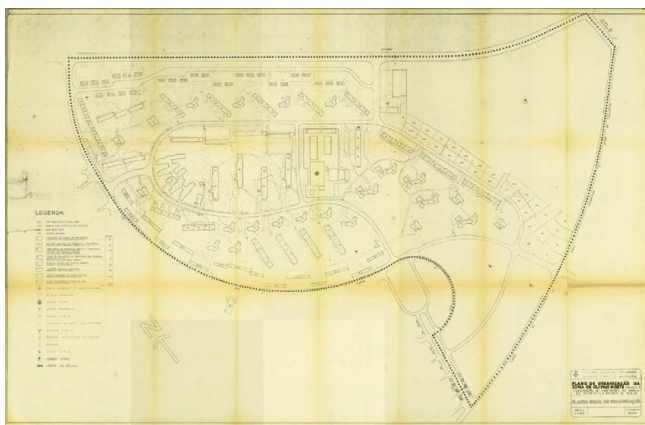
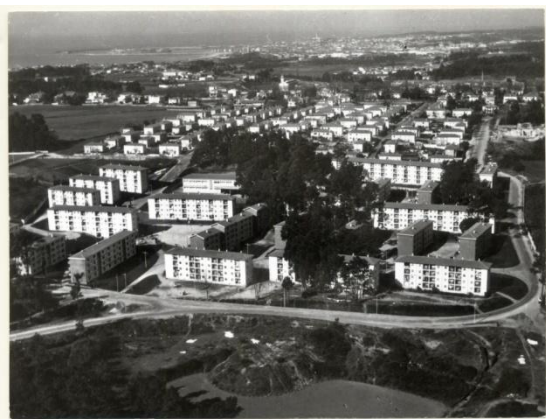


Fig.41 – Bairro da Pasteleira (1957-1960), Bairros Camarários do Porto (1956-1959), fotografia dos anos 60. CMP.  
 Fig. 42/43 (direita) – Planos de Urbanização dos Olivais Norte (1959-1960) e dos Olivais Sul (1961), 1968, Lisboa. AML.  
 Fig. 44 – Plano de Urbanização Chelas (1962), Lisboa.

A cidade torna-se preocupação para os arquitetos, destacando-se Nuno Portas, sobre a reflexão das questões sociopolíticas e torna relevantes para os processos de urbanização, de projeto e da obra. A luta da arquitetura dedica-se à melhoria das cidades, tornando-se evidente o problema da especulação imobiliária, com o crescimento de produções em massa, associados a uma falta de planeamento. Sobre a especulação imobiliária nas cidades portuguesas em crescimento exponencial, Sérgio Fernandez refere:

*“(...) a adoção anárquica, casuística e sem escala de bloco, desligado das estruturas urbanas existentes ou dos seus previsíveis prolongamentos, conferirá, em especial, às periferias das nossas cidades, alvos preferidos da especulação de mais baixo nível e de mais rápida rentabilidade, (...), quer sob o ponto de vista paisagístico quer sob o da própria vivência, privada de naturais ligações, de espaços de encontro ou de qualquer racionalidade na distribuição de funções.”<sup>65</sup>*

Além disso, sobre a especulação imobiliária devido ao turismo algarvio, Ana Tostões refere também que *“tenderá a banalizar-se perversamente no decorrer dos anos 60, conduzindo à destruição sem lei do território, sobretudo o Sul do país no litoral algarvio.”<sup>66</sup>* O problema da habitação permanece por resolver, criando o Plano Intercalar de Fomento (1965-1967). O objetivo era compreender os problemas, originando o III Plano de Fomento que, mais tarde, conduziu ao FFH (Fundo Fomento da Habitação), em 1968, com o intuito de promover habitação social para populações desfavorecidas e necessidade de construção de por volta de 50 mil fogos.<sup>67</sup> Desde a década de 1950 até 1974, há momentos de produção arquitetónica de qualidade. O 25 de abril de 1974 firmou a possibilidade de novos caminhos e citando Sérgio Fernandez:

*“Nele residia a esperança de uma participação popular em moldes radicalmente distintos. Nesse novo contexto, as intervenções arquitetónicas levariam a cabo no âmbito do SAAL poderiam vir a ser um embrião de uma ação disciplinar estruturalmente mais avançada.”<sup>68</sup>*

A década de 1970 foi marcada pelo programa SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) destinado à construção de habitação para as populações desfavorecidas, com vários locais de intervenção. O SAAL foi um grupo organizado pelo FFH (Fundo de Fomento da Habitação). Nuno Portas fez despacho em que tinham de organizar associações e existia um subsídio de fundo perdido, onde evidenciava o intuito de mão-de-obra pelos moradores, a autoconstrução.

*«A arquitetura portuguesa, a cultura arquitetónica portuguesa do 25 de Abril é o SAAL. Portanto, o SAAL representa tudo aquilo que é não só de representação arquitetónica, mas de reflexão sobre essa produção arquitetónica se processou em Portugal, nessa margem de tempo que se deu ao 25 de Abril.»<sup>6970</sup>*

<sup>65</sup> FERNANDEZ, Sérgio – *op.cit.* p.57, l.33-44.

<sup>66</sup> TOSTÕES, Ana – *op.cit.* p.47, l.90-94.

<sup>67</sup> PORTAL DE HABITAÇÃO – *Resumo histórico do IHRU* [em linha]. [consult. 20-3-2021]. Disponível: [https://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/Resumo\\_historico.html](https://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/Resumo_historico.html)

<sup>68</sup> FERNANDEZ, Sérgio – *op.cit.* p.62, l.44-50.

<sup>69</sup> *As Operações SAAL*. Realização de João Dias. Portugal: Optec, 2007 (120 min): Cor, P&B.

<sup>70</sup> O filme *As Operações SAAL* conta com depoimentos de Álvaro Siza, Eduardo Souto Moura, Nuno Portas, Gonçalo Byrne, Alexandre Alves Costa, Nuno Teotónio Pereira, Manuel Vicente, Raúl Hestnes Ferreira, José Veloso e dos moradores dos bairros SAAL.

A escassez de suportes capazes de albergar os que se mudaram para as cidades, provocaram uma imensidão de construções clandestinas. Os bairros de lata tornaram-se um problema, mais de três milhões de portugueses<sup>71</sup> viviam ainda mal alojados. O coordenador do SAAL Algarve, o arquiteto José Veloso, refere que o importante era ser uma ação rápida.<sup>72</sup> No Algarve a autoconstrução resultou, mas não foi bem aceite em todos os locais. O Porto foi um caso particular que resultou num produto arquitetónico diferente do resto do país, que segundo Alves Costa, os projetos do SAAL Porto eram feitos “*não para expansão, mas para consolidação e ordenamento da cidade.*”<sup>73</sup> Entre 1974 e 1976 verificaram-se diversos experimentos “*(...) sejam bandas de cerca relativamente baixa e acessos diretos às habitações, como no Restelo (em Lisboa), de Teotónio Pereira, ou na Bouça (no Porto), de Álvaro Siza, ou na opinião maioritária pelos blocos articulados por acessos verticais coletivos muitas vezes dando pelas galerias de distribuição.*”<sup>74</sup> Alves Costa refere que a participação foi essencial na primeira fase dos projetos.<sup>75</sup> Em Lisboa, verificou-se que as intervenções foram maioritariamente na periferia e, no Porto, coexistiram estratégias com origem no centro da cidade. No caso do Porto, as *ilhas*, no interior dos quarteirões existiam fracas condições, todavia moravam perto do trabalho. Uma referência do SAAL é o Bairro da Bouça, no Porto (1973-1978; 1999-2006) de Álvaro Siza. O arquiteto Josep Maria Montaner considera:

*“A linguagem arquitetónica era extremamente atrativa, totalmente distinta em cada uma das fachadas e inspirava-se tanto na arquitetura portuguesa como no racionalismo holandês (...) e no expressionismo e racionalismo alemão (Bruno Taut e Ernst May).”*<sup>76</sup>

O projeto é constituído por quatro blocos habitacionais com duplexes sobrepostos, era previsto comércio nos quatros extremos e o muro no topo corta com o ruído dos comboios (linha ferroviária/actual metro). A obra é completada em 2006, adicionando infraestruturas, equipamentos, qualificação do espaço público, estacionamento subterrâneo, isolamento térmico, e gás.<sup>77</sup> Posteriormente os habitantes passam a classe média. A tipologia varia entre T1 e T5, separando as zonas sociais num piso (cozinha e sala de estar) e quartos noutro, invertendo na sobreposição. A métrica de 4 metros relaciona-se com as *ilhas*.<sup>78</sup> O acesso é feito pelo *hall* dos quartos no piso 0, no piso 1 pelas escadas externas e o piso 2 uma galeria que liga a um *hall* de acesso à cozinha, espaço de transição, convívio e extensão (*inbetween*) da cozinha.

O Bairro de São Vítor (1974-1977) do mesmo arquiteto é outro produto relevante do SAAL, no Porto. O intuito era manter as pessoas no mesmo local e não mudá-las para periferias, concebendo uma composição entre a inovação e o popular, mantendo a preexistência de ruínas que apoiam a estrutura do espaço exterior e a transição do novo/antigo, adaptando-se ao terreno, preocupando-se com a presença de continuidade de *ilha* (mantendo a métrica) e atenção à identidade comunitária.

<sup>71</sup> *As Operações SAAL*. Realização de João Dias. Portugal: Optec, 2007 (120 min): Cor, P&B.

<sup>72</sup> *Ibid.*

<sup>73</sup> COSTA, Alexandre Alves – “O SAAL e os anos da Revolução, 1974-1975” in BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.66, l.30-31.

<sup>74</sup> *Ibid.* p.65, l.12-19.

<sup>75</sup> *Ibid.* p.68, l.6-13.

<sup>76</sup> MONTANER, Josep Maria - *La vivienda de la vivienda colectiva: Políticas y proyectos en la ciudad contemporánea*, 1ª ed, Barcelona: Editorial Reverté, 2015. p.100, l. 8-12.

<sup>77</sup> *Ibid.* p.100, l. 13-16.

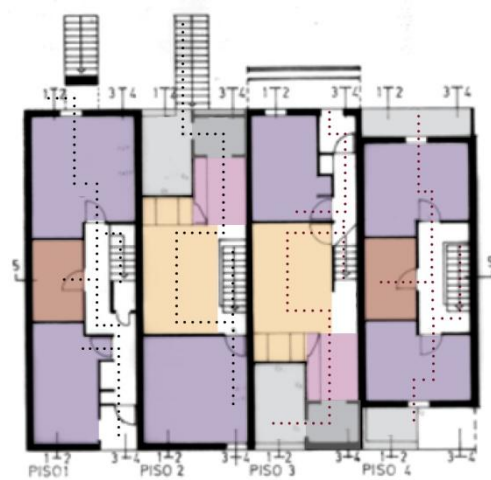
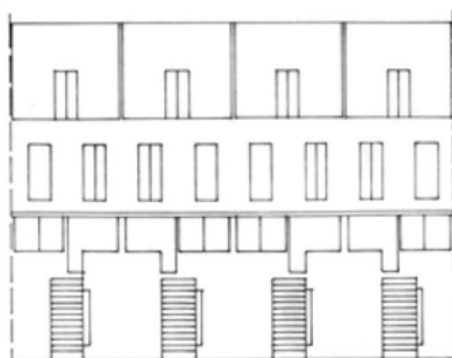
<sup>78</sup> DO VALE, Clara - *The social rise of a housing intervention: Álvaro Siza project for Bouça neighbourhood*. 42<sup>nd</sup> IAHS World Congress: The housing for the dignity of mankind, Naples, Italy, April 2018. p.5, l.12.



Fig. 45 – Burgau, SAAL Algarve, arquiteto José Veloso. *As operações SAAL*, João Dias, 2007.

Fig. 46– Portugal Novo, SAAL Lisboa, arquiteto Manuel Vicente. *As operações SAAL*, João Dias, 2007.

Fig. 47 – Antas, SAAL Porto, Arquitecto Pedro Ramalho. *As operações SAAL*, João Dias, 2007.



● Quartos ● I.S. ● Cozinha ● Varanda  
 ● Sala ::::: Circulação ● Marquise/Lavandaria

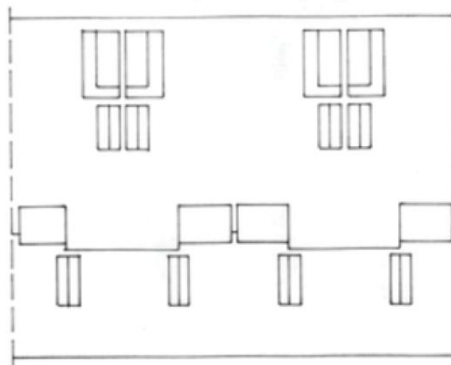


Fig.48/49 – Bairro da Bouça, SAAL, Álvaro Siza, 1973-1978;1999-2006. Fotografias FG+SG. Porto.

Fig. 50 – Esquema de espaços/circulação e alçados, Bairro da Bouça, Álvaro Siza, (1973-1978;1999-2006) Porto.

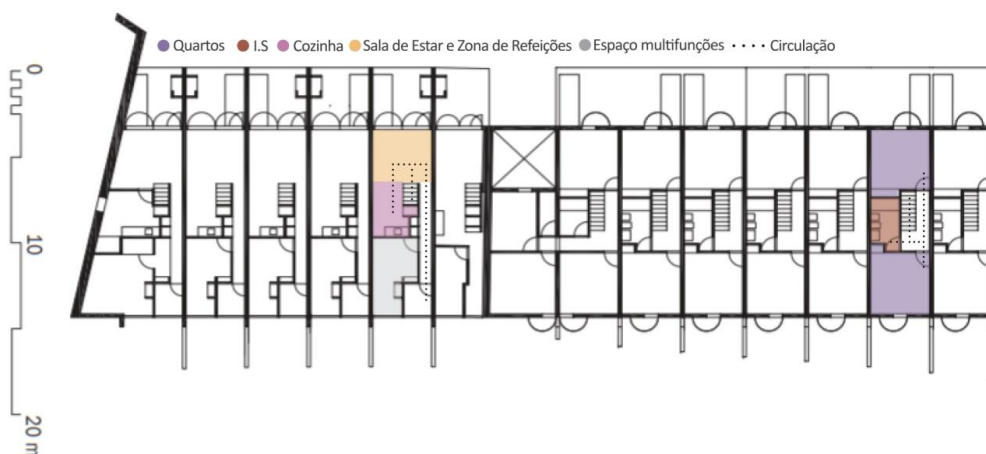


Fig.51 – Bairro de São Vitor (1974-1977), Álvaro Siza, Porto.

Fig. 52 – Planta de Implantação, Bairro de São Vitor (1974-1977), Álvaro Siza, Porto.

Fig. 53 – Planta e esquema de espaços, Bairro de São Vitor (1974-1977), Álvaro Siza, Porto.<sup>79</sup>

<sup>79</sup> Em São Vitor tem se conhecimento que o espaço cinzento é apropriado de diversas maneiras pelos residentes. *As operações SAAL*, 2007.

As cidades Lisboa e Porto continuam a crescer em redor, acentuando-se o despovoamento. Em 1978 iniciam-se os Planos Diretores Municipais<sup>80</sup>, numa tentativa de ordenamento do espaço, mas que somente nos anos 90 se consolidam para regular o crescimento clandestino. O início do ordenamento limitava-se, muitas vezes, a legalizar habitações. O crescimento das cidades tornou evidente a habitação coletiva como elemento central na arquitetura, de modo a produzir para as necessidades urbanas portuguesas.

O Edifício de Habitação Coletiva da Cooperativa SACHE, projetado por Manuel Correia Fernandes, no Porto, foi desenvolvido em três fases (1979-1989;1986-1993;2002-2007). A obra em questão é a da primeira fase (1979-1989): o edifício de habitação coletiva com 54 fogos duplex.

*“Havia a dimensão dos agregados familiares, e estabeleceu-se um equilíbrio entre aquilo que as pessoas precisavam e aquilo que podiam pagar.”<sup>81</sup>*

A estrutura é em betão-armado com revestimento em tijolo, o mesmo material escolhido nas seguintes fases, e madeira nas janelas e pormenores metálicos. O acesso é feito por galeria, elemento de contacto comunitário e o piso térreo tem especial atenção ao acesso circulável por automóvel. Apesar disso, é facilmente reconhecível a transição e atenuação do público para o privado do exterior até chegada às garagens individuais. Os fogos são projetados com referência à moradia unifamiliar, aproveitando-se de relações de vizinhança e extensão da habitação para o exterior.<sup>82</sup>



Fig.54 – Edifício de Habitação Coletiva, Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.

Fig. 55 – Interior de um fogo, Edifício Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.

<sup>80</sup> BARRETO, António, *Portugal, um retrato social* [em linha]. RTP: Rui branquinho, 2007. [consult. 25-10-2020] Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=mZNdGItN9XA>

<sup>81</sup> CORREIA FERNANDES, Manuel *cit in*. LACERDA LOPES, Carlos Nuno – *Edifício de habitação coletiva Cooperativa SACHE | 1ª fase*. Frente & Verso. Porto: CIAMH.

<sup>82</sup> LACERDA LOPES, Carlos Nuno – *Edifício de habitação coletiva Cooperativa SACHE | 1ª fase*. Frente & Verso. Porto: CIAMH.

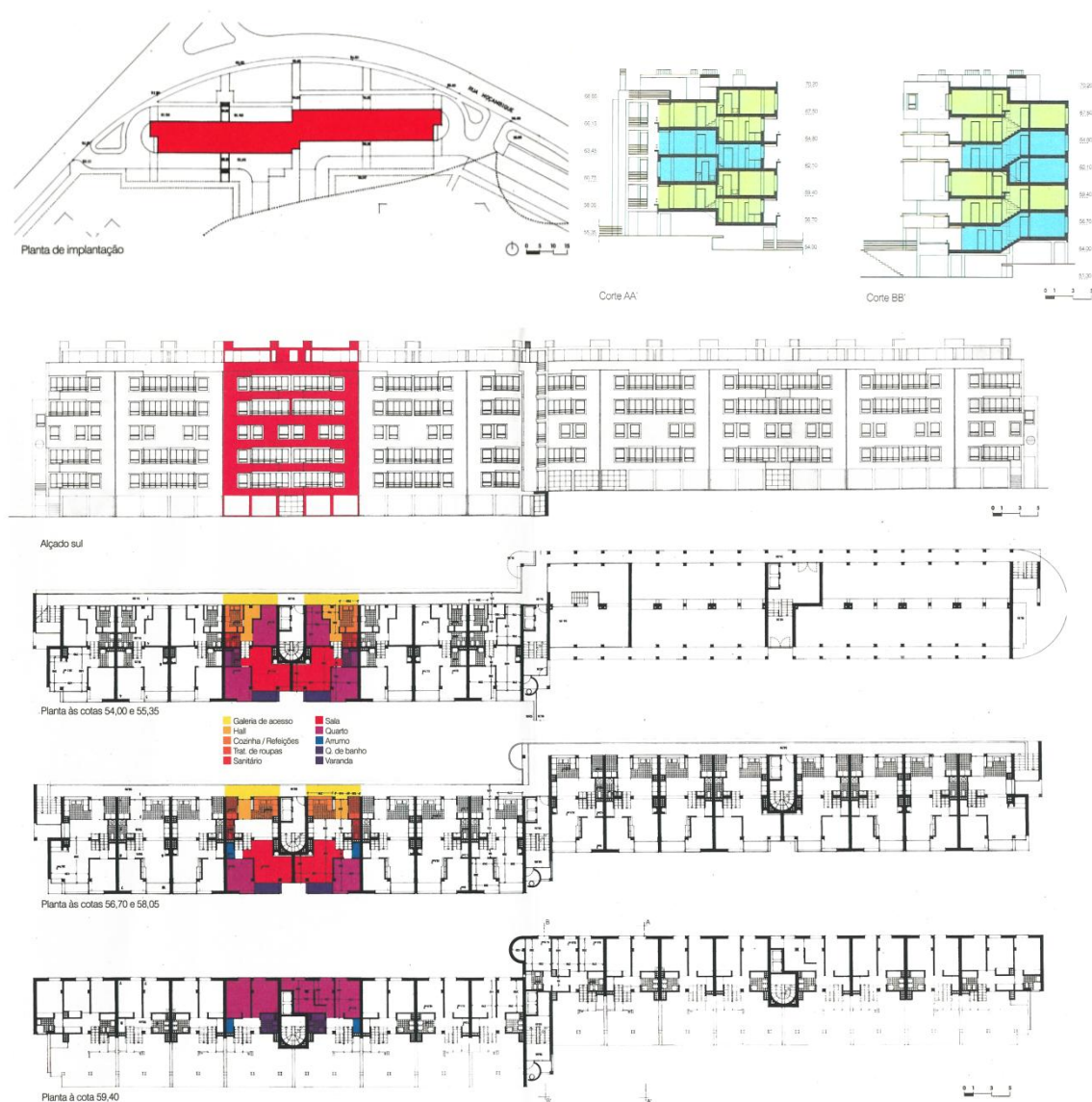


Fig. 56 – Planta de Implantação, Edifício Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.

Fig.57 – Cortes AA' e BB', Edifício Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.

Fig.58 – Plantas e Alçado Sul, Edifício Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.

A arquitetura portuguesa no final do século XX, de acordo com Vieira de Almeida definiu-se pela coexistência entre duas realidades no território português: “a das obras de autor e a das construções correntes.”<sup>83</sup> De facto, o arquiteto refere no texto *De 1976 ao Final do século: Convergências, Divergências e Cruzamento de Nível*:

*“O universo da construção corrente começou a ser também esfera de ação dos arquitetos, por força de uma conjuntura múltipla e facetada: o aumento do número de arquitetos presentes no mercado de trabalho, a ascensão do poder autárquico como promotor de obras, o início de expansões urbanas em povoações de pequena e média dimensão, o desvanecer das clivagens entre mundo rural e o mundo urbano, (...) pela melhoria de condições económicas da população, permitindo em simultâneo a realização do sonho da casa própria e o desenvolvimento pelo país da atividade de compra e venda imobiliária (...).”*<sup>84</sup>

Nos anos 80 começou a existir uma preocupação pela preservação e maior dedicação pela recuperação de edifícios com valor cultural. Como exemplo, em 1988, ardeu parte do Chiado (Lisboa), que Álvaro Siza projetou com clareza a recuperação do edificado na malha urbana e no espaço público. O arquiteto refere:

*“A procura foi que os elementos novos que não pusessem em questão o espírito da arquitetura pombalina. Tudo o que seja tentar uma cópia, absolutamente fiel está condenado ao fracasso, portanto não é isso. E, por outro lado, também há aspetos muito inovadores em relação ao Chiado, que acabam por ter influência em tudo, desenho até ao puxador da porta que são diferenças como, para dar exemplo, novas ligações entre ruas (...).”*<sup>85</sup>

Um exemplo de clareza da linguagem arquitetónica é o edifício Castro & Melo (bloco A) (1991-1996). Este projeto tem 9 pisos com a seguinte distribuição: no piso -1 encontram-se os arrumos dos escritórios, das lojas e habitações; no piso 0 estão os espaços de comércio e no piso 1 a sobreloja e entrada pelo pátio; no piso 2 e 3 destina-se a escritórios; no piso 4 e 5 localizam-se as habitações (no piso 5/6 em duplex); no piso 6 encontram-se as habitações (duplex) e áreas técnicas; e, por fim, piso 7 com áreas técnicas. Os fogos são entre T1 e T3 em redor de pátios de iluminação e ventilação (junto às instalações sanitárias).

Desde a Revolução de 1974 para a década de 1980 tomam lugar grandes mudanças sociais, políticas e económicas em diversas áreas, desde o turismo crescente ao abandono extremo dos campos e surgimento de núcleos urbanos em redor de outros já existentes, tornando Portugal um país de realidades diversas e de carácter cada vez mais fragmentado e extenso até a atualidade. Em 1984, o FFH é substituído pelo INH (Instituto Nacional de Habitação), com o objetivo de refletir e criar iniciativas/financiamento, introduzindo políticas de apoio social de acesso à habitação.<sup>86</sup>

<sup>83</sup> ALMEIDA, Rogério Vieira de, “De 1976 ao Final do século: Convergências, Divergências e Cruzamento de Nível” in BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. p.73, l.1-4.

<sup>84</sup> *Ibid.* p.73, l.12-30.

<sup>85</sup> PÚBLICO - Entrevista do Jornal Público a Álvaro Siza [em linha]. 25-8-2013. [consult. 13-3-2021]. Disponível:

<https://www.publico.pt/2013/08/25/local/video/siza-viera-contanos-como-foi-o-projecto-de-recuperacao-do-chiado-20130824-181004>

<sup>86</sup> COSTA AGAREZ, Ricardo – *op.cit.*



Fig. 59 – Plantas piso 5/6/7 (de habitação), Edifício Castro & Melo (1991-1996), Álvaro Siza. Chiado, Lisboa.

Fig. 60– Alçado Frontal, Edifício Castro & Melo (1991-1996), Álvaro Siza. Chiado, Lisboa.

Fig. 61 – Fachada Tardoz, Edifício Castro & Melo (1991-1996), Álvaro Siza. Chiado, Lisboa.

Fig. 62 – Pátio A, Álvaro Siza. Chiado, Lisboa.

Em relação ao ensino, em Lisboa tendeu a aproximar-se de vertentes internacionais e no Porto manteve-se a continuidade de Escola com Álvaro Siza. A arquitetura portuguesa, no final do século XX, cativou crescente interesse internacional por diversas obras dos arquitetos como Álvaro Siza, Gonçalo Byrne, Souto Moura, Carrilho da Graça, entre outros. Coexistiram diversas vertentes na arquitetura portuguesa desde continuidade, monumentalidade, cenográfica, de exploração e ênfase da estrutura, da tecnologia e da composição pragmática e funcional, entre outras. Deram-se início à produção de diversas obras - como instituições, científicas, de ensino superior, museus - em todo o país, com carácter público, possibilitando a exceção na malha urbana. Para além disso, com a abertura para o mundo aproximaram-se as realidades ao internacional. Simultaneamente à carência de equipamentos públicos existia a escassez de infraestruturas satisfatórias que permitissem a deslocação e circulação necessárias nos núcleos urbanos, AMP e AML (criados em 1991). A arquitetura e o urbanismo tornaram-se grandes contributos no ordenamento do território, qualificação do espaço para garantir qualidade de vida. A preocupação pela preservação dos centros históricos que estavam devolutos aumentou. Assistia-se à falta de espaço público de qualidade e o afastamento entre o trabalho e a habitação. Portas considera que para a construção de habitação de custos moderados era necessário o apoio de programas públicos e que realizassem adjacentes de espaço público e equipamentos necessários de suporte com *“traçados claros e expressivos da sua malha que possam ser suportes consistentes e significantes da própria diversidade e metabolismo das formas habitacionais, públicas ou privadas, centrais ou periféricas, cultas ou populares...”*<sup>87</sup>

Os anos 90 caracterizam-se pela prosperidade, consolidando a modernização e internacionalização do país vindo da Revolução de 1974. Também se verificou o mesmo na arquitetura valorizando-a a nível nacional e internacional, tendo impacto nos *media*. Houve uma aposta em infraestruturas, em equipamentos, focando-se, principalmente, em questões urbanísticas. Citando Álvaro Siza sobre a situação profissional do arquiteto nos anos 90:

*“O trabalho do arquiteto no Portugal de hoje passa por uma dependência – pela necessidade de considerar – em relação a estas condições de transformação, as quais incluem decadência do trabalho artesanal e do tecido produtivo anterior e dificuldade na adoção de novas tecnologias. Uma situação de transição, desigual conforme o sítio onde se construa e que exige realismo, informação diferenciada e empenhado envolvimento.”*<sup>88</sup>

A arquitetura demonstrou-se ser suporte das necessidades, transformando-se e aproximando-se aos cidadãos do momento. As diversas políticas de habitação não conseguiram produzir as construções necessárias, agravando a situação das cidades. Apesar disso, confirma-se o papel social imensamente importante para a comunidade, como projetos de arquitetura para habitação social, no caso do SAAL e a experimentação tipológica da arquitetura moderna que lutaram contra os obstáculos políticos e estagnadores. A arquitetura portuguesa no século XX teve avanços e recuos, reflexo da evolução social, política e económica e importantes para a compreensão da produção arquitetónica atual.

<sup>87</sup> PORTAS, Nuno – *op.cit.* p.121, l.74-79.

<sup>88</sup> SIZA VIEIRA, Álvaro - “Arquitetura e Transformação” in BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997.p.139, l.53-63.

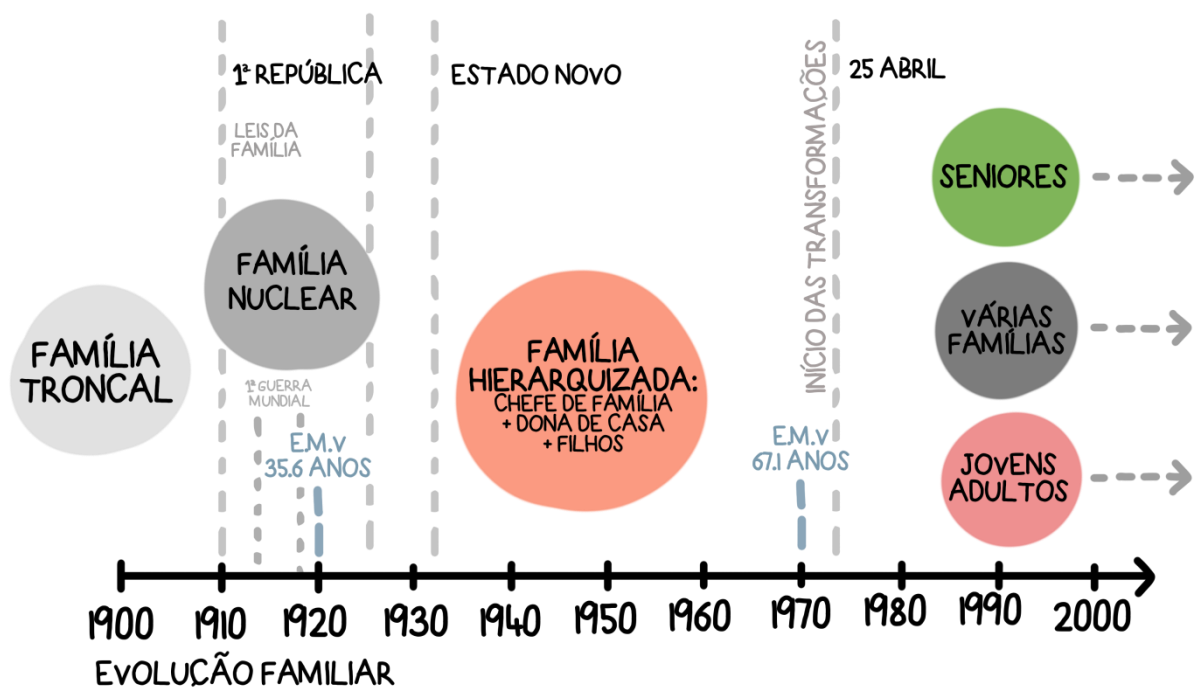
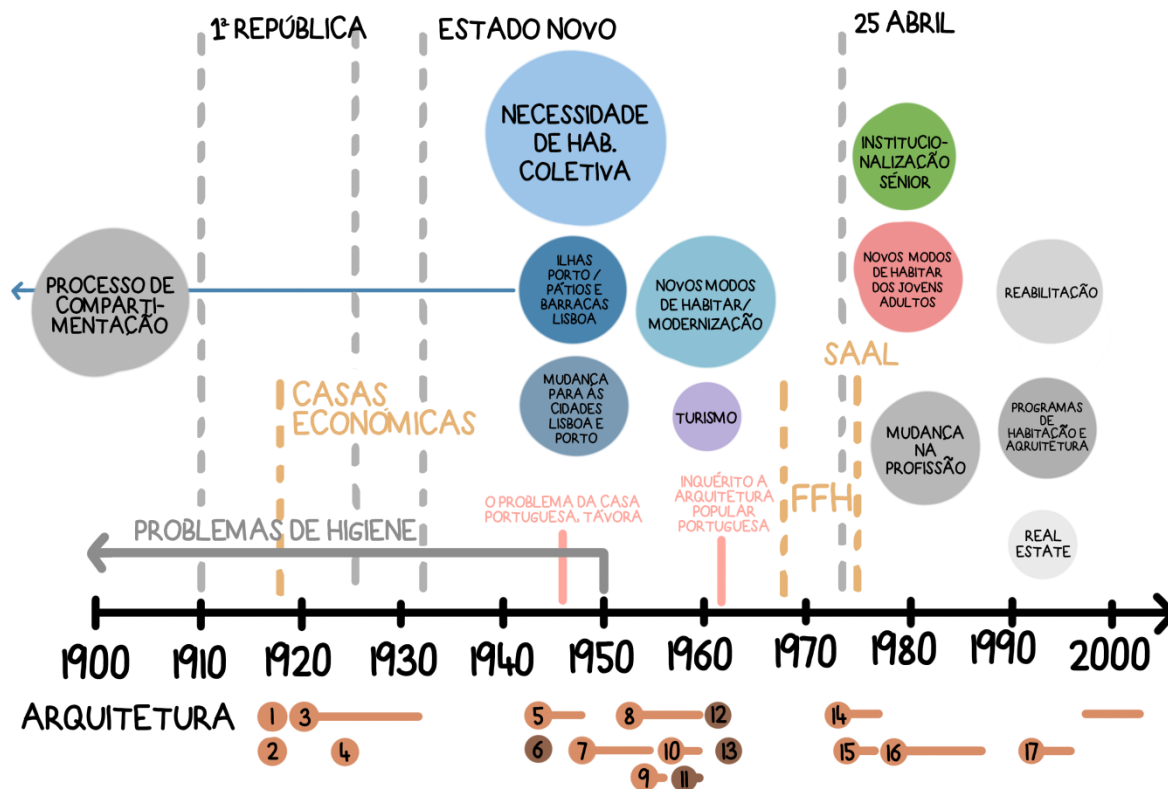


Fig. 63 – Esquema Síntese - Evolução Familiar no século XX.

Conclui-se que o século XX, a nível social, político e económico constitui-se por 3 fases: a mudança para República (1910), a Ditadura militar (1926) e o Estado Novo (1933), e a Revolução de 1974. A 1ª República, apesar de instituir algumas leis da família que induziam a alguma mudança, pouco efeito teve devido às peripécias do momento - a entrada na 1ª Guerra Mundial, o declínio económico, a instabilidade política, o milagre de Fátima e a pneumónica - desagradando a população. Este conjunto de acontecimentos conduziu a uma nova era que perdurou quase 50 anos, a Ditadura Militar (1926) e o Estado Novo (1933), estagnando e preservando um ideal de família patriarcal com regras constituído por chefe de família, dona de casa e filhos. A mulher, considerada mãe, esposa e dona de casa, apesar de lhe ser dificultado o ingresso no trabalho, conseguiu aos poucos integrar o mundo do trabalho como operária na indústria do têxtil, vestuário e tabaco, e a partir de profissões de género como professora primária (necessitando de um pedido oficial para se casar), enfermeira (impossibilitada de casar), etc. A maioria vivia da agricultura e somente nos anos 50, dá-se o início ao processo de desruralização, a mudança para as cidades (Lisboa e Porto) para trabalhar na indústria, onde se ganhava relativamente melhor e, maioritariamente, só se necessitava de estudos até à 4ª classe. Mantiveram-se as dificuldades: fraca escolaridade (maioria ficava pela 4ª classe por ser o suficiente para a indústria), o analfabetismo elevado (principalmente nas mulheres), a mortalidade infantil e mães era das mais elevadas da Europa, falta de assistência médica, etc. Nos anos 60, com a guerra colonial, a emigração, e modernização modificou o pensamento social. Por fim, a Revolução dos cravos (25 de Abril de 1974) conduziu às maiores transformações e dinâmicas familiares. As mudanças políticas: o direito à cidadania, a proibição da discriminação, o direito ao divórcio, serviço médico à periferia (posteriormente SNS), apoios e subsídios para famílias carenciadas, etc. As mudanças sociais: a diminuição da hierarquia familiar, a mulher considerada cidadã, aproximação da igualdade de género, surgimento de novos formatos familiares, novos modos de viver nos jovens (aumento do nível de escolaridade, emancipam-se mais tarde, atraso do primeiro filho, entre outros) e nos seniores (mais autónomos, aumento da esperança média de vida, aumento desta faixa etária +65 anos de idade). As mudanças económicas: a maioria passa a trabalhar na indústria, comércio e serviços, e minoria na agricultura, atingindo no fim do século, a maioria a trabalhar nos serviços e comércio, seguindo-se da indústria e quase inexistentes na agricultura, pesca e minas.

Ao analisar as intensas transformações a que o país se submeteu, principalmente na segunda metade do século XX, permitiram compreender a partir da evolução social, política e económica da população, uma visão geral de como se vivia, com quem se vivia, e, por consequente, os modos de viver, os modos de habitar, e para quem se projetava.



- 1 Bairro Económico da Ajuda / Boa Hora
- 2 Bairro Económico da Arrábida
- 3 Bairro Social do Arco do Cego
- 4 Bairro Económico de Olhão
- 5 Bloco da Carvalhosa
- 6 Plano de Urbanização da zona a sul da Av. Alferes Malheiro
- 7 Bairro das Estacas
- 8 Conjunto Residencial de Ramalde
- 9 Bloco das Águas Livres
- 10 Bairro Camarário da Pasteleira
- 11 Plano dos Olivais Norte
- 12 Plano dos Olivais Sul
- 13 Plano de Chelas
- 14 Bairro da Bouça, SAAL
- 15 Bairro de S. Vitor, SAAL
- 16 Edifício de Habitação Coletiva Cooperativa SACHE 1ª Fase
- 17 Edifício Castro & Melo

|                      |        |
|----------------------|--------|
| 1918                 | Lisboa |
| 1918                 | Porto  |
| 1919-1933            | Lisboa |
| 1925                 | Olhão  |
| 1945 - 1949          | Porto  |
| 1945                 | Lisboa |
| 1949-1955            | Lisboa |
| 1952-1960            | Porto  |
| 1953-1955            | Lisboa |
| 1957-1960            | Porto  |
| 1959-1960            | Lisboa |
| 1961                 | Lisboa |
| 1962                 | Lisboa |
| 1973-1978; 1999-2006 | Porto  |
| 1974-1977            | Porto  |
| 1979 - 1989          | Porto  |
| 1991 - 1996          | Lisboa |

Fig. 64 - Esquema Síntese – Habitação (Obras) do século XX.

Conclui-se que a arquitetura, na primeira metade do século XX, procurou resolver problemas de higiene. Durante a 1ª República (1910) verificou-se a incapacidade do Estado contribuir para a produção de habitação social, devido à instabilidade política. A população operária acomodava-se nos *pátios* e barracas (em Lisboa) e *ilhas* (no Porto), atingindo um pico com a mudança para as cidades (anos 50), procurando trabalho na indústria. Numa tentativa de resolver a falta de habitação foram criadas as Casas Económicas (1918), tendo continuidade no Estado Novo, todavia, insistindo em serem de habitação unifamiliar, foram incapazes de albergar esta crescente população. Dos variados projetos, destaca-se o Bairro Económico de Olhão (1925) de Carlos Ramos. Com a mudança para regime ditatorial (Ditadura militar, 1926, e Estado Novo, 1933), coexistiram duas vertentes arquitetónicas: a vertente tradicionalista e a vertente moderna. A vertente tradicional insistiu na continuidade do passado e no modelo unifamiliar, de construção tradicional, típica de regimes totalitários, destinada a um ideal familiar. A vertente moderna, numa primeira fase, racional, funcional e pragmática, associada à arquitetura internacional (Corbusiana), desejando uma simplificação tipológica, de habitação coletiva, com interesse em albergar o máximo de pessoas, baseando-se na separação de zona de dia/zona de noite, espaços de estar (social e privados) e serviços. Numa segunda fase, com a reformulação do moderno procurou-se encontrar uma sinergia entre a tradição e a modernidade. Nos anos 40/50, os arquitetos investem em várias formas de manifestar o desagrado pela incapacidade de evoluir e dar condições adequadas à população, tendo iniciativas como organizações (ODAM), congressos de arquitetura, escritos (Távora e Keil do Amaral), fazendo o “portuguesismo” desvanecer. Nessa mesma altura contesta-se o moderno, destacando-se Viana de Lima e Távora nos CIAM (1953). Nesse período, desenvolveram-se várias obras como o Bairro das Estacas (1949-1955), o Conjunto Residencial de Ramalde (1952-1960) o Bloco das Águas Livres (1953-1955), entre outros, que se revelaram reflexo da sociedade, desejo de ir ao encontro das necessidades e resolver a insuficiência existente de habitação. A cidade torna-se base de experimentação arquitetónica e urbanística. Destaca-se Nuno Portas na divulgação da arquitetura, urbanismo e questões sociopolíticas do momento. O Fundo de Fomento da Habitação (1965) é criado com o intuito de promover habitação social. A Revolução de 1974 permitiu abrir novos caminhos, sendo promissora de grandes mudanças no âmbito da arquitetura, nomeadamente, habitação, conduzindo às operações SAAL. Daqui surgiram vários experimentos, destacando-se o Bairro da Bouça (1973-1978; 1999-2006) e o Bairro de São Vítor (1974-1977) de Álvaro Siza, que criaram uma combinação entre a memória coletiva de *ilha* e a nova realidade. Progressivamente aproximaram-se a realidade nacional e internacional. Esta fase foi dedicada, maioritariamente, ao ordenamento do território, à qualificação do espaço público e à produção de equipamentos necessários para as cidades. Simultaneamente, o aumento pelo interesse em preservar edifícios com valor cultural e centros históricos, principalmente na viragem do século. Destaca-se o projeto do Chiado de Álvaro Siza, realçando o edifício Castro & Melo (1991-1996). A profissão e o pensamento social desassociam-se, devido ao arquiteto se tornar submisso ao mercado imobiliário. O final do século XX caracteriza-se pela coexistência de vertentes arquitetónicas de continuidade, monumentalidade, cenografia, tecnologia, sustentabilidade, entre outras. Ao analisar as intensas transformações a que o país se submeteu, ao longo do século XX, a partir dos casos práticos escolhidos e recorrendo a literatura de arquitetura existente, permitiram compreender os modos de viver e modos de habitar e como este foram interpretados e especializados, criando uma ponte para o século XXI.



## 2. Habitação para a sociedade do século XXI

O segundo capítulo foca-se na realidade atual com base no documentário *Nós, Portugueses* (2020) da Fundação Francisco Manuel dos Santos e da RTP e pesquisas como estatística Pordata/INE/Eurostat, artigos de jornais e revistas. Destaca-se o envelhecimento populacional, focado nos seniores (+65 anos) e as novas preocupações dos jovens adultos (18-34 anos). Associam-se as questões relacionadas diretamente com problemas de habitação, cruzando com critérios de habitação para o século XXI, com base nas seguintes referências bibliográficas principais: *Arquitectura e Política: Ensaios para Mundos Alternativos* (2014) de Josep Maria Montaner e Zaida Muxí; *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI* dos mesmos arquitetos e David H. Falagán; *Habitação, Hábitos e Habitantes: tendências contemporâneas metropolitanas* (1998) de Marcelo Tramontano; *Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the physically and mentally frail* (2002) de Victor Regnier; *El Manual del Senior Cohousing: Autonomía Personal a través de la Comunidad* (2015) de Charles Durrett. Com o conhecimento adquirido e proveniente das referências de várias naturezas, enfatizam-se e acrescentam-se as realidades das faixas etárias dos jovens adultos e seniores. Simultaneamente cruzam-se projetos de habitação ao longo das duas décadas, escolhidos para exemplificar, (recorrendo a imagens e plantas, cortes e alçados - com esquemas de análise tipológica de espaços de estar, serviços e circulação) que introduzam novos aspetos e conduzam à habitação para o século XXI.

## 2.1. Realidades urbanas: O envelhecimento populacional e a precariedade dos jovens adultos

A vida estável, no mesmo local, e com a mesma composição familiar já não existe. Vivem-se momentos estáveis, momentos de rotura, fases diversas, modificando-se necessidades e formas de viver. As modificações sociais notam-se ao longo da vida, no entanto, a distribuição espacial e a ideia de habitação pouco variou, somando as mudanças tecnológicas e as alterações ambientais. Completando o discurso Josep Maria Montaner, Zaida Muxí e David H. Falagán consideram “a sociedade do século XXI é necessariamente diversa: homens e mulheres; infância, adolescência, juventude, idade adulta e identidades ao longo da nossa vida e a habitação deve albergar-nos nas nossas diferenças.”<sup>89</sup> Atualmente, a maioria da população nasceu pós anos 60. A maioria trabalha em serviços e comércio – como bancos, escolas, hospitais, hotelaria, lojas e administração - cerca de 1/3 na indústria e muito poucos na agricultura, pesca e minas.<sup>90</sup>

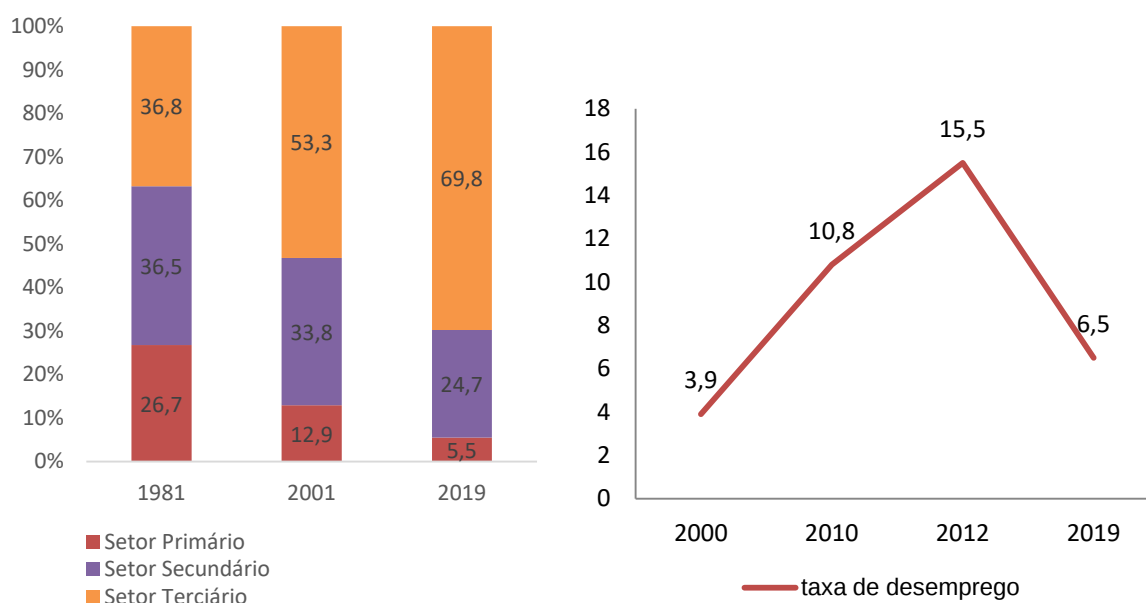


Fig. 65 – População Empregada (%) por Setores de Atividade, Portugal, 1981- 2019. Fonte: Pordata<sup>91</sup>

Fig. 66 – Evolução da Taxa de desemprego (%), Portugal, entre 2000 e 2019. Fonte: Pordata<sup>92</sup>

A viragem do século é marcada também pela mudança do escudo para o euro em 1999. Com a primeira crise económica saíram permanentemente do país, entre 2009 e 2014, cerca de 160.000<sup>93</sup>

<sup>89</sup> MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. - *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI*, 1ª ed., Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2011. ISBN – 978-84-614-7504-9. p.33, l.17-19.

<sup>90</sup> BARRETO, António - *Portugal, um retrato social* [em linha]. RTP: Rui branquinho, 2007. [consult. 25-10-2020] Disponível:

<https://www.youtube.com/watch?v=mZNdGITn9XA>

<sup>91</sup> PORDATA – População empregada (%) por setores de atividade [em linha]. [consult. 15-13-2020]. Disponível:

<https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5821924>

<sup>92</sup> PORDATA – Taxa de desemprego (%), Portugal [em linha]. [consult. 15-13-2020]. Disponível:

<https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5821952>

<sup>93</sup> INE/PORDATA. *Nós, Portugueses: Nascer para não morrer*. Realização de Pedro Clérigo. Portugal: RTP/Fundação Francisco Manuel dos Santos. 2020. Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p6829/e455740/nos-portugueses-nascer-para-nao-morrer>

jovens entre os 15 e 39 anos de idade. Posteriormente, a economia cresce graças ao turismo, contribuindo para a diminuição do desemprego. Em 2001, o analfabetismo era de 9%<sup>94</sup> e de 5,2%<sup>95</sup> em 2011, lembrando que em 1970 era de 25,7%<sup>96</sup> da população. A dimensão média das famílias tem vindo a reduzir de 2,8 para 2,6 pessoas<sup>97</sup>, segundo os Censos 2001 e Censos 2011, respetivamente. Apesar de já existentes anteriormente, mas sem grande expressão, surgem novos formatos familiares dentro dos quais pessoas sozinhas, em união de facto, famílias de segundos e terceiros casamentos, grupos de amigos, lares de idosos, comunidades, famílias monoparentais, famílias homossexuais, entre outras. De um total de população residente em Portugal de 10.562.178 indivíduos, 3.226.371<sup>98</sup> estão integradas em núcleos familiares<sup>99</sup>. Esta relação entre a família e a habitação é cada vez mais dissociada, estando em causa a relação financeira e a liberdade ao sair da casa dos pais, durante os estudos e início da carreira profissional, inicialmente passando por partilha da habitação com amigos e, por vezes, à partilha habitacional de jovens casais.

|                                                            | 1991                                                                               | 2001  | 2011  |       |       |      |
|------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-------|-------|-------|-------|------|
| Famílias s/ núcleo familiar                                | 16,6%                                                                              | 19,5% | 23,3% |       |       |      |
| Pessoas sozinhas                                           | 12,4%                                                                              | 15,5% | 20,4% |       |       |      |
| Famílias simples<br>c/ 1 núcleo familiar s/ outras pessoas | 69,5%                                                                              | 70,1% | 68%   |       |       |      |
| Casais                                                     | 63,9%                                                                              | 63,1% | 59%   |       |       |      |
| s/ filhos                                                  | 20%                                                                                | 22%   | 23,8% |       |       |      |
| c/ filhos                                                  | 43,9%                                                                              | 41,1% | 5,2%  |       |       |      |
| Monoparentais                                              | 5,6%                                                                               | 7%    | 9%    |       |       |      |
| Pai c/ filhos                                              | 0,8%                                                                               | 0,9%  | 1,2%  |       |       |      |
| Mãe c/ filhos                                              | 4,8%                                                                               | 6%    | 7,8%  |       |       |      |
| Famílias complexas                                         | 13,9%                                                                              | 10,4% | 8,7%  |       |       |      |
| Alargadas (1 núcleo familiar + outras pessoas)             | 10%                                                                                | 7,3%  | 5,8%  |       |       |      |
| Múltiplas (2 ou + núcleos familiares)                      | 3,9%                                                                               | 3,1%  | 2,9%  |       |       |      |
| 2019                                                       | Total 1 indivíduo    Casal s/ filhos    Casal c/ filhos    Monoparentais    Outras |       |       |       |       |      |
| Tipologias familiares                                      | 100%                                                                               | 22,5% | 24,8% | 33,8% | 11,1% | 7,8% |

Fig.67 - Tipologias familiares, Censos 1991, 2001, 2011<sup>100</sup> e Pordata 2019. <sup>101102103</sup>

<sup>94</sup> CENSOS 2011 - *Família nos Censos 2011: Diversidade e mudança* [em linha]. [consult. 2-12-2020] Disponível:

[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt)

<sup>95</sup> *Ibid.*

<sup>96</sup> PORDATA - Taxa de Analfabetismo segundo os Censos: Total e por sexos [em linha]. [consult. 5-12-2020]

<https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>

<sup>97</sup> CENSOS 2011 - *Família nos Censos 2011: Diversidade e mudança* [em linha]. [consult. 2-12-2020] Disponível:

[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt)

<sup>98</sup> *Ibid.*

<sup>99</sup> Os núcleos familiares, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), são o “conjunto de pessoas dentro de uma família clássica, entre as quais existe um dos seguintes tipos de relação: casal com ou sem filho(s) solteiro(s), pai ou mãe com filho(s) solteiro(s), avós com neto(s) solteiro(s) e avô com neto(s) solteiro(s).” Disponível: <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5961>

<sup>100</sup> CENSOS 2011 - *Família nos Censos 2011: Diversidade e mudança* [em linha]. [consult. 2-12-2020] Disponível:

[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt)

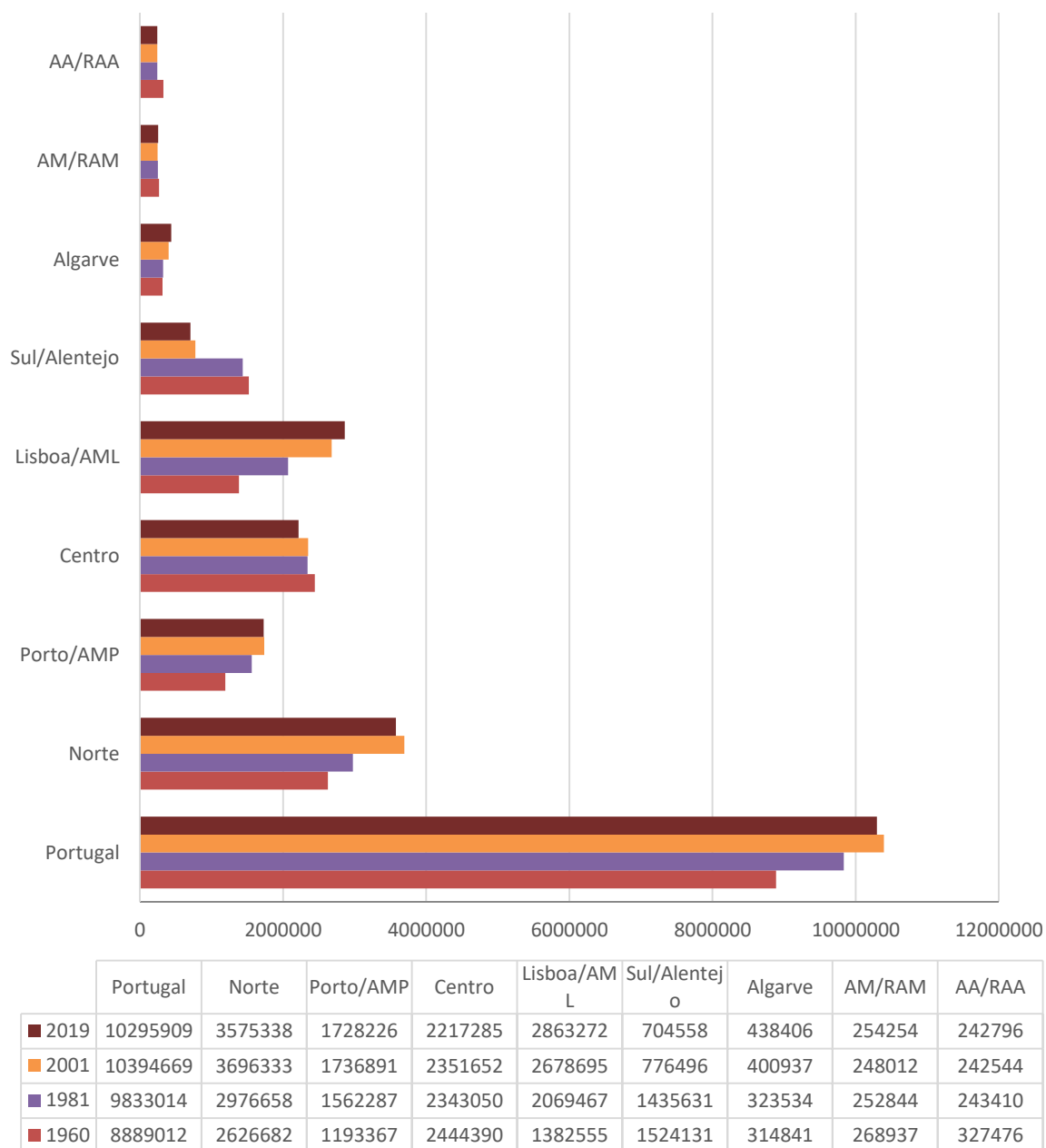


Fig. 68– Evolução da população residente (nº) por local de residência, 1960-2019. Fonte: INE.<sup>104</sup>

<sup>101</sup> A família clássica, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), refere-se ao “conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento. Considera-se também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupa uma parte ou totalidade de uma unidade de alojamento.” Disponível: <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/1123>

<sup>102</sup> A família complexa é “uma família simples (de casal com ou sem filhos ou pai/mãe com filhos) se juntam outras pessoas aparentadas dentro do mesmo lar.” CENSOS 2011 - Família nos Censos 2011: Diversidade e mudança [em linha]. [consult. 2-12-2020] Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xleng=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xleng=pt)

<sup>103</sup> PORDATA - Tabela dos Agregados Domésticos Privados: total e por tipo de composição [em linha]. [consult. 3-12-2020]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819440>

<sup>104</sup> INE - Evolução da população residente (nº) por local de residência, 1960-2019 [em linha]. [consult. 5-3-2020]. Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2)

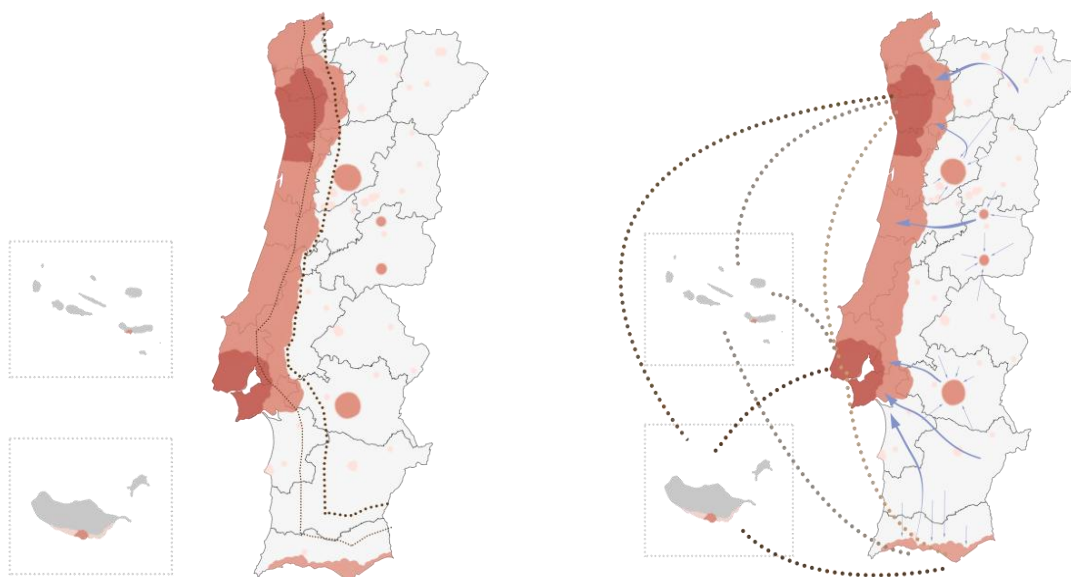


Fig. 69/70 – Esquemas da distribuição populacional.<sup>105</sup>

À concentração populacional nas grandes cidades desde os anos 50, seguiu-se a desconcentração para as periferias. Além disso, nos dias de hoje o litoral concentra 80%<sup>106</sup> da população (sem regiões autónomas), centrada na faixa Setúbal - Viana do Castelo. O território português caracteriza-se por transgénico e a ideia de urbano encontra-se nas representações de Cedric Price, *The City as an Egg*, que expressam o desenvolvimento de cidade, metaforicamente, a partir de um “ovo cozido”, evoluindo para um “ovo estrelado”, e atingindo finalmente um “ovo mexido” que representa uma aproximação à realidade. Ou seja, a ideia de que o tecido urbano e as suas componentes se espalham pelo território associados a diversos sistemas em rede, tornando-se policêntrico, fragmentado e extensivo. Pode até se acrescentar atualmente os ovos rancheiros, enfatizando a ideia de urbano do século XXI.<sup>107</sup>

<sup>105</sup> Esquemas de distribuição populacional [em linha]. [consult. 7-3-2020]. Disponível:

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial/-ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-o-interior-em-numeros-territorio-pdf.aspx>

<sup>106</sup> INE. *Nós, Portugueses: Nascer para não morrer*. Realização de Pedro Clérigo. Portugal: RTP/Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020. Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p6829/e455740/nos-portugueses-nascer-para-nao-morrer>

<sup>107</sup> CONGEDO, Luca; CORRADO, Iannucci; MUNAFÒ, Michele - *Urban sprawl indicators and spatial planning: the data interoperability in INSPIRE and Plan4all*, Roma: Conference: Planning Support Tools: Policy Analysis, Implementation and Evaluation. Proceedings of the Seventh International Conference on Informatics and Urban and Regional Planning INPUT, 2012.

Para contextualizar os sujeitos principais, o sénior corresponde a pessoas com +65 anos de idade e é a marcação da faixa etária considerada pela estatística, constituindo 22%<sup>108</sup> da população em Portugal (2019). A tendência é crescente, graças às melhorias de higiene, saúde, alimentação e educação, permitindo o aumento da esperança média de vida. Sendo uma parte importante da população, deve-se ter em conta a própria evolução social, política e cultural desta faixa etária. O sénior atual nada tem que ver com o do século passado, correspondendo a um grupo que se mantém ativo e autónomo mais tempo.

*“Entre 2001 e 2011, verifica-se uma tendência para a diminuição da proporção de indivíduos entre os 65 e os 84 anos institucionalizados, sugerindo que as melhorias das condições de vida podem estar a adiar a necessidade de institucionalização para idades cada vez mais avançadas (Azevedo e Baptista, 2014), mas também uma mudança nas formas de envelhecer que valorizam a possibilidade de as pessoas continuarem a viver nas suas casas à medida que envelhecem com segurança, conforto e independência.”<sup>109</sup>*

Na verdade, Portugal é atualmente posicionado em terceiro lugar da Europa e no quinto lugar do *ranking* de países mais envelhecidos do mundo. Calcula-se que em 30 anos ocupe o primeiro lugar a nível europeu e, em 2030, o terceiro lugar a nível global.<sup>110</sup> O número de idosos por cada 100 jovens (índice de envelhecimento) em 2018 era de 157,4 e prevê-se (cenário moderado com migrações) que seja 227,6, em 2030, e 311,3, em 2050.<sup>111</sup> Os mais novos não têm capacidades financeiras para apoiar os mais velhos. A preocupação está em como a arquitetura poderá servir como melhoria da qualidade de vida. No artigo 6 *ideias para cidade* da revista XXI: ter opinião da FFMS, Rui Costa afirma:

*“A maioria da nossa população vai ter mais de 50 anos dentro de pouco tempo, e as cidades que temos não estão construídas para isso. (...) Precisamos de passeios, habitação, comércio, transportes, tudo para a idade que vamos ter.”<sup>112</sup>*

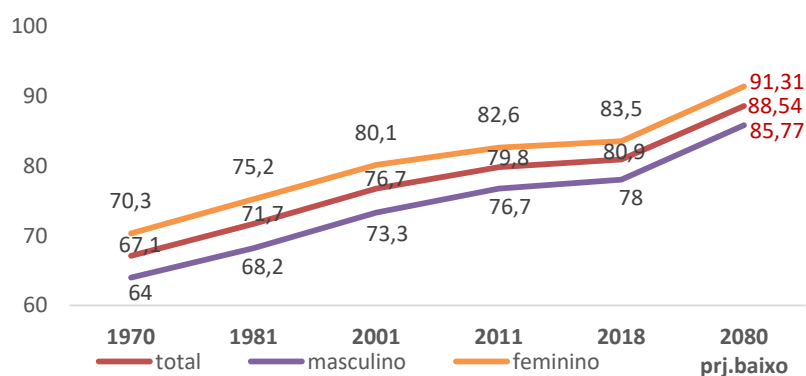


Fig. 71– Esperança de vida à nascença, total e por sexo (base: triénio a partir de 2001), Fonte: Pordata.<sup>113</sup>

<sup>108</sup> PORDATA - População residente: Total e por grandes grupos etários [em linha]. [consult. 8-3-2020]. Disponível:

<https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5820423>

<sup>109</sup> AZEVEDO, Alda Botelho – *Como vivem os portugueses: população e famílias alojamentos e habitação*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, Julho de 2020 ISBN 978-989-9004-49-8. P.43, l. 12-23. Disponível: <https://www.ffms.pt/documentos/7026/como-vivem-os-portugueses-habitacao-condicoes-de-vida-alojamentos-territorio-ambiente-pdf>

<sup>110</sup> *Nós, Portugueses: Nascer para não morrer*. Realização de Pedro Clérigo. Portugal: RTP/Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020. Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p6829/e455740/nos-portugueses-nascer-para-nao-morrer>

<sup>111</sup> INE/PORDATA - *Nós, Portugueses: Nascer para não morrer*. Realização de Pedro Clérigo. RTP/Fundação Francisco Manuel dos Santos. Portugal, 2020. Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p6829/e455740/nos-portugueses-nascer-para-nao-morrer>

<sup>112</sup> COSTA, Rui – “6 ideias para cidade: Uma cidade +50: passeios, habitação, comércio, transportes preparados para os mais velhos com bairros que sejam história viva”. *Revista XXI Ter opinião: Isto é cidade*, nº4, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, janeiro – junho, 2015. p.162 l.53-61

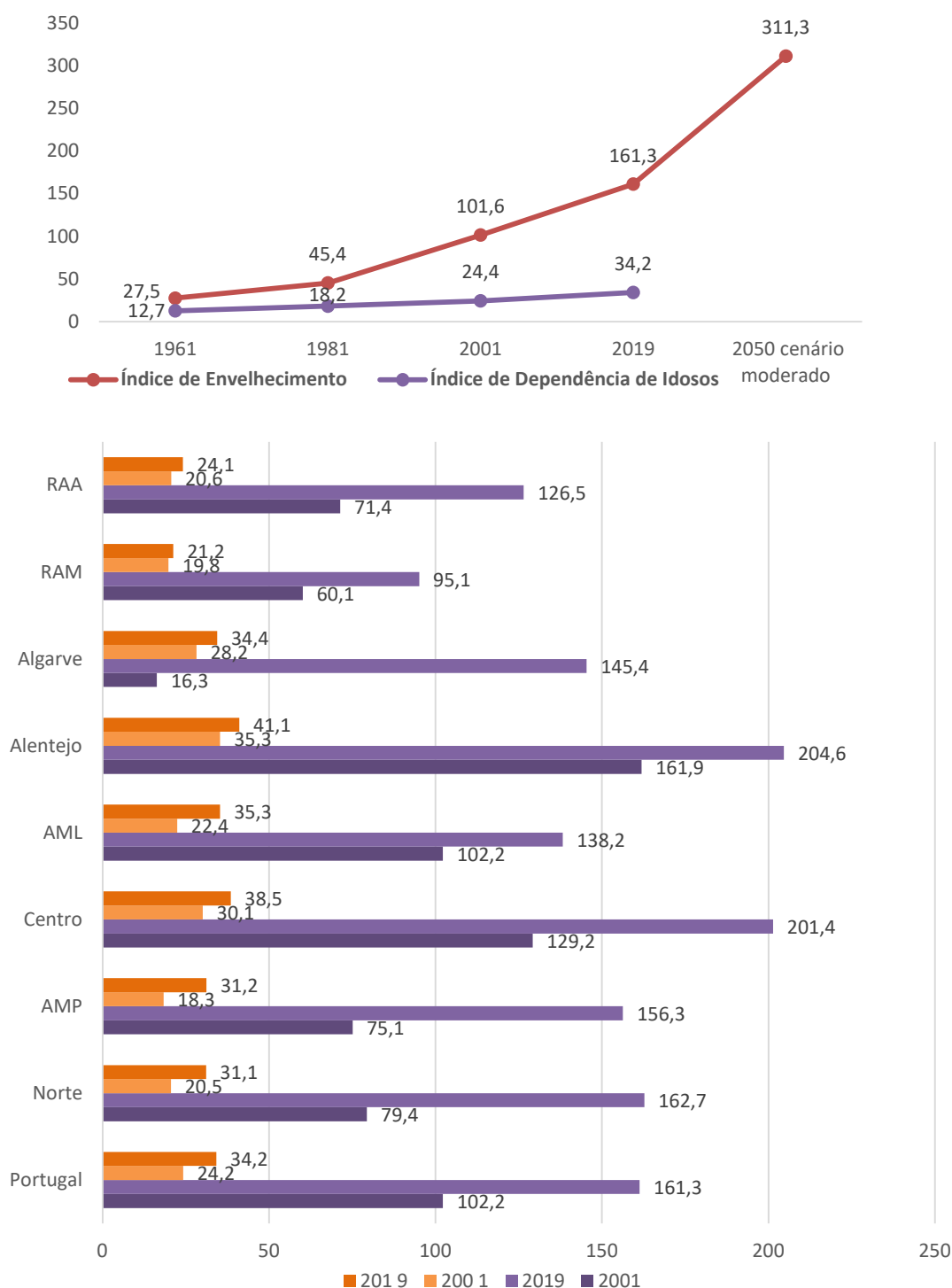


Fig. 72 – Evolução do Índice de Envelhecimento e do Índice de Dependência de Idosos (%), Portugal, 1960-2019. Fonte: Pordata<sup>114</sup> e projeção do Doc. *Nós Portugueses*.<sup>115</sup>

Fig. 73 - Índice de Envelhecimento (roxo) (%) e Índice de Dependência de Idosos (laranja) (%) por local de Residência, 2001-2019. Fonte: Pordata.<sup>116</sup>

<sup>113</sup> PORDATA - Esperança de vida à nascença, total e por sexo (base: triénio a partir de 2001) [em linha]. [consult. 8-3-2020]. Disponível: [https://www.pordata.pt/Portugal/Esperan%C3%A7a+de+vida+%C3%A0+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo+\(base+tri%C3%A9nio+a+partir+de+2001\)-418](https://www.pordata.pt/Portugal/Esperan%C3%A7a+de+vida+%C3%A0+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo+(base+tri%C3%A9nio+a+partir+de+2001)-418)

<sup>114</sup> PORDATA – Índice de Envelhecimento e índice de dependência de idosos (%) [em linha]. [consult. 9-3-2020]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5821926>

<sup>115</sup> *Nós, Portugueses: Nascer para não morrer*. Realização de Pedro Clérigo. Portugal: RTP/Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020. Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p6829/e455740/nos-portugueses-nascer-para-nao-morrer>

<sup>116</sup> PORDATA - Índice de Envelhecimento (%) e Índice de Dependência de Idosos (%) por local de Residência, 2001-2019 [em linha]. [consult. 12-3-2021] Disponível: <https://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>

O índice de envelhecimento atinge valores superiores ao nacional nas regiões do Alentejo (204,6) e Centro (201,4).

Ao longo do tempo aumentou a distância entre os jovens e idosos, querendo estabilizar, onde sempre viveram, retornam às origens, vão para casa dos seus filhos ou são institucionalizados. Destacam-se, também, as necessidades extraordinárias em comparação a uma população mais jovem, como a idas regulares ao médico, ao centro de saúde e as dificuldades de mobilidade. O sénior torna-se das questões principais, alterando-se socialmente, criando impacto na sociedade, surgindo equipamentos focados nesta população – habitação assistida, lares, turismo sénior e universidade sénior – tornando-se mais autónomo e independente, e atrasando a institucionalização ou a necessidade de apoio continuado. As residências sénior são 3 a 4 vezes mais dispendiosas que um lar de idosos, destinando-se a classe média alta e alta, o que se torna insustentável para a maioria da população. Os lares existentes de qualidade têm listas de espera intermináveis. As habitações unipessoais de +65 anos aumentam, acentuando a solidão. No artigo *Portugal tem mais lares ilegais que legais. Vamos resolver?* do Expresso consta existir 35 mil pessoas a viver em 3500 lares ilegais sem existência de alternativas que alberguem estas pessoas e as três principais razões são a falta de respostas sociais legais, os custos e excessiva burocracia.<sup>117</sup> Sabendo que mais de 70%<sup>118</sup> recebe a reforma abaixo do salário mínimo é inconcebível esta possibilidade sem apoio do Estado. Além disso, num artigo do Público refere um inquérito da Proteste (2012) que verificou que a média dos lares circunda os 770 euros e cerca de ¾ dos pensionistas de velhice recebem entre 251 e 500 euros.<sup>119</sup> Sobre os apoios direcionados aos seniores, no documento *Respostas Sociais: Nomenclaturas/Conceitos* (2006)<sup>120</sup> da Direção-Geral da segurança social, da família e da criança são:



Fig. 74 – Respostas Sociais para idosos - DGSFC (2006).

<sup>117</sup> MARQUES, Duarte – *Portugal tem mais lares ilegais do que legais. Vamos resolver?* [em linha]. Expresso, 23 de Junho de 2020. [consult. 15-3-2021]. Disponível: [https://expresso.pt/blogues/blogue\\_sem\\_cerimonia/2020-06-23-Portugal-tem-mais-lares-ilegais-do-que-legais.-Vamos-resolver-?fbclid=IwAR2JXmSDg8tD6VL6UWTof6T6q77YZlBjfcGeEv0y7dpInHE4DsFRvhgFiw](https://expresso.pt/blogues/blogue_sem_cerimonia/2020-06-23-Portugal-tem-mais-lares-ilegais-do-que-legais.-Vamos-resolver-?fbclid=IwAR2JXmSDg8tD6VL6UWTof6T6q77YZlBjfcGeEv0y7dpInHE4DsFRvhgFiw)

<sup>118</sup> Revista de Imprensa - *Mais de 70% das reformas em Portugal são abaixo do salário mínimo* [em linha]. Executive Digest, 4 de Julho de 2020. [consult. 15-3-2021]. Disponível: [https://executivedigest.sapo.pt/mais-de-70-das-reformas-em-portugal-sao-abaixo-do-salario-minimo/?fbclid=IwAR1nfD0ANQItLy6T3t28sC\\_liezHZmruC7AwKYKDbPnckazzyGjxe0UXeG4](https://executivedigest.sapo.pt/mais-de-70-das-reformas-em-portugal-sao-abaixo-do-salario-minimo/?fbclid=IwAR1nfD0ANQItLy6T3t28sC_liezHZmruC7AwKYKDbPnckazzyGjxe0UXeG4)

<sup>119</sup> LUSA – *Dois em cada três idosos não tem rendimentos suficientes para pagar o lar* [em linha]. 23 de Março de 2013. [consult. 15-3-2021]. Disponível: [https://www.publico.pt/2013/03/23/sociedade/noticia/dois-em-cada-tres-idosos-nao-tem-rendimentos-suficientes-para-pagar-o-lar-1588860?fbclid=IwAR1\\_ffxapulUs96O-GSCOTf0AL7ohvAlxrO1byRaKVBNCy8Kv-k0J8VRLv0](https://www.publico.pt/2013/03/23/sociedade/noticia/dois-em-cada-tres-idosos-nao-tem-rendimentos-suficientes-para-pagar-o-lar-1588860?fbclid=IwAR1_ffxapulUs96O-GSCOTf0AL7ohvAlxrO1byRaKVBNCy8Kv-k0J8VRLv0)

<sup>120</sup> CHICHORRO, Ana Maria - *Respostas Sociais: Nomenclaturas/Conceitos*, Direção-Geral da Segurança Social, da Família e da Criança, Lisboa, 2006. p.26-33. Disponível: [https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Conceitos\\_das\\_Respostas\\_Sociais.pdf](https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Conceitos_das_Respostas_Sociais.pdf)

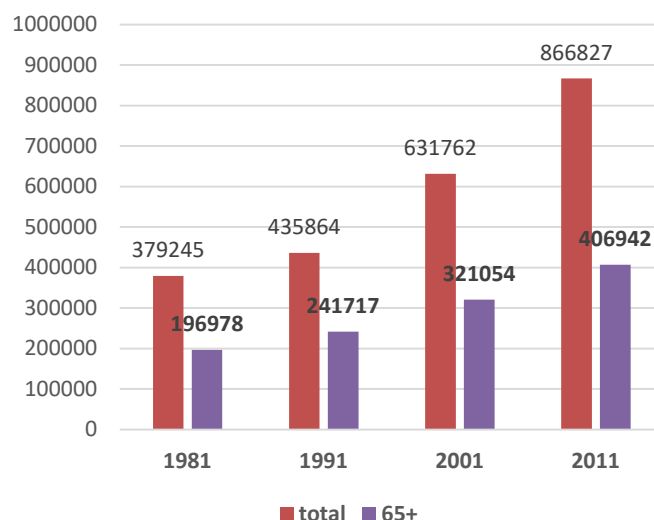


Fig. 75 - Famílias clássicas unipessoais segundo os censos: Total e com +65 anos de idade, Portugal, 1981-2011. Fonte: Pordata.<sup>121</sup>

Com o crescimento das famílias unipessoais em que quase metade são de +65 anos de idade deveriam existir soluções que possibilitassem a melhoria de condições de vida. É relevante estudar as características de habitação assistida e *cohousing* sénior de maneira a introduzir critérios para habitação do século XXI com inclusão desta faixa etária.

*“No século XXI, os jovens adiam cada vez mais a saída de casa dos pais e quando decidem sair já não é apenas para formar família própria, é também porque decidem viver sós ou partilhar casa com outros jovens. As pessoas têm menos filhos e em idades mais avançadas do que outrora, e aumentaram as separações e as recomposições familiares. Há mais pessoas a viverem sós, sobretudo jovens e idosos.”<sup>122</sup>*

Para o outro sujeito em questão, os jovens adultos (18-34 anos), existe o mercado de arrendamento, de partilha de habitação ou a habitação total, estando nas mãos do mercado privado e com o crescimento exponencial de rendas, impossibilitando os jovens de poderem viver em áreas bem localizadas em cidades como Lisboa e Porto e, também, noutras como Braga e Coimbra.

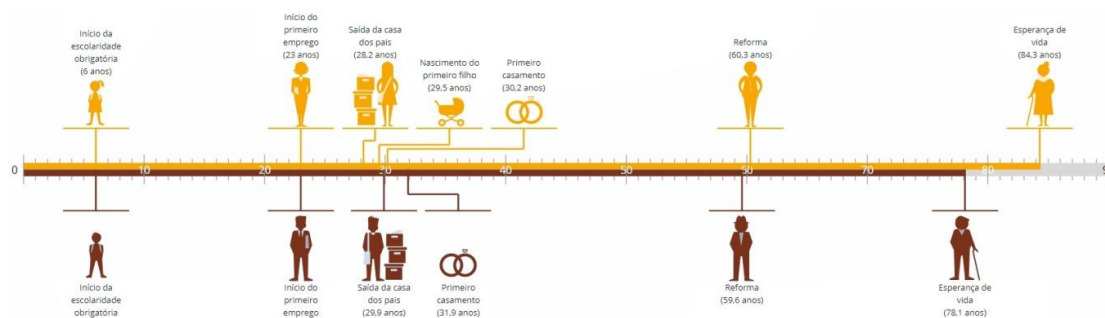


Fig.76 – Percurso de Vida, Portugal, 2015. Fonte: Eurostat/INE<sup>123</sup>

<sup>121</sup> PORDATA - Famílias clássicas unipessoais segundo os censos: Total e com +65 anos de idade, Portugal, 1981-2011 [em linha]. [consult. 17-3-2021]. Disponível:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Fam%C3%ADlias+cl%C3%A1ssicas+unipessoais+segundo+os+Censos+total+e+com+65+e+mais+anos-788>

<sup>122</sup> AZEVEDO, Alda Botelho – *op.cit.* p.11, l.5-14.

<sup>123</sup> EUROSTAT/INE – *Percurso de Vida* [em linha]. [consult. 17-3-2021]. Disponível: [https://www.ine.pt/scripts/wm\\_v\\_final/bloc-1a.html?lang=pt](https://www.ine.pt/scripts/wm_v_final/bloc-1a.html?lang=pt)

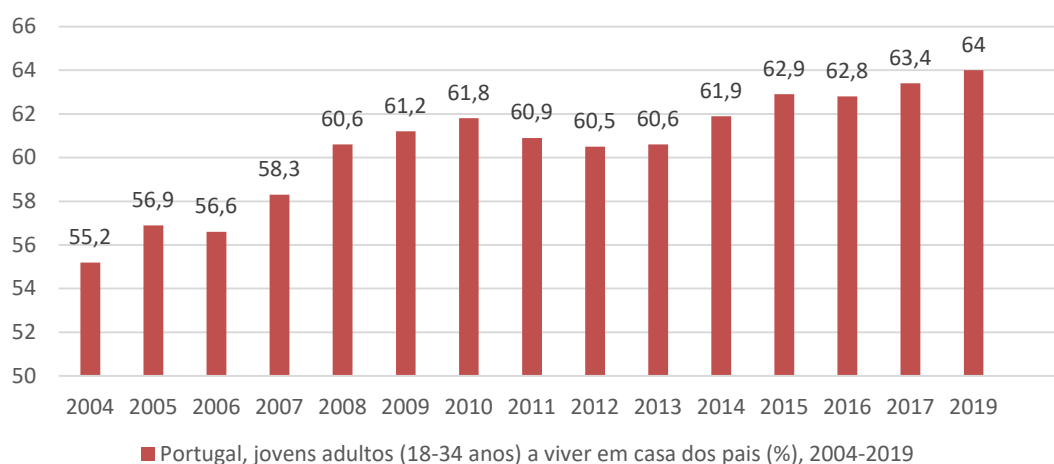


Fig.77 – Jovens adultos (18-34 anos) a viver em casa dos pais (%), Portugal, 2004-2019. Fonte: Gulbenkian<sup>124</sup>

*“64% dos jovens portugueses, entre os 18 e os 34 anos vivem em casa dos pais. A conclusão é de um estudo promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, que coloca Portugal no pódio dos países europeus onde os jovens saem mais tarde de casa.”<sup>125</sup>*

Por falta de alternativas, muitos jovens retornam a casa dos pais.

*“Na Região Autónoma da Madeira e no Norte, verificam-se as proporções mais baixas de jovens adultos que não vivem com os pais (53,2% e 54%, respetivamente). Nas regiões do Algarve e Lisboa, observam-se as proporções mais altas, 64,3% e 63,5%, respetivamente.”<sup>126</sup>*

As variadas razões de emancipação são a formação de família, estudos e/ou emprego, podendo retornar a casa dos pais por falta de emprego, impossibilidades financeiras, separação, em momentos transitórios. Perspetiva-se que em 2050 os portugueses terão de trabalhar até aos 72 anos de idade ou até mais tarde.<sup>127</sup> Além disso, *“os percursos escolares são mais longos, a participação no mercado de trabalho mais precária e a saída de casa dos pais ocorre em idades mais avançadas que outrora (Azevedo, 2016).”<sup>128</sup>*

<sup>124</sup> XEREZ, Romana; PEREIRA, Elvira; DALPRÁ, Francielli – *Habitação Própria em Portugal: numa perspetiva intergeracional*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, novembro de 2019. p.41. Disponível:

[https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/46/2020/07/22160512/Habitacao\\_relatorio\\_2Edicao\\_v3.pdf](https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/46/2020/07/22160512/Habitacao_relatorio_2Edicao_v3.pdf)

<sup>125</sup> 64% dos jovens portugueses vivem em Portugal [em linha]. SIC Notícias, 15 de Julho de 2020. [consult. 18-3-2021]. Disponível: <https://sicnoticias.pt/pais/2020-07-15-64-dos-jovens-portugueses-vivem-em-casa-dos-pais>

<sup>126</sup> AZEVEDO, Alda Botelho – *op.cit.* p.40, l.20-25.

<sup>127</sup> RIBEIRO, Luís – *OCDE portugueses têm de trabalhar até aos 72 anos para a população produtiva ser equilibrada* [em linha]. Diário de notícias, 21 de Dezembro de 2020. [consult. 18-3-2021]. Disponível: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/21-dez-2020/ocde-portugueses-tem-de-trabalhar-ate-aos-72-anos-para-a-populacao-produtiva-ser-equilibrada--13158896.html>

<sup>128</sup> AZEVEDO, Alda Botelho – *op.cit.* p.40, l. 4-8.

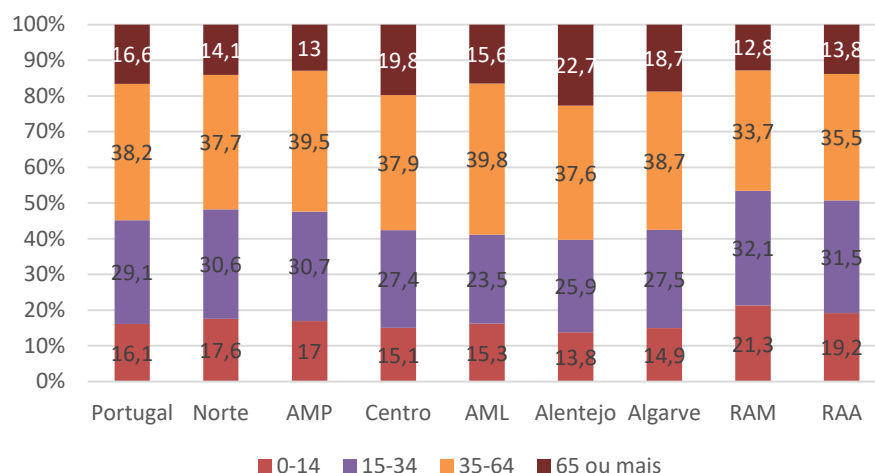


Fig.78 – População residente (%) por grupos etários e local de residência, Portugal, 2001. Fonte: Pordata<sup>129</sup>

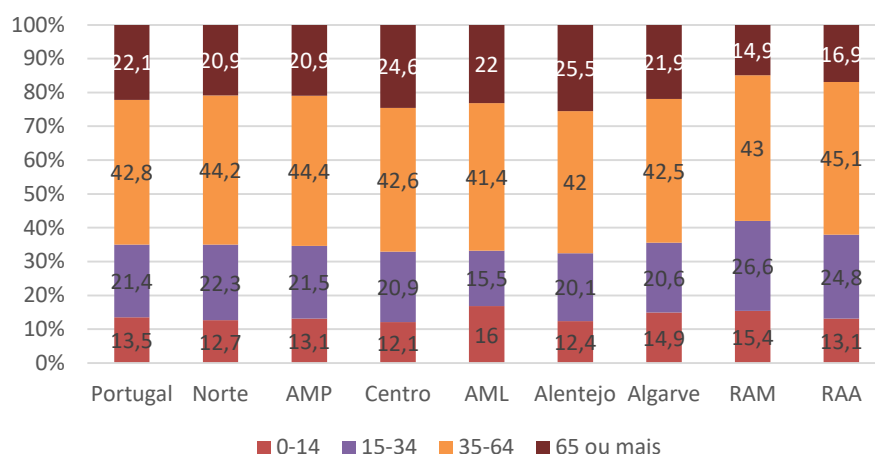


Fig. 79– População residente (%) por grupos etários e local de residência, Portugal, 2019. Fonte: Pordata<sup>130</sup>

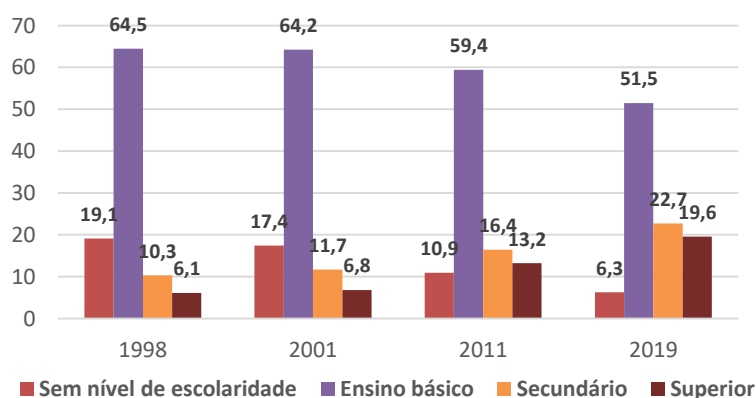


Fig. 80– População residente c/+15 anos por nível de escolaridade completo mais elevado (%), Portugal, 1998-2019. Fonte: Pordata<sup>131</sup>

<sup>129</sup> PORDATA - População residente (%) por grupos etários e local de residência, Portugal, 2001 [em linha]. [consult. 15-3-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente++estimativas+a+31+de+Dezembro-120>

<sup>130</sup> PORDATA - População residente (%) por grupos etários e local de residência, Portugal, 2019 [em linha]. [consult. 15-3-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente++estimativas+a+31+de+Dezembro-120>

Nos núcleos urbanos de maior dimensão, a resposta existente é de residências somente para estudantes, insuficientes para a procura e outras residências, nomeadamente privadas, sendo inconcebível os custos para grande parte dos estudantes. Outra possibilidade é a habitação ou partilha entre jovens estudantes e/ou trabalhadores, sendo esta apropriação inadequada conferindo uma habitação projetada para família clássica, hierarquizada e desatualizada. Não existe uma resposta social que possibilite viver com custos baixos, sem hierarquias e com espaços para trabalho pessoal ou coletivo. Sem esforço público não será possível corresponder às necessidades básicas de um jovem adulto que sai de casa dos pais e que inicia a sua entrada no mercado de trabalho. Segundo Montaner, Muxí e Falagán:

*“(...) o esforço económico associado à emancipação faria duvidar se esta é a forma mais adequada de dar resposta a este grupo ou se não seria mais lógico dispor de apartamentos maiores, sem hierarquia, com espaços para tarefas reprodutivas compartilhadas e para o trabalho produtivo, que permitam compartilhar todos os custos. (...)”*<sup>132</sup>

No artigo *Habitação Própria* da Fundação Calouste Gulbenkian refere “a falta de dados sobre habitação em Portugal dificulta a discussão das implicações dos novos riscos sociais de acesso à habitação. As experiências habitacionais dos jovens são uma preocupação global contemporânea, tendo-se verificado o agravamento dos problemas de habitação dos jovens em muitos países. O acesso à habitação agravou -se, estão mais dependentes do arrendamento a preços de mercado, têm menos respostas de habitação pública, permanecem mais tempo em casa dos pais. As implicações do acesso dos jovens à habitação é uma questão recente que tem motivado importantes estudos. (Majamaa, 2011; Clapham, Mackie, Orford, Thomas e Buckley, 2014; Forrest, 2012; McKee, 2012; Mackie, 2016; Hirayama & Ronald, 2008).”<sup>133</sup>

Para efeito do II Observatório do Mercado da Habitação em Portugal: Os desafios dos Jovens no acesso à habitação da Century 21 (2019) foi organizado um inquérito a 800 indivíduos de diferentes locais do país destinado aos jovens adultos, chegando às seguintes conclusões: as principais razões para a emancipação dos jovens são viver em casal, adquirir responsabilidades e crescer como pessoa, ser independente; 78% dos jovens não vive onde gostaria, principalmente por falta de recursos económicos; 8 em cada 10 jovens têm despesas mensais de habitação; só cerca de 1/3 dos jovens assume a totalidade dos custos da casa que habita. Já 4 em cada 10 jovens partilham despesas em casal, amigos ou recebe ajuda da família; os mais jovens, entre os 18 e os 24 anos, demonstram uma preferência de 48,1% pelo arrendamento; a primeira casa para emancipação pretendem perto do centro da cidade ou mesmo central; 7 em cada 10 jovens querem continuar a viver na sua cidade; extras como garagem e terraço, seguidos da localização são os fatores que estão mais dispostos a abdicar se encontrarem uma habitação compatível com o seu orçamento; a segurança da zona da habitação é o que mais privilegiam, seguida pela qualidade de construção e a eficiência energética da

<sup>132</sup> PORDATA - População residente c/+15 anos por nível de escolaridade completo mais elevado (%), Portugal, 1998-2019 [em linha].

[consult. 21-3-2021]. Disponível:

[https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+\(percentagem\)-884](https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+(percentagem)-884)

<sup>133</sup> MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. – *op.cit.* p.35, l.5-9.

<sup>133</sup> XEREZ, Romana; PEREIRA, Elvira; DALPRÁ, Francielli – *op.cit.* p.40, l.6-14.

casa; no futuro valorizam também a facilidade de estacionamento e garagem; o interesse de se candidatar a programas de apoio à habitação supera os 80% da população jovem.<sup>134</sup>

O programa Porta 65 – Jovem é o único apoio estritamente para jovens e existem alguns programas locais de Câmara Municipais ou Juntas de Freguesia e está inserido na Nova Geração de Políticas de Habitação (2018), sendo estes: (retirados do Portal de Habitação<sup>135</sup>)

- **Porta ao lado** – programa de informação, encaminhamento de proximidade para acesso à habitação;
- **1ºDireito – Programa de apoio ao Acesso à Habitação** – promover soluções habitacionais para pessoas que vivem em fracas condições e sem capacidade financeira para adquirir uma habitação adequada;
- **Programa de arrendamento acessível** (Decreto-lei nº68/2019, 22 de Maio e entrou em vigor a 1 de julho);
- **Habitação a Custos Controlados;**
- **Porta 65 – Jovem** – sistema de apoio financeiro ao arrendamento por jovens, isolado, constituído em agregados ou em coabitação e com os objetivos de estimular estilos de vida mais autónomos por parte dos jovens sozinhos, em família ou em coabitação jovem, a reabilitação de áreas urbanas degradadas e a dinamização do mercado de arrendamento;
- **Da habitação ao habitat** – programa de coesão e integração socio-territorial dos bairros de arrendamento público;
- **Porta de Entrada** – programa de apoio ao alojamento urgente – apoiar situações com irregularidades que sejam alojadas temporariamente (Decreto-Lei nº29/2018, 4 de Maio);
- Outros.
- No caso atual de apoio à covid-19, foi desenvolvido um regime excecional sobre as rendas a partir de 1 de Abril de 2020 (Decreto-Lei nº106-A/2020 e da Lei nº74-A/2020, 30 de Dezembro)

Para concluir, enfatiza-se a importância do estudo multidisciplinar para a compreensão e integração das mudanças sociais na prática da arquitetura. A população mais diversa, variável e instável situa-se nos jovens adultos e seniores, necessitando de serem incluídos no estudo e introdução de parâmetros de flexibilidade, adaptabilidade e acessibilidade para melhorar a apropriação do ocupante.

<sup>134</sup> // *Observatório do Mercado da Habitação em Portugal: Os desafios dos Jovens no acesso à habitação* [em linha]. Century 21, Junho de 2019. [consult. 13-3-2021] Disponível: [https://www.century21.pt/media/1162510/2\\_observatoriopt\\_v17.pdf](https://www.century21.pt/media/1162510/2_observatoriopt_v17.pdf)

<sup>135</sup> PORTAL DA HABITAÇÃO - A Nova Geração de Políticas de Habitação [em linha]. [consult. 21-3-2021]. Disponível: <https://www.portaldahabitacao.pt/>

### 2.1.1. Pandemia Covid-19: O agravamento da circunstância

A primeira crise económica do século XXI abalou muitas famílias, impossibilitando-as de viver com qualidade, fala-se agora da segunda crise económica que afetará diversas dimensões com problemas sociais e políticos. A pandemia veio ter impacto na sociedade. No primeiro confinamento geral, 60 mil novas pessoas<sup>136</sup> necessitaram de recorrer à ajuda alimentar e aumentaram no segundo confinamento.

A pandemia tem vindo a agravar a situação portuguesa e, principalmente, dos jovens adultos. Sem a segurança de um emprego que sustente economicamente a vida do indivíduo, a habitação fica menos assegurada. As notícias demonstram as dificuldades, o despejo e a procura de outra habitação ou até o retorno à casa dos pais. É inevitável o impacto na habitação que se tornou o lugar de trabalho produtivo, fazendo atividades retornarem à habitação, enfatizando assim as necessidades da flexibilidade e adaptabilidade pela falta de condições associadas ao teletrabalho, ao cuidado de crianças, exercício físico, etc. Os pedidos de apoio ao arrendamento aumentaram durante os confinamentos. A realidade não era fácil para toda a população e a pandemia agravou a situação da população mais fragilizada. O artigo *Os Novos Pobres: Gente Jovem e que tinha Emprego*<sup>137</sup> do jornal Sol de 24 de Janeiro de 2021 destaca que a pandemia não escolhe idade nem género, aumentando cada vez mais os pedidos de auxílio. A Presidente do Banco Alimentar Contra a Fome, Isabel Jonet, afirma que variadas famílias que nunca viveram situação de pobreza, atualmente vivem em grandes dificuldades, sendo na sua maioria jovens que perderam o emprego e pertencentes à classe média. Além disso, enfatiza-se a realidade preocupante dos seniores, verificando-se o agravamento das condições. A fragilidade perante o vírus, separação social na sociedade, ao que acresce falta de estimulação jovial, uma separação física do sénior e da família. Associados a outros problemas recorrentes (a visão, a audição, a perda de flexibilidade, aumento da demência, doenças crónicas comuns) e dificuldade na integração de muitos à comunicação *online*, dificulta a relação com o mundo. De acordo com o artigo *O que é preciso para acabar com os “depósitos de velhos”?*<sup>138</sup> do Jornal Público de 8 de Novembro de 2020, morreram 1047 idosos em lares com covid-19, destacando as carências de alternativas como habitação assistida, habitação adaptada e *cohousing* sénior, aumentando o número de destinatários da faixa etária +65 anos de idade.

Face à situação pandémica, uma vez que a arquitetura é um contributo para a sociedade deve fazer uma reflexão crítica sobre as questões atuais e traduzir as necessidades existentes da população para projeto e para um futuro melhor. A pandemia destacou problemas habitacionais já existentes que se evidenciaram pela carga social, política e económica do momento. Para além disso, o aumento da população a viver o quotidiano a partir da habitação, fez sobressair questões da prática de projeto arquitetónico.

<sup>136</sup> Rede de Emergência Alimentar - *Nós, Portugueses: Nascer para não morrer*. Realização de Pedro Clérigo. Portugal: RTP/Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2020. Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p6829/e455740/nos-portugueses-nascer-para-nao-morrer>

<sup>137</sup> FAUSTINO, Joana – *Os novos pobres: gente jovem e que tinha emprego* [em linha]. Jornal SOL, 24 de Janeiro de 2021. [consult. 21-3-2021]. Disponível: <https://sol.sapo.pt/artigo/722206/os-novos-pobres-gente-jovem-e-que-tinha-emprego>

<sup>138</sup> FARIA, Natália – *Morreram 1047 idosos em lares com covid-19. O que é preciso para acabar com os depósitos de velhos?* [em linha]. Jornal PÚBLICO, 8 de novembro de 2020. [consult. 20-3-2021]. Disponível: <https://www.publico.pt/2020/11/08/sociedade/noticia/morreram-1047-idosos-lares-covid19-preciso-acabar-depositos-velhos-1936822>



Fig. 81 – Esquema Síntese das Transformações Sociais, Económicas, Políticas e na Arquitetura, e Pandemia.

## 2.2. Habitação no século XXI: Para um grupo de residentes diversificado

A partir dos anos 80/90, apesar de já existentes, mas sem relevo, por motivos sociais e políticos, crescem outros e novos formatos familiares. No artigo *Habitação, Hábitos e Habitantes: tendências contemporâneas metropolitanas*, o arquiteto Marcelo Tramontano menciona:

*“Surtem novos formatos de grupos domésticos: famílias monoparentais, casais DINKS (Double Income no Kids), uniões livres, (...), casais homossexuais, grupos coabitando sem laços conjugais ou de parentesco entre seus membros e uma família nuclear renovada, (...), com enfraquecimento da autoridade dos pais em benefício de uma maior autonomia de um de cada seus membros. Todos passos em direção a um – aparentemente – novo padrão social: pessoas vivendo sós. As causas desta evolução são inúmeras e, relativamente, recentes.”<sup>139</sup>*

Para além disso, Tramontano refere que este habitante,

*“na viragem do século XXI, já não é estável nem fixo, e parece ser, um indivíduo que vive, principalmente sozinho, que se agrupa eventualmente em formatos familiares diversos, que se comunica à distância com redes às quais pertence, que trabalha em casa mas exige equipamentos públicos para o encontro, que busca a sua identidade através do contexto com a informação.”<sup>140</sup>*

Verifica-se a forte tendência à mudança tanto do indivíduo como na formatação familiar em que se insere. Apesar das grandes transformações sociais, Tramontano considera que numa habitação, *“o desenho do espaço doméstico para esta população em transformação, o ritmo tem sido bem mais lento.”<sup>141</sup>* Segundo o mesmo arquiteto, ainda grande parte da população das cidades vive em tipologias caracterizadas *“pela tripartição em áreas social, íntima e de serviços, ao arquétipo moderno da habitação para todos com a sua uniformidade de soluções em nome de uma suposta democratização das características gerais dos espaços.”<sup>142</sup>* Progressivamente desassociam-se a família nuclear típica e os modos de habitar que cada vez mais apresentam dinâmicas diversas, o desenho do espaço de habitação mantém-se bastante estável. Esta estagnação opõe-se a particularidades dos modos de viver do século XXI. Visto que os papéis hierarquizados tendem a deixar de existir, a habitação passa a ser democratizada. Como se transcreve o mesmo em desenho do espaço doméstico, de acordo com novas necessidades como por exemplo o teletrabalho; questões de apropriação, adaptabilidade e flexibilidade<sup>143</sup>; habitação temporária<sup>144</sup>; extensões público/privado, o carro, a internet, o trabalho e infraestruturas/equipamentos.

Desde a década de 1990, iniciaram-se mudanças à escala mundial, sendo que essas mudanças ocorreram em 3 tipos de fenómenos que caracterizaram as cidades e os territórios no começo do século XXI, de acordo com os arquitetos Josep Maria Montaner e Zaida Muxí:

<sup>139</sup> TRAMONTANO, Marcelo - *Habitação, Hábitos e Habitantes: tendências contemporâneas metropolitanas* [em linha]. 1998 [consult. 8-2-2021]. Disponível: [http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria\\_artigos\\_online01.htm](http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria_artigos_online01.htm)

<sup>140</sup> *Ibid.*

<sup>141</sup> *Ibid.*

<sup>142</sup> *Ibid.*

<sup>143</sup> *Ibid.*

<sup>144</sup> *Ibid.*

*“Em primeiro lugar, no que toca aos capitais: (...) a voracidade do capital especulativo, (...). (...) em segundo lugar, as mudanças referentes às pessoas, (...) fortes movimentos migratórios nas últimas décadas, que, (...) têm gerado mudanças sociais importantíssimas (...). A terceira variável, as tecnologias da comunicação – internet, televisão, satélite, telemóvel, etc.”<sup>145</sup>*

Antes destes fenómenos era evidente o distanciamento entre o local de origem e o novo destino de fixação, algo que não acontece atualmente, devido à sociedade em rede: diminuição da distância – as autoestradas, as rotas aéreas, o sistema de rede wifi e as redes sociais. Com isto, o fenómeno da globalização incrementou o turismo, uma experiência que se tornou exagerada pelo impacto, no caso do país, Lisboa e Porto. Segundo os arquitetos:

*“A única alternativa para que se consiga que os tecidos urbanos históricos não sejam engolidos pelo sistema turístico e seus habitantes não sejam expulsos, radica em conseguir que as administrações e os operadores turísticos invistam na qualidade de vida desses lugares por meio de cotas, impostos e taxas. (...) favorecendo políticas sociais de habitação, promovendo a qualidade e a manutenção do espaço público;(...).”<sup>146</sup>*

Existem arquitetos que se têm mostrado relevantes para a prática de projetos de reabilitação como o *atelier Fala*, no Porto. «Para a reabilitação de um edifício, em primeiro lugar, é necessário perceber o que se quer manter ou não, se quer eliminar a condição existente, se se quer celebrar a condição existente (...).»<sup>147</sup> Desde 2013, os *Fala Atelier* fogem às restrições da proteção do Património da UNESCO na cidade do Porto, projetando expressão criativa e liberdade. Segundo o arquiteto Filipe Magalhães (*Fala Atelier*): “As verdadeiras fachadas do nosso tempo são as viradas para o pátio.”<sup>148</sup> De acordo com o arquiteto Pedro Bandeira:

*“(...) os Fala podem ser facilmente vistos de duas maneiras: no estrangeiro são associados à continuidade da arquitetura portuguesa; em Portugal, eles são vistos como perturbadores, para não dizer não amados.”<sup>149</sup>*

Eles tiraram partido da globalização e turismo, e apresentam uma perspetiva otimista desta realidade, contra a mediocridade, entrando no jogo da especulação imobiliária. A identidade está na utilização das formas, cor e materiais marcantes, e um exemplo do trabalho de reabilitação deste *atelier* é o Apartamento num chão verde-menta (2018-2019), no Porto. Este projeto pertence ao piso inferior de um edifício de habitação coletiva corrente, reconfigurando completamente o seu interior e o terraço. Desenvolve-se a partir de um espaço que vai de uma fachada à outra, com um pavimento contínuo que liga os espaços de estar e refeições e prolonga a habitação para o terraço, com fragmentação a partir de um plano curvo, onde se encontram os quartos e com possibilidade de adicionar um quarto e uma cozinha separada. A cozinha e zona de estar estão próximas ao grande vão que faz o tardo total do piso inferior.

<sup>145</sup> MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida - *Arquitectura e Política: Ensaio para Mundos Alternativos* (2014), 1ª ed., Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2019. p.79-81.

<sup>146</sup> *Ibid.* p.153, l.22-38.

<sup>147</sup> Conferência *FALA atelier – an architecture that wasn't asked for* [em linha]. [consult. 9-1-2021]. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=4Ql4OctlubY&ab\\_channel=gbltuwien](https://www.youtube.com/watch?v=4Ql4OctlubY&ab_channel=gbltuwien)

<sup>148</sup> JOANELLY, Tibor; BANDEIRA, Pedro; GEERS, Kersten - *2G: Fala*, 1ª ed., Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2019. p.6, l.33-34.

<sup>149</sup> *Ibid.* p.10, l.14-18.

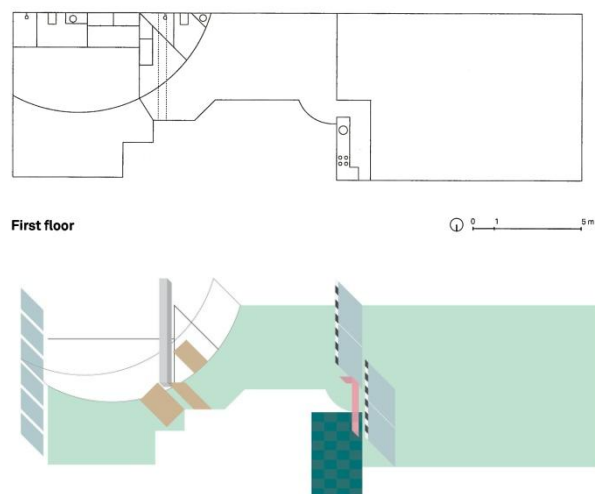


Fig.82 – Vista do pátio, Apartamento num chão verde menta, Porto. Fala Atelier, Porto, 2019.

Fig.83 – Zona de estar, Apartamento num chão verde menta, Porto. Fala Atelier, Porto, 2019.

Fig. 84– Plantas piso 0, Apartamento num chão verde menta, Porto. Fala Atelier, Porto.

Fig. 85 – Cozinha, Apartamento num chão verde menta, Porto. Fala Atelier, Porto, 2019.

Outro exemplo é o Bairro D. Leonor (2005-2013), um projeto de Inês Lobo, produto completamente diferente de reabilitação no Porto. Este projeto incidiu num conjunto de habitação social concluído em 1953 proveniente de necessidade de albergar população desfavorecida desse momento. Este conjunto habitacional esteve degradado e em risco de demolição, ficando sem efeito. A partir de um concurso da Câmara Municipal do Porto com financiamento totalmente privado mantendo-se assegurado ser para habitação social. Com as alterações no PDM, dividindo o terreno em dois, permitiu uma parte ser para venda de habitações.<sup>150</sup> Os edifícios de 2 pisos (150 fogos) têm no piso o acesso direto ao fogo e um logradouro. No piso 1, o acesso é feito por um lance de escadas preexistente com um logradouro. O objetivo era manter a identidade e adequada habitabilidade, criando uma requalificação dos espaços exteriores e uma linguagem unificadora dos edifícios de habitação, valorizando a memória coletiva. Apesar disso, os interiores das habitações encontravam-se desatualizados, tendo de modifica-los e adaptá-los à atualidade. Além da reabilitação ser importante para este século, os métodos participativos tornam-se integrantes de projetos de habitação, usufruindo da participação dos residentes de modo a adequar e assegurar melhoria de qualidade de vida. Para a construção do edifício de habitação social do *atelier* Cerejeira Fontes Arquitetos (2017-2018), colaboraram com o Laboratório de Habitação Básica (LAHB) incluindo métodos participativos na realização do mesmo. O edifício de habitação coletiva tem dois corpos, conectados por uma galeria, com 70 fogos e tipologias que variam entre T1 e T4, incluindo duplex. O acesso é feito por uma galeria de vasta dimensão que serve a circulação às habitações e de espaço de apropriação e extensão da habitação. As áreas comunitárias são a lavandaria, sala de estudo e de moradores e um logradouro exterior privado com um parque infantil.

Além do Bairro D. Leonor, o LAHB, criado em 2013, participou em outros projetos como a ilha da Bela Vista e os Okupas de Riobom, surgindo da carência e vontade de experimentação sobre reabilitação urbana, usufruindo da participação de associações de moradores para resolver problemas de habitação.<sup>151</sup> O intuito é considerar as várias frentes – políticas, acesso à habitação e cidade – estudando multidisciplinarmente, apoiando a inclusão social, “*num sistema mais participativo e menos burocrático.*”<sup>152</sup> A ilha da Bela Vista (2013-2017) foi um projeto participado com o contributo do LAHB/CICS.Nova\_UMinho/Imago, Gabinete de Arquitetura Cerejeira Fontes, como o edifício coletivo do Bairro D. Leonor, e associação de moradores. Esta intervenção situada numa *ilha* dos meados do século XIX, localizada no centro da cidade do Porto onde vivem várias gerações de famílias. A ilha é da CMP por regime de arrendamento. Devido aos moradores não quererem ser deslocados durante a requalificação, a intervenção teve de ser por fases. A unidade de habitação era organizada por uma sala pequena, maioritariamente com mesa central, cadeiras em redor, um sofá, um móvel e frigorífico com TV em cima, modificando-se a partir daí, introduzindo elementos essenciais de habitabilidade: ventilação e aquecimento, saneamento, instalações sanitárias, e cozinhas.<sup>153</sup>

<sup>150</sup> PORTO. - *Bairro rainha dona Leonor já tem andar e em breve recebe moradores* [em linha]. 23 de Outubro de 2018. [consult. 22-3-2021]. Disponível: <https://www.porto.pt/pt/noticia/bairro-rainha-dona-leonor-ja-tem-andar-modelo-e-em-breve-recebe-os-moradores>

<sup>151</sup> *Et al.* - *Por uma habitação básica: Cidadania, democracia associativa e metodologias participativas*, Porto: Edições Afrontamento, 1ª edição, Dezembro 2020. p.106.

<sup>152</sup> *Ibid.* p.107.

<sup>153</sup> *Ibid.*

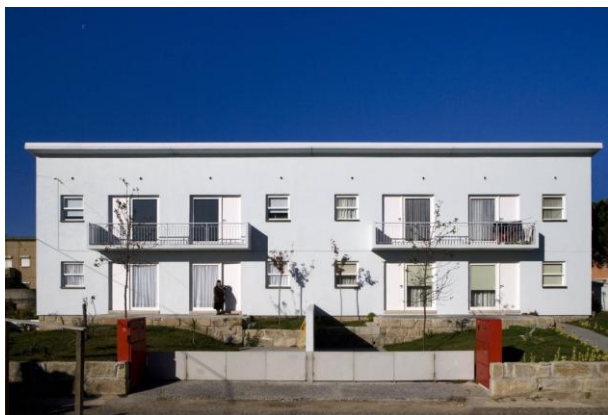


Fig.86/87 (esquerda) – Fachadas, reabilitação do Bairro D. Leonor, Inês Lobo (2005-2013), Porto.

Fig.88/89 (direita) – Edifícios de Habitação Coletiva, Edifícios de Habitação Coletiva, Bairro D. Leonor (2017-2018), Cerejeira Fontes Arquitetos, Porto.



Fig.90/91/92/93- Ilha da Bela Vista, reabilitação, LAHB/CICS.Nova\_UMinho/Imago, Gabinete de Arquitetura Cerejeira Fontes, Associação de Moradores da Bela Vista, Porto, 2017.

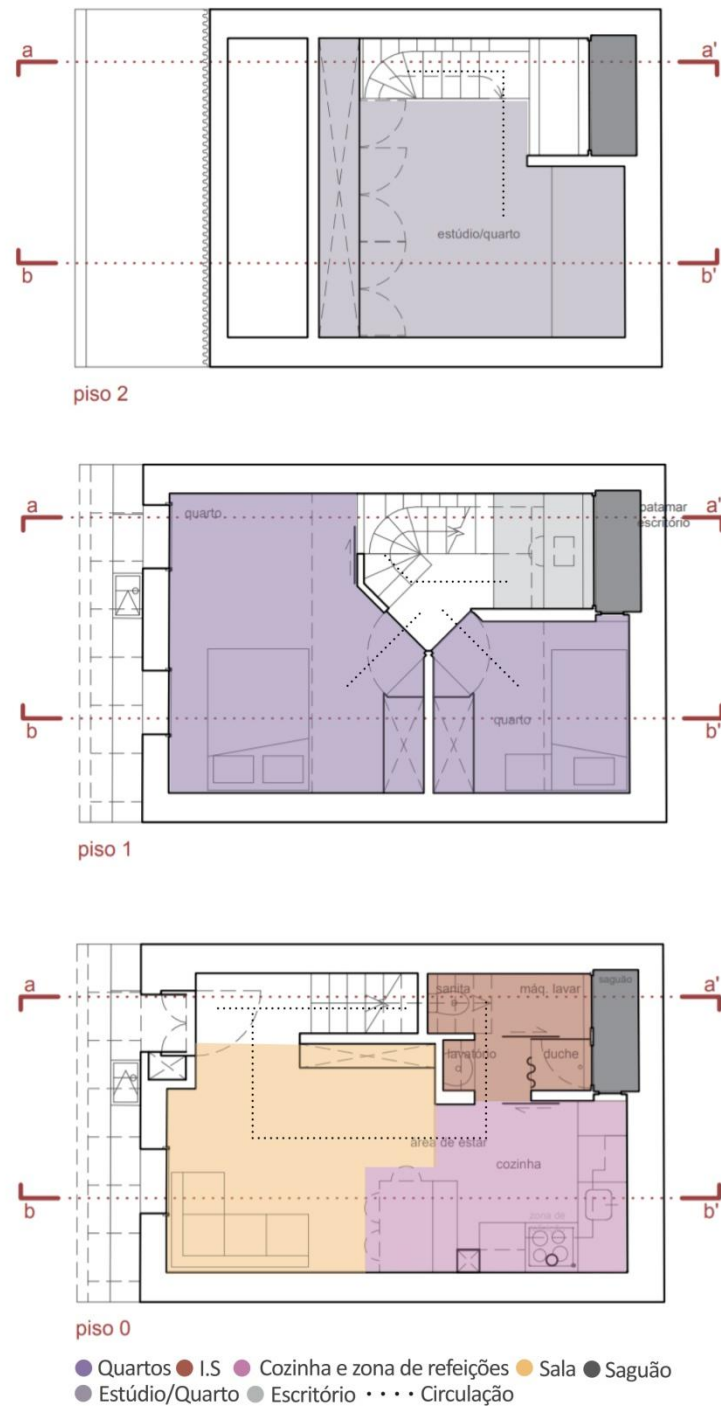


Fig. 94 – Plantas Piso 0/1/2 (tipologia B) e esquema de espaços e circulação, Ilha da Bela Vista, Porto, 2017.

A participação e a reabilitação são questões de projeto do século XXI. Face à pouca consideração sobre os seniores e a dificuldade do acesso à habitação por parte dos jovens adultos, apresentam-se projetos de habitação assistida, *cohousing* e habitação jovem. Habitação assistida é, segundo a ALFA – *Assisted Living Federation of America* (2000), “a combinação especial de habitação, serviços de apoio, assistência personalizada e cuidados de saúde desenhados para responderem às necessidades individuais daqueles que necessitam de ajuda em atividades da vida diária. Serviços de apoio estão disponíveis 24 horas por dia, (...)”<sup>154</sup> As características de um edifício de habitação assistida, segundo Victor Regnier são: a privacidade; a interação social e participação da comunidade; o controlo e escolha de atividades; *wayfinding* (métodos de orientação sensorial, facilitação da acessibilidade); segurança; acessibilidade e adaptabilidade; estimulação (cor, textura, padrão)<sup>155</sup>; promover a independência; manter um carácter residencial; conexão com o exterior da residência e projetar prevendo o cuidador/a.<sup>156</sup>

Os arquitetos Aires Mateus projetaram a Residência de Alcácer do Sal (2010), destinada a população da faixa etária +65 anos de idade com capacidade para 60 pessoas<sup>157</sup>, desde muito autónomos a dependentes, tendo sido encomenda pela Santa Casa de Misericórdia. O projeto tem como programa sala de refeições e convívio e unidades de habitação. Para esse efeito, os arquitetos demoliram um conjunto de edifícios existentes pela falta de espaço necessário para a obra, podendo assim, resultar num amplo espaço ajardinado onde desenvolvem atividades como exercício físico e convívios, e que o edifício de 3 pisos abraça o terreno, tendo no seu tardo até ao limite do lote, uma área para produção de hortas coletivas dos ocupantes. Todo o edifício é muito iluminado, claro e de circulação simples para que seja o melhor perceptível para os habitantes, dado terem perda das suas capacidades motoras e cognitivas. O piso 0 é onde se encontram os espaços coletivos amplos como a sala de refeições e de estar e esses oferecem grandes vãos para terem uma forte relação com o exterior, valorizando as relações exterior/interior, sendo motivo de estimulação do ocupante e de atividades do lar. O piso 1 e 2 é onde se encontram as unidades de habitação, sendo estas, 38 quartos, 16 individuais e 22 partilhados, com instalação sanitária privativa e com uma varanda/espço exterior de prolongamento do quarto, mantendo a privacidade a partir do vão inclinado quebrando a visão direta para o interior, tendo no piso 1 um espaço comum para residentes mais dependentes que não se conseguem deslocar sempre ao piso inferior. Cada quarto, à sua entrada tem uma galinha de peluche artesanal com a sua identificação para reconhecimento do mesmo. Segundo o arquiteto Francisco Aires Mateus:

«Pergunto às pessoas como é que é e elas gostam, sentem-se bem, sentem-se em casa. Isto, para mim, é um bocado surpresa, (...) há sempre uma componente um pouco hospitalar, por outro lado, fico muito contente que elas assumam aquele edifício como casa delas (...)»<sup>158</sup>

<sup>154</sup> REGNIER, Victor - *Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the physically and mentally frail*, John Wiley & Sons, New York, 2002. p.31-11-20.

<sup>155</sup> *Ibid.* p.31-34.

<sup>156</sup> *Ibid.* p.4-7.

<sup>157</sup> *Atelier d'Arquitetura. Aires Mateus: Desenhar para a comunidade.* RTP Play, ep.2, 14 Abril, 2019. (25:26min) Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p5644/e401024/atelier-arquitetura>

<sup>158</sup> *Atelier d'Arquitetura. Aires Mateus: Desenhar para a comunidade.* RTP Play, ep.2, 14 Abril, 2019. (25:26min) Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p5644/e401024/atelier-arquitetura>



Fig. 95 – Vista aérea, Residência Assistida, Álcacer do Sal (2010). Aires Mateus: Desenhar para a Comunidade RTP, 2019.

Fig. 96 – Fachada frontal, Residência Assistida , Álcacer do Sal (2010). Aires Mateus: Desenhar para a Comunidade RTP, 2019.

Fig. 97 – Quarto, Residência Assistida , Álcacer do Sal (2010). Fotografia FG+SG.

Fig. 98 –Corredor acesso aos quartos (galinhas referenciais), Residência Assistida , Álcacer do Sal (2010). Aires Mateus: Desenhar para a Comunidade RTP, 2019.

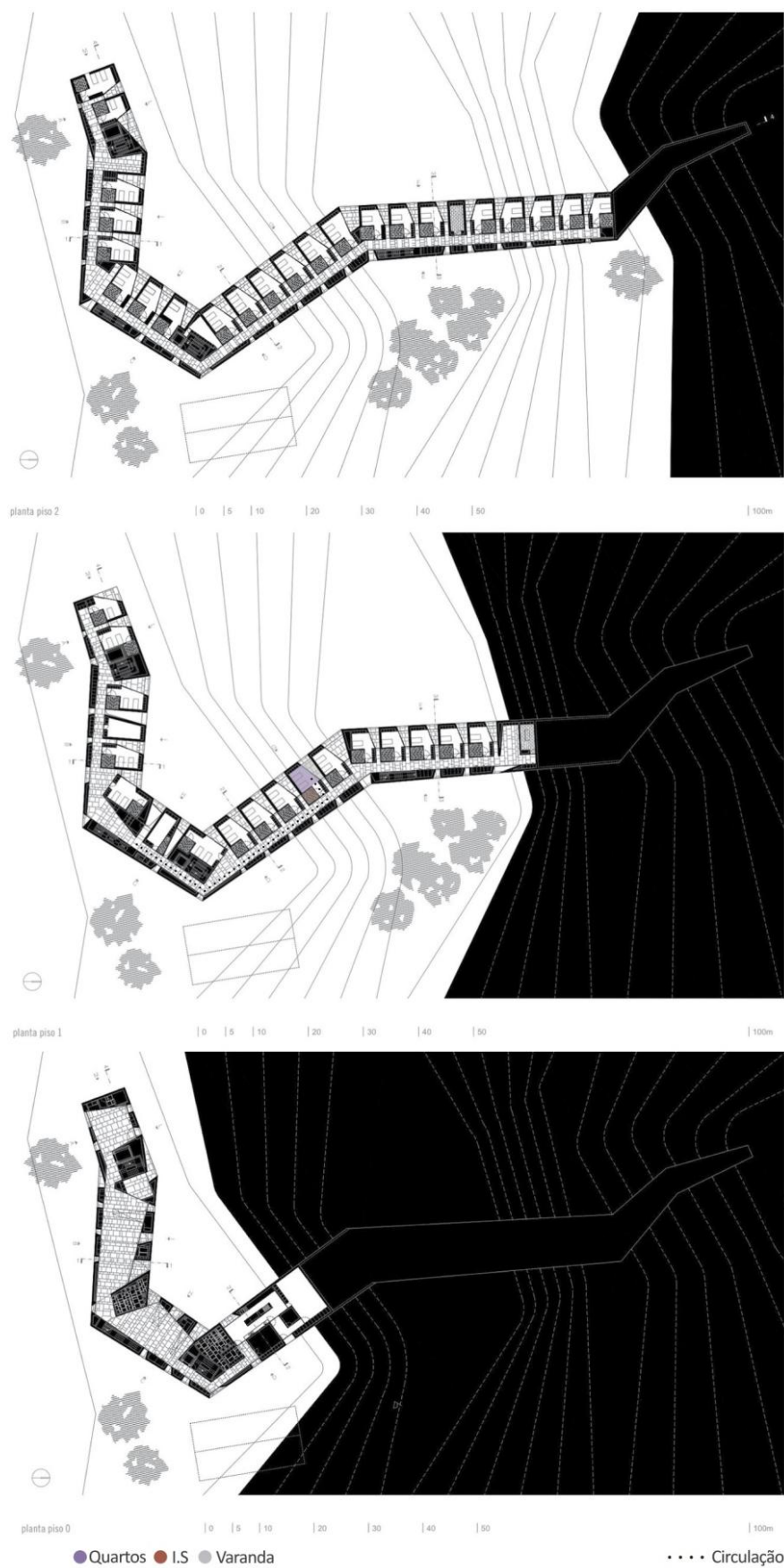


Fig.99 - Plantas Piso 0/1/2, Residência Assistida , Aires Mateus, Álcacer do Sal (2010).

Em relação ao *cohousing* sénior, iniciou-se na Dinamarca e foi um modelo multigeracional de modo a procurar novos estilos de vida. O objetivo é criar comunidades que adotam um estilo de vida alternativo e saudável. O *cohousing* promove então “os mais velhos” a manterem-se jovens respeitando a sua comodidade e autonomia pessoal e é mais sensível a este tipo de habitantes. De acordo com *El Manual del Senior Cohousing: Autonomía Personal a través de la Comunidad* de Charles Durrett é uma comunidade com maior qualidade de vida, menos obrigações (circulação, lides de casa), proveniente da insatisfação pela institucionalização ou inadequada habitação corrente.<sup>159</sup> A partir da participação da comunidade, os projetos são orientados sem hierarquias e conduzidos, normalmente, a um equipamento comum – cozinha coletiva, espaço para reuniões, socialização e atividades, e unidades de habitação de pequenas dimensões com as necessidades básicas de habitabilidade: uma cozinha/zona de estar e refeições, quarto e instalação sanitária. Em Portugal existe a organização Hac.Ora Portugal de *Cohousing* sénior com o objetivo de promover habitação colaborativa/*cohousing* iniciada no Porto em 2018. Surgiram também algumas comunidades, como por exemplo, a Aldeia Social em Águeda da associação Os Pioneiros. Em 2012, esta comunidade surge da falta de alternativas à institucionalização com qualidade de vida e autonomia. Cada habitação tem estrutura em madeira e inclui uma cozinha, um quarto e uma instalação sanitária, funcionando por arrendamento de acordo com as possibilidades do ocupante (entre 100 e 850 euros<sup>160</sup>). Esta comunidade serve-se de serviços de saúde, limpezas e refeições. Este estilo de vida é destinado ao sénior autónomo e sem necessidades acrescidas ao básico da sua idade, não substituindo a habitação assistida e outras alternativas.

---

<sup>159</sup> DURRETT, Charles - *El Manual del Senior Cohousing: Autonomía Personal a través de la Comunidad*, Madrid: Asociación Jubilares, 1ª ed., 2015. p.15.

<sup>160</sup> LUSA – *Aldeia social em Águeda permitem a idosos viverem com autonomia* [em linha]. 22 de dezembro de 2020. [consult. 5-3-2021]. Disponível: <https://observador.pt/2020/12/22/aldeia-social-em-agueda-permite-a-idosos-viverem-com-autonomia/>



Fig.100 – Vista geral da aldeia social, Ass. Os Pioneiros, *Cohousing Sénior* (2012), Águeda.

Fig.101 – Exemplo de habitação da aldeia social, Ass. Os Pioneiros, *Cohousing Sénior* (2012), Águeda.

Fig.102/103 – Exemplos de cozinhas da aldeia social, Ass. Os Pioneiros, *Cohousing Sénior* (2012), Águeda.

Sobre habitação destinada aos jovens adultos existe um projeto em Lisboa, do *atelier* Promontório, sendo este, um atelier sediado em Lisboa desde 1990. Sobre habitação coletiva, nomeadamente, habitação jovem, destaca-se o projeto da Praça de Entrecampos (Lisboa), localizado na Avenida das Forças Armadas, com uma significativa área, sendo a maior intervenção de regeneração urbana desde a Expo '98.<sup>161</sup> Este projeto localizado numa área diversificada, com forte mobilidade e serviços como a cidade universitária e o polo universitário do ISCTE-IUL, destina-se a habitação jovem, até aos 40 anos de idade, tendo sido feito um sorteio público, destacando a procura que se verificou em 300 unidades de habitação disponíveis para 10000 inscritos.<sup>162</sup> O programa é misto com 654 unidades de habitação, entre estúdios e T3, escritórios e comércio. Isto resultou da perda significativa de jovens nos centros das cidades pelos arrendamentos exorbitantes, impossibilitando os mesmos de aí viverem, deslocando-se para outros locais menos centrais, deixando estas áreas mais centralizadas. Segundo os arquitetos, *“Lisboa perdeu cerca de 30% da sua população em menos de três décadas, com o centro deixado quase exclusivamente para os idosos e os prósperos ricos.”*<sup>163</sup> Como já referenciado anteriormente, para dar continuidade e contributo de cidade, este conjunto mantém uma vida social nos pisos inferiores, com comércio, lojas, escritórios e será conciliado com um centro de arte, Lisboa Arte Fórum destacando-se do resto dos volumes por ser extenso e baixo, onde se proporcionam atividades criativas e lúdicas e combina o espaço com uma praça que relaciona a vida urbana com uma área para atividade de cinema ao ar livre, feiras, etc. O conjunto traz elementos de cidade como quarteirão com pórticos de acesso a pátios interiores (possibilitando fechá-los pós funcionamento dos escritórios), ruas internas – pedonais – estacionamento (para 3500 automóveis), com um jogo de ritmos claros entre os rasgos verticais e as linhas horizontais. Foi construído em 2011 a primeira fase do projeto, com intensão de proporcionar e retrazer a vida jovial e dinâmica de cidade, algo já existente na área, desta vez a partir de um projeto de habitação.

---

<sup>161</sup> PROMONTÓRIO - memória descritiva do conjunto da Praça de Entrecampos, pdf. p.2, Disponível: <http://www.promontorio.net/projects/Praca%20de%20Entrecampos>

<sup>162</sup> *Ibid.*

<sup>163</sup> *Ibid.*



Fig.104 – Vista aérea (3D) do projeto com o centro cultural e torre, Praça de Entrecampos, Promontório, Lisboa.

Fig. 105– Vista dos edifícios de habitação coletiva jovem, Praça de Entrecampos, Promontório, Lisboa, (2011).

Fig.106 – Interior dos quarteirões, Praça de Entrecampos, Promontório, Lisboa, (2011).

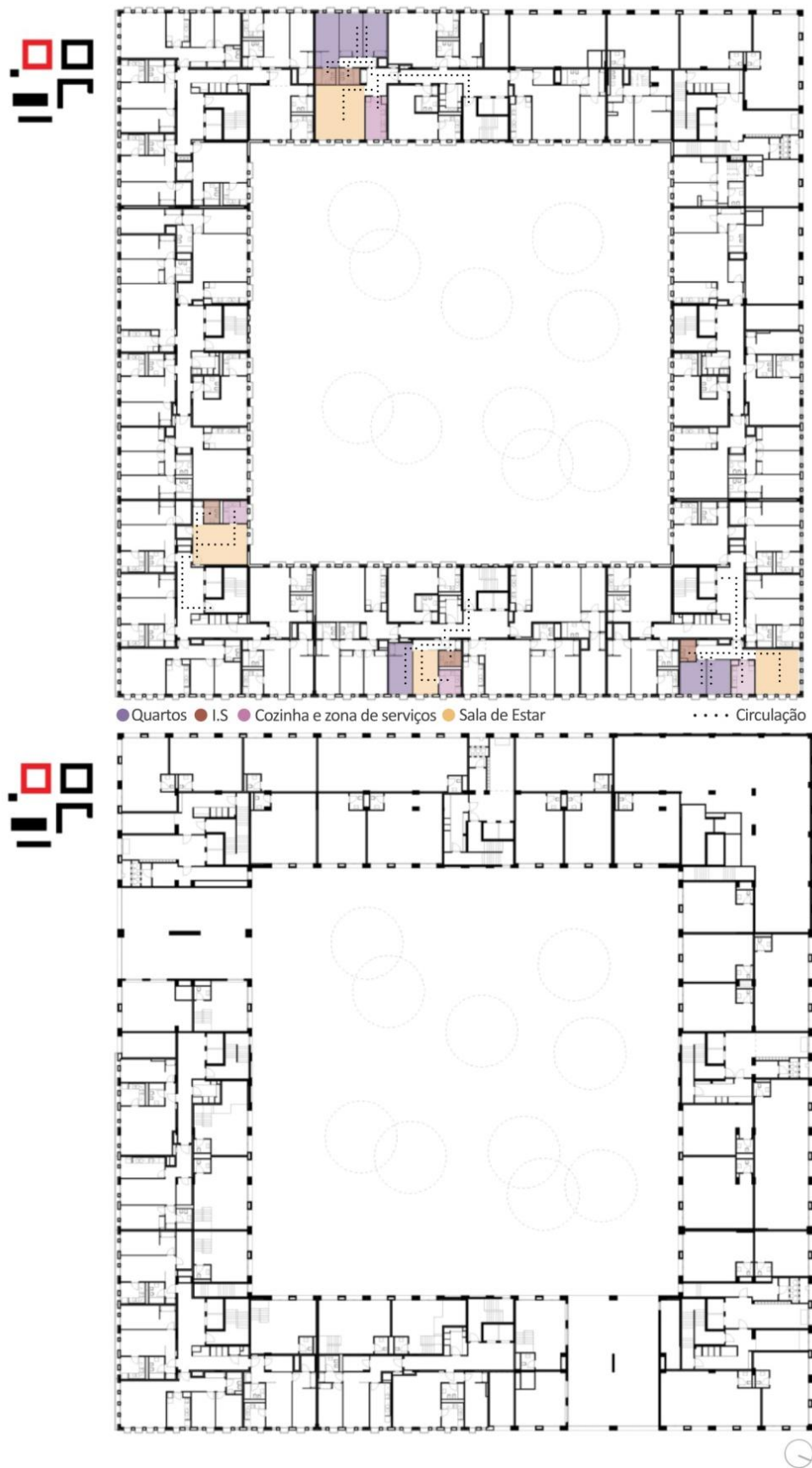


Fig.107/108 – Plantas piso 0 (esquema de espaços e circulação) e piso tipo, Praça de Entrecampos, Promontório, Lisboa, 2011.



Fig.109 – Habitação Jovem, Programa Hab. Jovem nos centros históricos, Oeiras, 2019.

Fig.110/111 – Interiores dos fogos, Habitação Jovem, Programa Hab. Jovem nos centros históricos, Oeiras, 2019.

Outro exemplo de habitação jovem é o projeto em Oeiras da Rua Marquês de Pombal (2019), proveniente do Programa Habitação Jovem nos centros históricos da Câmara Municipal de Oeiras. Este programa é destinado à faixa etária 18-35 anos de idade e para jovens que trabalhem e/ou vivam pelo menos há 3 anos em Oeiras e tem o objetivo de rejuvenescer os centros pela perda destas idades para a periferia, à procura de habitações de renda acessível. Este projeto de habitação coletiva inclui 11 fogos (3 T0, 7 T1 e 1 T2), entregues por sorteio.<sup>164</sup> O programa irá continuar, tendo um projeto de reabilitação em curso (edifício Villa Longa), atualmente o maior edifício com esta finalidade (32 fogos).<sup>165</sup>

<sup>164</sup> CM de Oeiras – *Habitação Jovem* [em linha]. 7-11-2019. [consult. 10-3-2021]. Disponível: <https://www.cm-oeiras.pt/pt/viver/habitacao/Paginas/habitacao-jovem-centro-hist%C3%B3rico-oeiras.aspx>

<sup>165</sup> CM de Oeiras – *Habitação Jovem* [em linha]. 12-6-2019. [consult. 10-3-2021]. Disponível: <https://www.cm-oeiras.pt/pt/viver/habitacao/Paginas/habitacao-jovem-villa-longa.aspx>

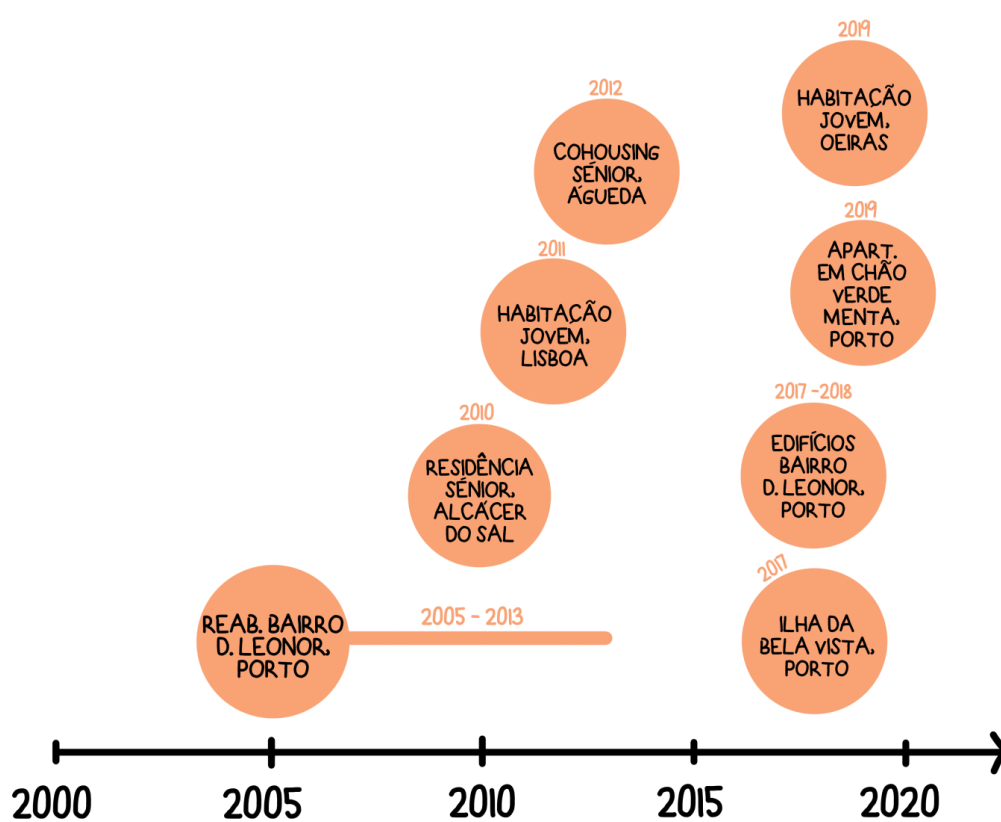


Fig. 112 – Esquema cronológico de exemplos de Habitação do século XXI.

## 2.3. Tipologias de Habitação Coletiva para o século XXI: Critérios e Aplicação

Fazendo o percurso de experiências de habitação e análise sociopolítica, faz-se cruzamento entre a investigação de habitação coletiva do século XXI dos arquitetos Josep Maria Montaner, Zaida Muxí e David Falagán que apresentam critérios de projeto e relacioná-los com o contexto nacional. Para habitação do século XXI definem 4 conceitos básicos de “habitar o presente”, 4 novos conceitos complementares e sistemas de aplicação dos mesmos. Os conceitos básicos de “habitar o presente” são o conceito de **Sociedade**, o conceito de **Cidade**, o conceito de **Tecnologia** e o conceito de **Recursos**, descrevendo-os como:

- “A adaptação da habitação à diversidade de modelos familiares e à evolução de cada um deles, a necessidade de construção de um ambiente doméstico desprovido de hierarquias e a dotação adequada no jogo de espaços que tanto o trabalho produtivo como reprodutivo, constituam os eixos de reflexão agrupados em torno dos conceitos de **Sociedade**.”<sup>166</sup>
- “O conceito de **Cidade** refere-se fundamentalmente à capacidade do projeto de habitação coletiva para incidir, favoravelmente, na estrutura urbana em que se insere, tanto pela introdução de novos usos na convivência com os residentes, como pela proposta de soluções arquitetónicas de relação entre habitação e espaço público.”<sup>167</sup>
- “A capacidade dos sistemas construtivos, do suporte estrutural ou das infraestruturas dos edifícios para favorecer a flexibilidade residencial ou a transversalidade da arquitetura, são questões tratadas no marco do conceito **Tecnologia**.”<sup>168</sup>
- “O conceito **Recursos** repassa todas as reflexões que a habitação contemporânea deve ser colocada em torno da eficiência energética dos nossos lares e da eficácia de todos os dispositivos arquitetónicos de que dispomos para nos aproximarmos do comportamento sustentável da edificação.”<sup>169</sup>

A Sociedade pretende realçar a habitação como um espaço de relações, sociabilização e traduz espacialmente as realidades familiares. Sendo a sociedade do século XXI muito diversificada, destacam-se as transformações sociais – costumes, ideais, trabalho – para produção de habitação adequada. Verifica-se que a sociedade portuguesa é heterogénica, com múltiplas culturas, costumes e ideais, mantendo-se ainda com ligações ao passado e com diferenciações regionais e territoriais.

---

<sup>166</sup> MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. - *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI*, 1ª ed., Barcelona: Fundación Politècnica da Catalunya, Universitat Politècnica da Catalunya, 2011. p.19.

<sup>167</sup> *Ibid.*

<sup>168</sup> *Ibid.*

<sup>169</sup> *Ibid.*



Fig. 113 – Representação Habitação coletiva do século XXI (inspirado na cidade do Porto).

**Principais características  
que definem as novas realidades,  
segundo *Herramientas para Habitar el  
Presente: La vivienda del siglo XXI*:**

- a)** População estagna, mas o número de habitações aumenta, já que a média de habitantes por habitação decresce;
- b)** Os lares unipessoais são os que experimentam maior crescimento;
- c)** Os jovens mudam os seus padrões de emancipação;
- d)** A composição dos agregados familiares altera-se com mais frequência e de forma mais brusca à medida que aumentam as convivências provisórias;
- e)** Aumenta a autonomia residencial dos seniores;
- f)** As famílias são de composição numérica variável, ao longo do tempo e circunstância. Cada vez mais diversas, plurais e instáveis.

**Principais características  
que definem as novas realidades  
portuguesas**

- a)** População decresce e envelhece; duas tendências aparentemente contraditórias: a população residente está em declínio e assiste-se a um crescimento do número de famílias e de alojamentos familiares.
- b)** Os lares unipessoais são os que experimentam um maior crescimento;
- c)** Os jovens mudam os seus padrões de emancipação;
- d)** A composição dos agregados familiares altera-se com mais frequência e de forma mais brusca à medida que aumentam as convivências provisórias;
- e)** Aumenta a autonomia residencial dos seniores;
- f)** As famílias são de composição numérica variável, ao longo do tempo e circunstância. Cada vez mais diversas, plurais e instáveis.

Fig. 114- Cruzamento das principais conclusões do séc. XXI da investigação de Montaner, Muxí e Falagán e as principais características da realidade portuguesa.

Conclui-se que os agrupamentos familiares existentes são cada vez mais diversos, aumenta o número de famílias unipessoais, diminui a família nuclear. A solução para a diversidade é a flexibilidade residencial, citando os arquitetos:

*“A primeira regra da flexibilidade é a existência de espaços com a menor hierarquia possível, ou seja, de tamanhos semelhantes, de maneira que cada grupo de convivência possa apropriar-se deles de maneira singular. (...) Trata-se de que a vida quotidiana se veja refletida no espaço que se habita (...). Por último, dentro dos espaços da adequação das habitações à variedade de requerimentos é importante a previsão de espaços de trabalho remunerado, já que se trata de uma situação que se dá cada vez com mais frequência.”<sup>170</sup>*

A habitação sem hierarquias é outro parâmetro necessário e tem como objetivo que as relações do interior da habitação sejam para benefício da igualdade. Caso não existisse hierarquização, permite atingir um usufruto dos espaços da mesma maneira por todos os que a vivem, por exemplo *“que não haja suites, com casa de banho de uso exclusivo, nem quartos principais e secundários e de superfícies notoriamente inferiores.”<sup>171</sup>* Revela-se muito relevante no contexto de habitação partilhada, mais comum aos jovens adultos para não existir as frequentes intrigas de quem tem direito ao maior/melhor quarto. Assim, assegura-se a igualdade de partilha e melhor adequação.

<sup>170</sup> *Ibid.* p.25, l.30-34.

<sup>171</sup> *Ibid.* p.27, l.25-28.

*“Dispor de um espaço próprio, tão necessário a todos, não se cumpre com a pessoa que se encarrega do cuidado do lar, geralmente mulheres, que não possui mais do que espaços de trabalho e não tem nenhum lugar próprio e íntimo de descanso, isolamento ou trabalho próprio.”<sup>172</sup>*

Este conceito é muito importante para os jovens adultos e igualdade de género, tendo em conta que iniciam a sua emancipação pela partilha de habitação, sendo um fator fundamental. O exemplo da cozinha é um espaço de transformações contínuas e está relacionado com as alterações das atividades domésticas e dinâmicas sociais da família. Os jovens ganharam interesse sobre questões alimentares, tornando-se mais que um serviço, um ato de colaboração e tempo de qualidade. No sentido de atingir uma habitação igualitária apropriada aos jovens, devem gerar tarefas comunitárias e não de proporções mínimas que conferem um perfil de utilização para uma só pessoa, e integrar zonas de refeições para tornar o espaço coletivo. *“É importante projetar as cozinhas de maneira que várias pessoas possam realizar simultaneamente atividades nelas.”<sup>173</sup>* A não hierarquização e a flexibilidade dão possibilidades a outros espaços, como por exemplo o quarto, com dimensões adaptáveis ao trabalho produtivo. Aplicando os critérios permite facilmente a sua modificação a cada residente. Para uma habitação sem hierarquias necessita-se de uma habitação organizada e apoiada em valores de igualdade, espírito de vida comunitário e que favoreça a individualidade, respeitando a sua privacidade e intimidade. Para a habitação partilhada ajuda executar diversas tarefas ao mesmo tempo e ter espaço para as mesmas. Integrar a cozinha e a zona de refeições separados da sala de estar, possibilita dois espaços comunitários, deixando o espaço sem a relação de cozinha/sala, que pode ser obstruída visualmente a cozinha quando se necessita; dimensões similares em cada espaço para que se possa permitir diversas atividades de acordo com o grupo de habitantes que as utiliza; os espaços de armazenamento devem ser suficientes se forem oferecidas diversas soluções, sendo que com a flexibilidade dos espaços e dimensão similares há mais possibilidade de organização. Para a acessibilidade, contributo para a inclusão sénior na habitação do século XXI deve-se tentar que a habitação seja o mais acessível e visitável possível mantendo-se preparada para qualquer fase de vida e recetível ao mais diverso tipo de habitante e com previsão de cuidador/a.

O conceito Recursos valoriza projetos que têm em conta as condições climáticas, a poupança de energia e de consumo de água, favorecendo a sustentabilidade, necessária para o futuro das gerações mais jovens. Segundo os arquitetos, deve ser repensado o modo de projetar habitação e com especial atenção à escassez de recursos e com maior preocupação ao local, ao consumo energético, ao consumo de água e à produção de resíduos. Para potencial separação dos resíduos, devem existir espaços que facilitem a separação e a contribuição para a reciclagem e para a redução essencial dos resíduos, aumentando o contributo individual. A arquitetura deve precaver espaços de reciclagem, lixo orgânico, compostagem integrados na habitação coletiva *“para que a reciclagem não signifique um ato heroico para as famílias, cada habitação deveria ter espaço onde armazenar de forma seletiva os resíduos, passo prévio antes do seu descarte.”<sup>174</sup>* Além disso, permite conduzir à atividade comunitária

---

<sup>172</sup> *Ibid.* p.29, l.1-3.

<sup>173</sup> *Ibid.* p.61, l.7-10.

<sup>174</sup> *Ibid.* p.71, l.30-32.

de hortas coletivas ou pessoais, cativando ao lazer e encorajando a realidade urbana a uma vida mais coletiva e saudável, essencial para os jovens adultos e seniores.

O conceito Tecnologia refere-se a estruturas, a sistemas construtivos, a instalações tecnológicas que permitam a vivência. Para a habitação contemporânea resultar precisa de funcionar dentro de um sistema comunitário e em rede, desde física – relação com transportes e equipamentos de suporte – como lazer, educação, e como tecnologias - sistemas elétricos, sistema wi-fi, redes infraestruturais fortes, sendo imprescindíveis à habitação atual. As novas tecnologias e sistemas em rede permitiram que o trabalho remunerado voltasse à habitação com os meios necessários, a habitação pode ser transformada em espaço de teletrabalho, em estúdio, local de receção a clientes, reuniões, entre outros. De acordo com o arquiteto Victor Neves, no artigo *Casa e Trabalho: Novas Tipologias Habitacionais para o séc. XXI*, publicado na revista *Sebentas d'Arquitetura* da Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa nº 8:

*“Hoje, por via da substancial alteração no mercado do trabalho, a relação temporal com a casa/habitação alterou-se radicalmente. Muda-se de casa várias vezes ao longo da vida e para locais geográficos diferentes.”<sup>175</sup>*

Sem necessidade de ir ao encontro físico mas com aproximação de relações comunicativas e tecnológicas, permitiu a tendência do teletrabalho. A era digital permitiu a reestruturação do emprego, trabalhar em horários flexíveis, alterando o horário da habitação completamente. O regresso do trabalho à habitação deixa de ser somente para horários pré e pós trabalho e passa a ser utilizada 24 horas, para dormir, viver a vida doméstica e do trabalho. Com isto, o espaço de habitação tem de ser reconfigurado de modo a conferir as novas exigências, adaptando-se a novas funções, assegurando o suporte tecnológico, wi-fi, para teletrabalho e outros.

*“As crises que despontaram nas economias ocidentais, desencadearam um fenómeno de “empreendedorismo” individual, que está intuitivamente ligado ao uso das novas tecnologias e comunicação. Jovens empresários, artistas, empregados que iniciam negócios e atividades (...).”<sup>176</sup>*

Ao atualizar as tipologias habitacionais de maneira flexível e adaptada, e com a condição universal de sistemas em rede - wi-fi e mobilidade – permite-se associar o trabalho produtivo à habitação que os jovens adultos estão fortemente relacionados.

Existem diversos experimentos e destaca-se John Habraken, arquiteto holandês dos anos 60, que manifestou desagrado sobre a construção em massa, afirmando ser baseada em preconceitos e criticava a repetição impessoal, sem perspetiva de futuro e de rotatividade do ocupante. Contra as adversidades da construção em massa propõe na *Teoria de Supports*, o conceito de *Open Building* que é uma estratégia que se apoia nos residentes em diferentes escalas desde o urbano à habitação. No artigo de Vítor Murtinho explica que o *“Open Building – é uma metodologia que enfatiza a delimitação das esferas individual e coletiva dos espaços, dando relevância social à primeira e*

<sup>175</sup> NEVES, Victor - “Casa e Trabalho: Novas tipologias habitacionais para o séc. XXI”. *Sebentas d'Arquitetura*, nº8, Lisboa: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada. p.9. l. 7-10.

<sup>176</sup> *Ibid.* p.12, l.15-24.

*deixando a segunda, obviamente, nas mãos dos arquitetos, com predomínio decisório no utente.”*

<sup>177</sup>Os *Supports* são a base que apoia o *Infill* e suporta a partir do sistema infraestrutural – como acessos, escadarias, corredores, galerias, wi-fi – para a habitação ou outro tipo de funções que o edifício habitacional albergue – lojas, escritórios, espaços comuns, entre outros – apoiados e controlados pelos arquitetos e sustentado na participação da comunidade. O *Infill* são as particularidades que definem espaços, funções, desenvolvem a tipologia e que estão entregues à participação do indivíduo e as componentes que definem espaços exteriores de apropriação, como janelas, portas, etc. Ou seja, os *Supports* permitem a flexibilidade do espaço e suportam o *Infill*, arranjando soluções estruturais e mecanismos tecnológicos potencializadores da melhor adequação ao residente. Montaner no livro *La arquitectura de la vivienda colectiva: Políticas y proyectos en la ciudad contemporânea*, sintetiza a *Teoria de Supports*:

*“A sua proposta baseava-se numa questão conceptual fundamental: chegar a separar o que denomina de ‘suporte’ (o inamovível e coletivo que existe em todo o edifício residencial: estrutura, instalações e aberturas, e o que depende estritamente das leis, do que denomina “preenchimento” (o flexível e transportável e que pode depender do usuário: divisórias, armários e equipamentos de cozinha e banhos).”*<sup>178</sup>

Os espaços *inbetween* são áreas intermédias de socialização, de transição pública e privada, de atenuação entre o mais geral e o mais íntimo como galerias, entradas, passeios, *rooftops* acessíveis, entre outros. A flexibilidade implica estratégias de *supports* que articulem adequadamente as diversas funcionalidades dos espaços, tornando a tecnologia uma estratégia de conduzir a soluções arquitetónicas mais diversificadas, adaptando a diferentes modos de habitar, possibilitando que o espaço doméstico possa refletir várias fases de vida de cada habitante. De acordo com Alda Botelho:

*“As necessidades e as preferências habitacionais dos Portugueses mudam ao longo da vida e as casas onde as pessoas residem devem cumprir as funções de abrigo, segurança e conforto assegurando a privacidade individual e familiar quer através da mobilidade residencial, quer através de construções mais flexíveis e adaptáveis.”*<sup>179</sup>

Da *teoria de Supports* podem ser retrazidos parâmetros para habitação do século XXI: os *supports* e *infill*; flexibilidade; usufruir da tecnologia como benefício da arquitetura; prever infraestrutura e manutenção/alteração da mesma; participação; apropriação estratégica; diversidade tipológica; permitir mudança do residente. Não é somente a flexibilidade do espaço, mas sim de residente, de função, de dimensão e de circulação. Segundo Montaner:

*“(…) a diferença estabelecida pela habitação racional entre ‘zona de dia’ e ‘zona de noite’ é necessariamente diluída. Portanto, na habitação contemporânea, mais versátil e flexível, a separação entre zonas de dia e noite fica obsoleta e a decisão essencial é optar entre agrupar os espaços especializados nos núcleos ou nas periferias.”*<sup>180</sup>

A zona de dia e zona de noite torna-se descontextualizada quando grande parte da população tem o trabalho produtivo (trabalho financiado), como o teletrabalho na habitação ou até pela mudança

<sup>177</sup> MURTINHO, Vítor - “Open Building: Um processo em aberto”. Revista *Metálica*. Coimbra: Departamento de Engenharia Civil da UC, nº 30, Junho de 2013. ISSN 0874-3738. p.21, l. 7-11.

<sup>178</sup> MONTANER, Josep Maria – *op.cit.* p.107, l. 23-29.

<sup>179</sup> AZEVEDO, Alda Botelho – *op.cit.* p.44. l. 4-10.

<sup>180</sup> MONTANER, Josep Maria – *op.cit.* p.128, l. 15-20.

de regimes de trabalho como turnos, fazendo deste espaço possível de usufruto a 24h. Os arquitetos Xavier Monteys e Pere Fuertes no livro *Casa Collage* fazem uma observação do percurso da arquitetura da habitação, e expressam que ao dar atenção aos meios de comunicação se consegue perceber um conjunto de fatores atuais que são do interesse da prática arquitetónica.

*“(...) as previsões de aumento de postos do chamado teletrabalho, os programas de televisão dedicados à gastronomia ou à bricolage, os novos hábitos de lazer, os jovens que não se emancipam, a tendência da pedonalização da cidade e a constricção do tráfego ou o aumento da população maior de 60 anos ao entrar no novo século, são fatores suficientes para alterar a maneira de conceber a habitação.”<sup>181</sup>*

Verifica-se que deixa de fazer sentido a organização por zonas de dia e noite e passa a ter relevância a separação por áreas que necessitam de especificidades tecnológicas. Montaner, Muxí e Falagán sistematizam 3 tipos de espaços: os espaços especializados, não especializados e complementares.

| Espaços Especializados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Espaços Não especializados                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Espaços Complementares                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Espaços com necessidades infraestruturais</b>, como água/esgotos e/ou gás/saídas de fumos;</li> </ul> <p><b>1º</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Espaços de preparação de alimentos/armazenamento/lavandaria;</b></li> </ul> <p><b>2º</b> <b>Espaços de higiene;</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Todos os casos devem <b>prever acesso fácil por parte de um ou uma cuidador(a)</b> de alguém dependente – crianças ou adultos.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Espaços que não necessitam de infraestruturas ou instalações diferenciadas;</b></li> </ul> <p><b>1º</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Espaços de estadia, atividade e descanso social/individual:</b> sala de estar, zona de refeições, quarto ou estúdio;</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Cumprir parâmetros</b> de conforto adequados à <b>habitabilidade;</b></li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Função atribuída pelo habitante;</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Todas as habitações devem ter um espaço não especializado com isolamento acústico, visual e iluminado;</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não determinar função favorecendo a apropriação diferente para cada um que habita.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Associados a outros espaços, sem área autónoma, integrando-se noutras áreas;</b></li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>3 tipos: 1º</b><br/><b>Espaços exteriores próprios:</b> Divide-se em <b>2 tipos:</b> os espaços relacionados com o circuito da roupa: roupa suja, lavagem, secagem, roupa limpa e guardada. Sem possibilidade de serem privados, o edifício de habitação deve oferecer de forma comunitária; Aproveitamento de espaços de galeria/terraço ou semicobertos para dar uso a áreas de transição público-privadas;</li> </ul> <p><b>2º</b><br/><b>Espaços de armazenamento;</b></p> <p><b>3º</b><br/><b>Espaços de apoio:</b><br/>Espaços especializados ou não especializados têm áreas de armazenamento em previsão das suas diferentes funções.</p> |

Fig. 115 - Quadro explicativo dos 3 tipos de espaços numa habitação, Montaner, Muxí e Falagán.<sup>182</sup>

<sup>181</sup> MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere - *Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa* (2001), 2ª ed., Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2018. p.10, l.2-9.

<sup>182</sup> *Ibid.* p.129-137.

Isto facilita a introdução dos parâmetros de adaptabilidade, trabalho produtivo, flexibilidade e sem hierarquia, passando a aglomerar os espaços especializados pelas necessidades infraestruturais em núcleos centrais ou periféricos. Os espaços não especializados são as áreas que requerem cumprimento da habitabilidade, sem determinação da função específica, favorecendo a apropriação adequada, e espaços complementares que são integrantes de outras áreas e que servem para arrumos, serviços ou apoio. Certifica-se que os princípios de habitabilidade *“garantam a apropriação dos espaços segundo os usos e funções preestabelecidas e aceites de habitação (sala, zona de refeições, cozinha, quarto, instalação sanitária, lavandaria ou cozinha), sem por ela predeterminá-los, nem condicioná-los univocamente, nem pela superfície, fenestração, acessibilidade ou por uma única possibilidade de distribuição e utilização.”*<sup>183</sup> Salva-se, também, que toda a habitação deve ser servida de sistema elétrico e wi-fi, essencial para o século XXI.

Monteys e Fuertes, no texto *“da casa, da vida e dos objetos”*<sup>184</sup>, demonstram que os eletrodomésticos ou telecomunicações e mobiliário, traduzem espaço, dimensão e proporção, e transmitem significativamente o espaço a que se destinam dada a sua utilidade.

No conceito Cidade, Montaner, Muxí e Falagán firmam a necessidade de contribuir na cidade no funcionamento e no uso da coletividade, sabendo que vivemos cada vez mais em núcleos urbanos tem de se pensar de maneira coletiva.

*“Se considerarmos a relação entre o uso do sol e a sua sustentabilidade num mundo cada vez mais urbanizado, com uma população urbana que atingirá 75-80% a nível mundial em 2050 e que na Europa superará essa percentagem, não se pode senão pensar em habitação agrupada.”*<sup>185</sup>

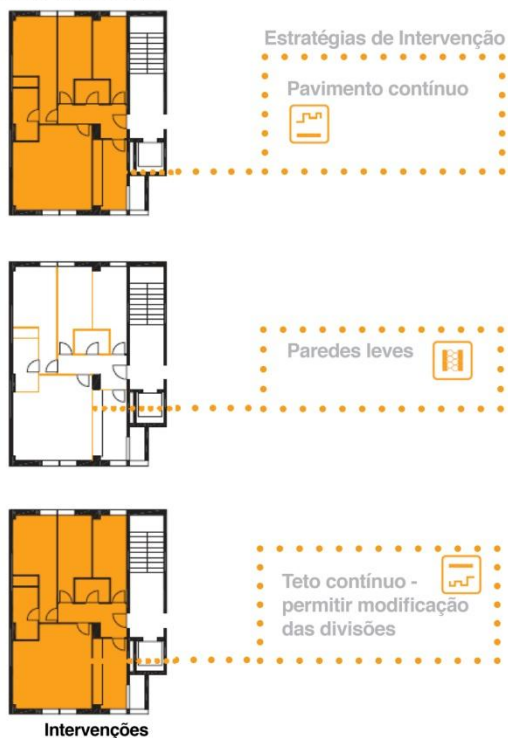
---

<sup>183</sup> MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. – *op. Cit.* p.127, l.3-7.

<sup>184</sup> MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere – *op cit.* p.18-26.

<sup>185</sup> MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. – *op. Cit.* p.39, l.6-8.

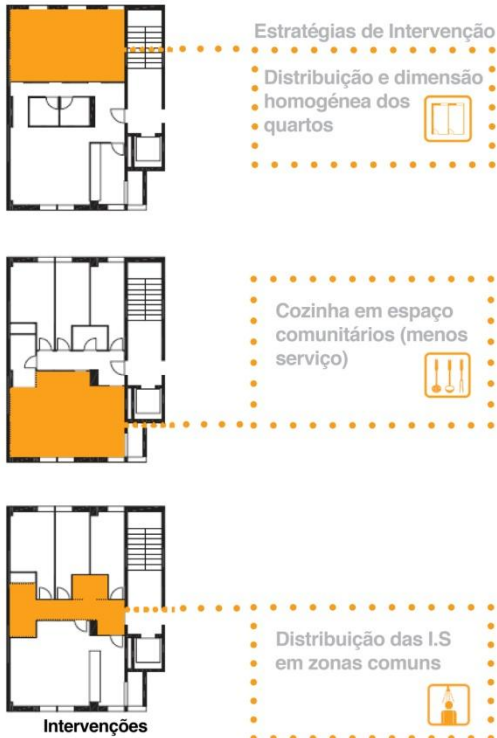
## ADAPTABILIDADE



## TRABALHO PRODUTIVO



## SEM HIERARQUIA



## FLEXIBILIDADE



Fig. 116 – Esquemas exemplo de parâmetros de Habitação coletiva do século XXI. *Herramientas para habitar el presente: La vivienda del siglo XXI*, Montaner, Muxí, Falagán.<sup>186</sup>

<sup>186</sup> *Ibid.* p.172-173; 178-179; 180-181; 186-187.

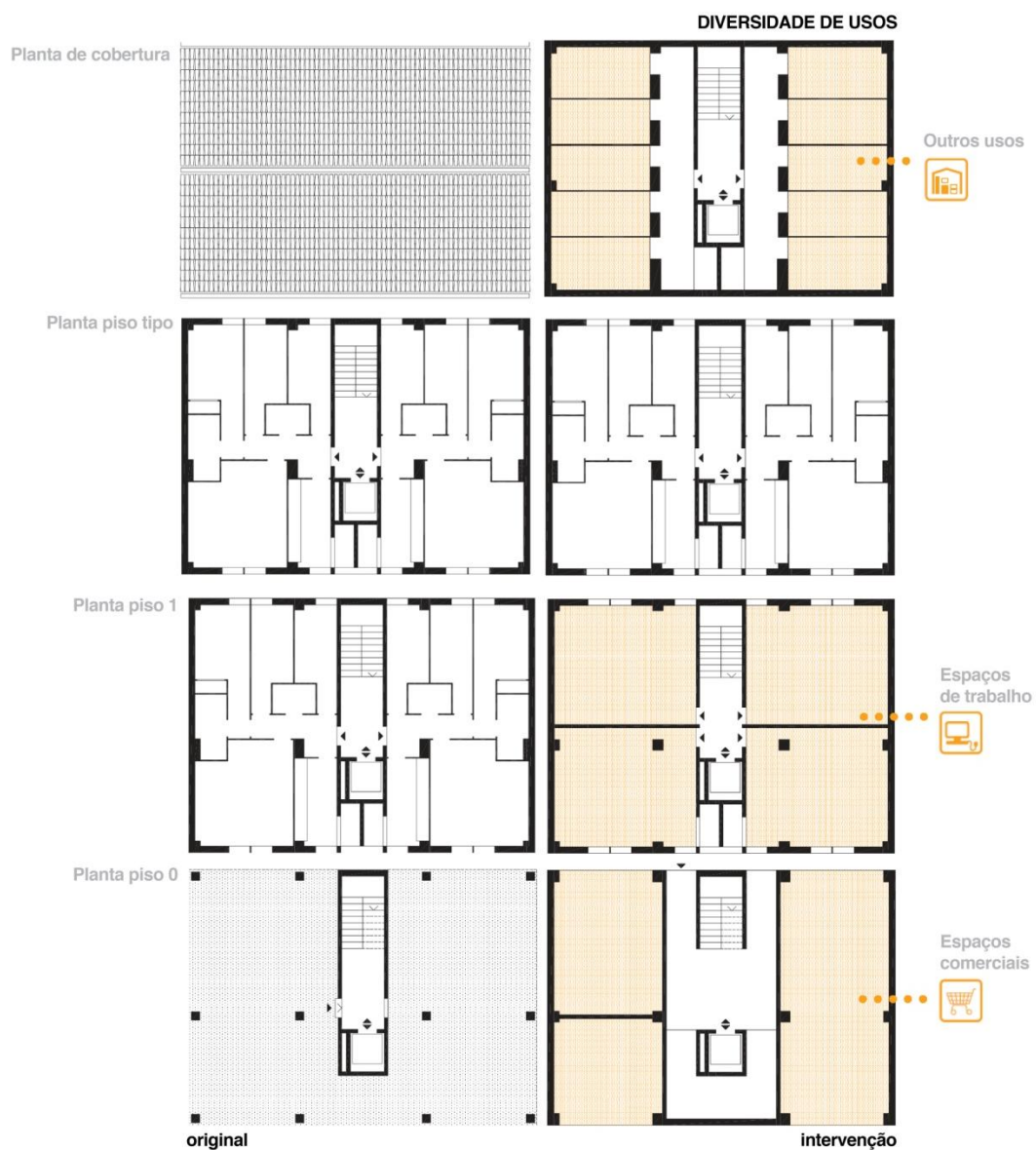


Fig. 117 - Esquema exemplo de diversidade de usos para Habitação coletiva do século XXI. *Herramientas para habitar el presente: La vivienda del siglo XXI*, Montaner, Muxí, Falagán.<sup>187</sup>

<sup>187</sup> *ibid.* p.157.

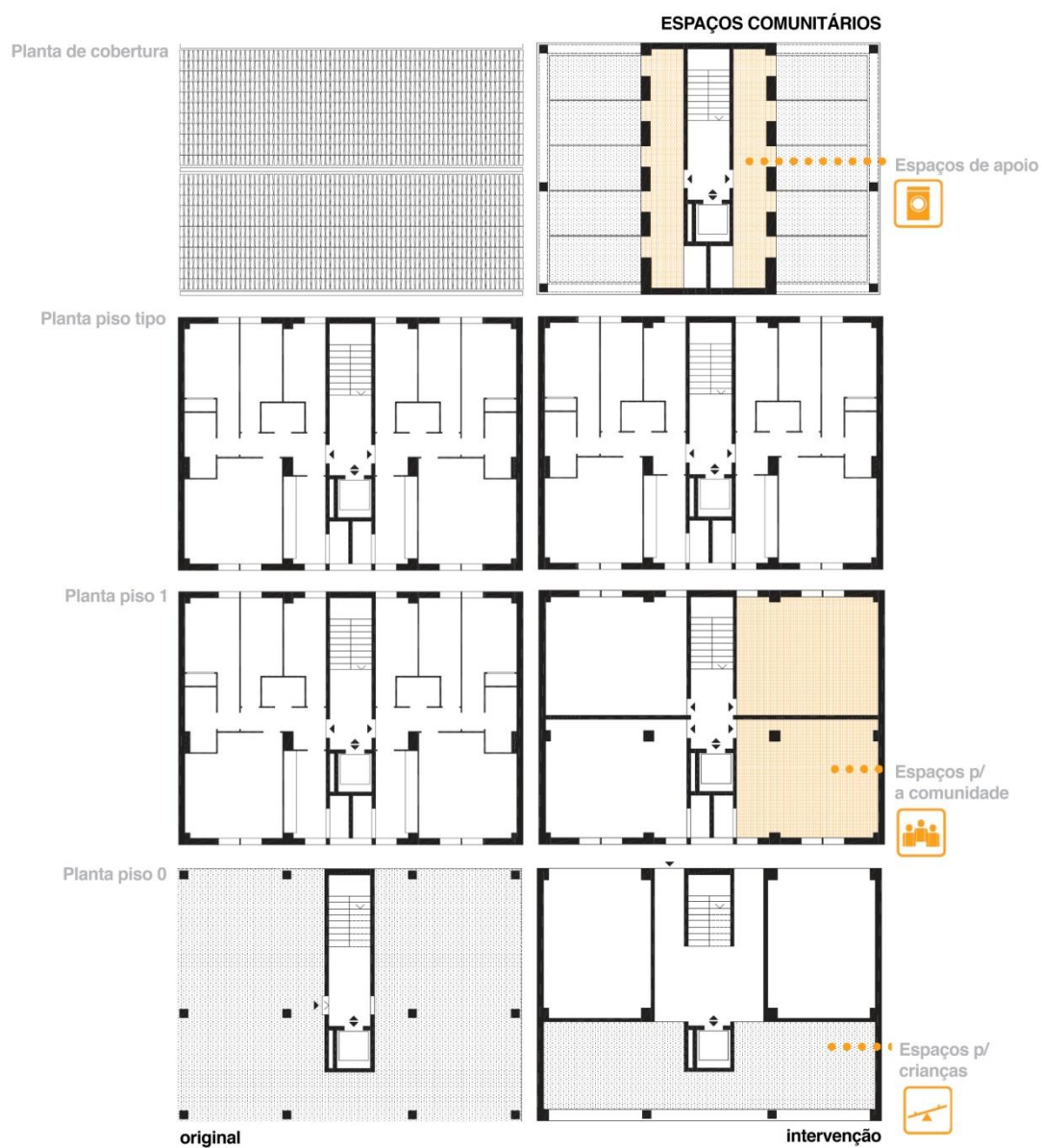


Fig. 118 - Esquema exemplo de espaços comunitários para Habitação coletiva do século XXI. *Herramientas para habitar el presente: La vivienda del siglo XXI*, Montaner, Muxí, Falagán.<sup>188</sup>

<sup>188</sup> *Ibid.* p.159.

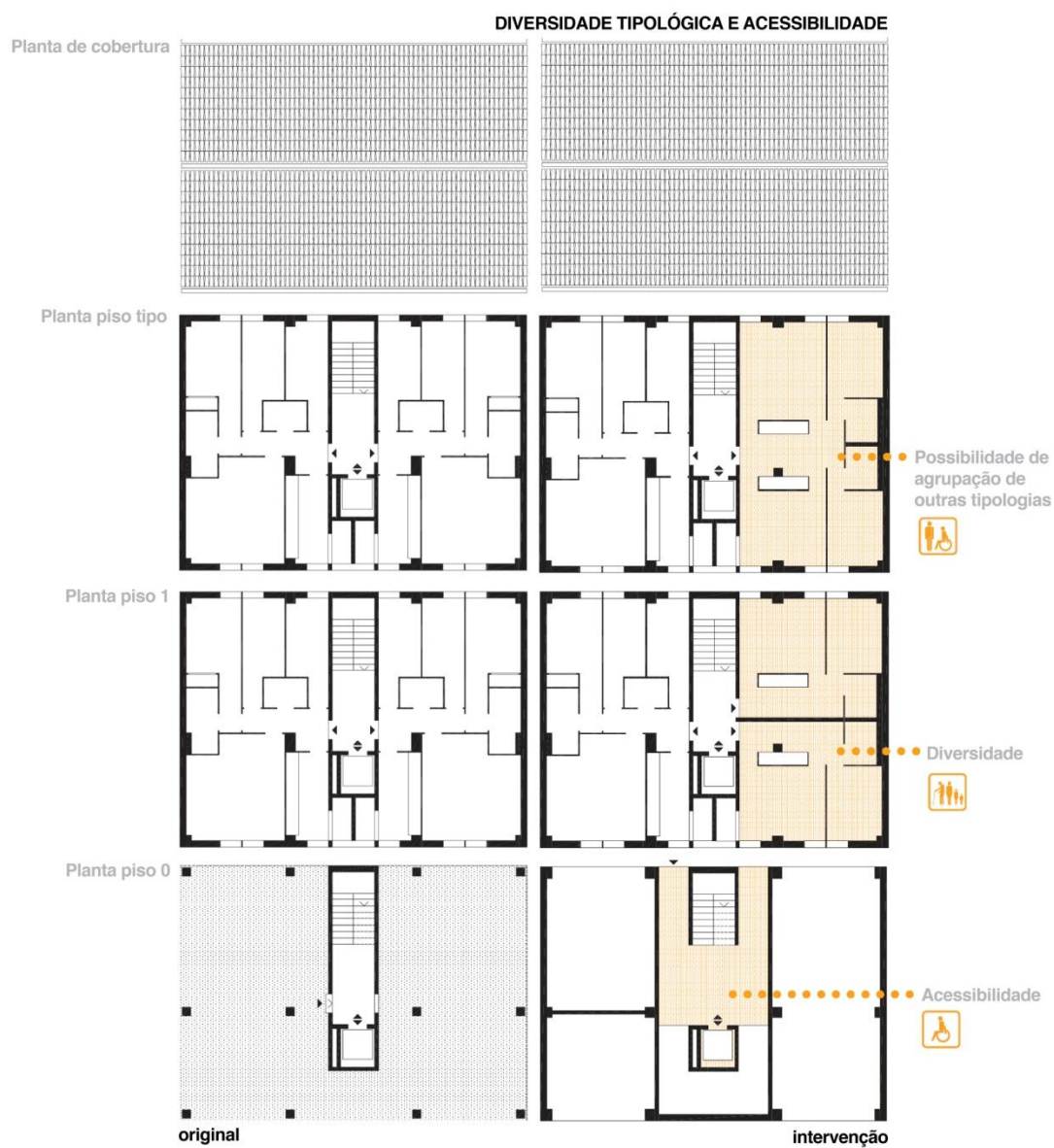


Fig. 119 - Esquema exemplo de diversidade tipológica e acessibilidade para Habitação coletiva do século XXI. *Herramientas para habitar el presente: La vivienda del siglo XXI*, Montaner, Muxí, Falagán.<sup>189</sup>

<sup>189</sup> *ibid.* p.163.

A habitação coletiva exige contributos urbanos, em rede, com relações de diversas escalas, entre bairro e cidade geral, com transportes, equipamentos, com proximidade. O acesso ao transporte público, compras essenciais, educação, trabalho, lazer e desporto, e equipamentos de bairro, valoriza a habitação.

Para concluir, os indicadores operativos de projeto de habitação inclusiva a qualquer habitante, género, idade, cultura e outras variantes, sistematizando de acordo com Montaner, Muxí e Falagán<sup>190</sup> e relação com sua aplicação geral, para jovens adultos e seniores:

- **Incidência na formalização** – determinados valores plásticos e culturais, como a cor, a textura, a composição e forma, devem tomar em conta o contexto, estando em equilíbrio com a identidade local, assim como, estar em harmonia com os habitantes e suas habitações; (Geral)
- **Integração de vegetação** – integrar a vegetação no edifício nas fachadas, pátios, espaços de conexão e coberturas para recuperar a presença da natureza na cidade; (Geral)
- **Adaptabilidade** – os espaços devem adequar-se a diversas situações familiares, ao longo do tempo e adaptar-se a um grupo residente diversificado, tornando-se um contributo fundamental para a sustentabilidade; (Geral)
- **Sistemas construtivos independentes** – devem ser independentes para possibilitar a substituição parcial de partes do edifício, adequando-se ao longo do tempo e sem prejudicar outros sistemas, relacionando-se pela durabilidade e temporalidade tecnológica e funcionalidades diversas – estrutura, fachada, coberturas, instalações e divisórias;
- **Espaços para trabalho reprodutivo** – pensar em espaços adequados para desenvolver o trabalho reprodutivo e considerar a possibilidade de espaços satélite comunitários para albergar uma função específica, por exemplo, lavandarias; (Geral)
- **Espaços para trabalho produtivo** – é fundamental a capacidade de adequação da habitação à necessidade de locais de trabalho produtivo que não dificultem as atividades de vida quotidiana, possibilitando dispor de “espaços satélite” ou descontínuos com a habitação para essa finalidade; (Geral e jovens adultos)
- **Sem hierarquização** - os espaços da habitação não condicionarão hierarquias nem privilégios espaciais entre os seus residentes, favorecendo uma utilização flexível, não sexista, não exclusiva e não predeterminada; (Geral, jovens adultos e seniores)
- **Recuperação de *roofspace*** – deve-se recuperar o espaço da cobertura do edifício de habitação, como terraço ou espaço comunitário; (Geral, jovens adultos e seniores)
- **Possível integração de outros domínios** – espaços satélites para usos produtivos perto das habitações – escritórios ou estúdios. (Geral e jovens adultos)

---

<sup>190</sup> *Ibid.* p.139.

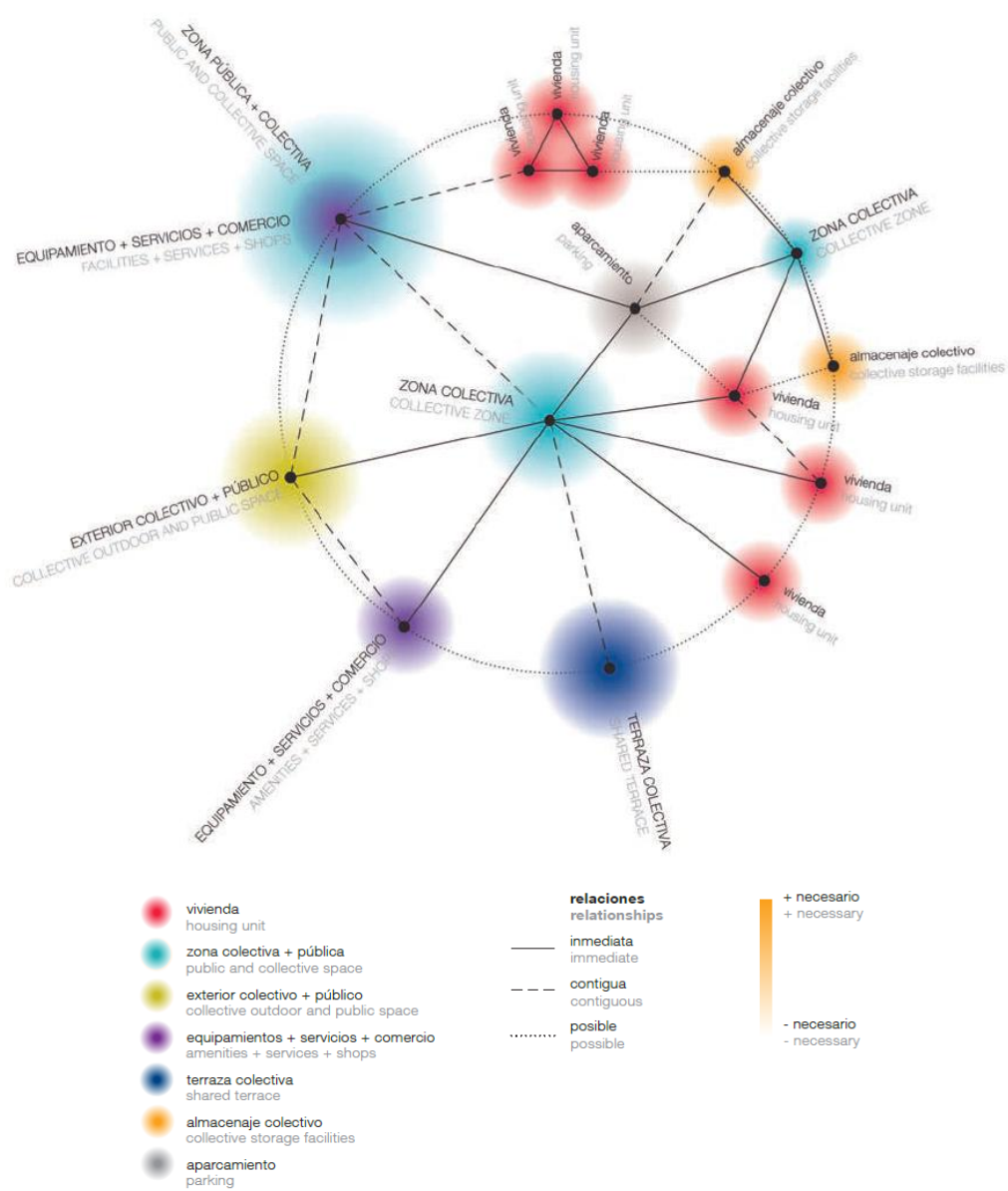
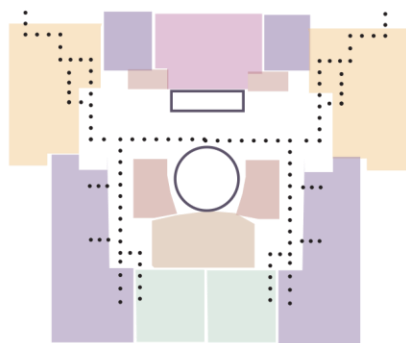


Fig. 120 – Diagrama de relações entre partes de um edifício de habitação, Montaner, Muxí e Falagán.<sup>191</sup>

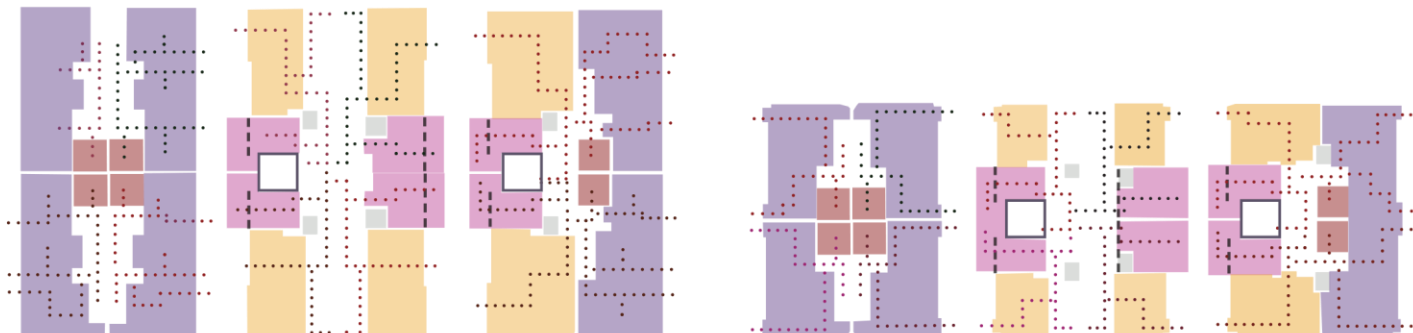
<sup>191</sup> *Ibid.* p.147.

**Bloco da Carvalhosa, 1945-49 | Porto | Arménio Losa | Cassiano Barbosa**



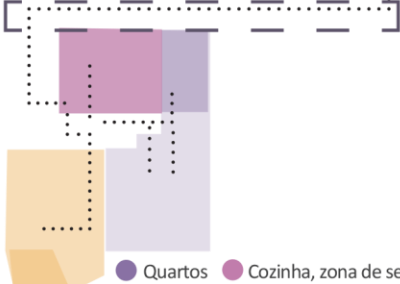
Quartos I.S. Cozinha e zona de serviços Sala de Estar e Sala de Refeições ..... Circulação Terraço/Solário "Saguão" Acesso VM

**Bairro das Estacas, 1949-55 | Lisboa | Formosinho Sanchez Ruy d'Athouguia**



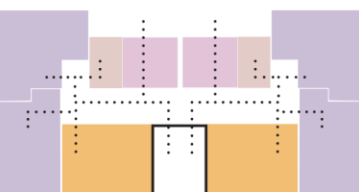
4º Tipo - Duplex - 4º Piso 4º Tipo - Duplex - 3º Piso 4º Tipo - Duplex - 1º e 2º Piso 3º Tipo - Duplex - 4º Piso 3º Tipo - Duplex - 3º Piso 3º Tipo - Duplex - 1º e 2º Piso  
Quartos I.S. Cozinha e zona de serviços Sala de Estar e Zona de Refeições ..... Circulação Despensa Acesso Vertical Múltiplo

**Bloco das Águas Livres, 1953-55 | Lisboa | Nuno Teotónio Pereira | Bartolomeu Costa Cabral**



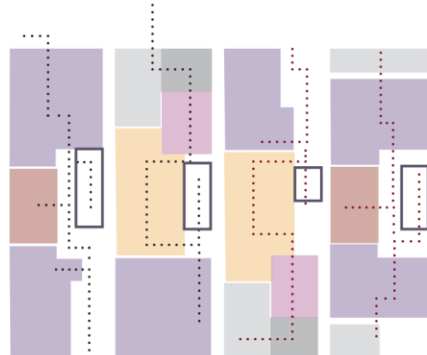
Quartos Cozinha, zona de serviços e I.S. Sala de Estar ..... Circulação Acesso Galeria

**Conjunto Residencial de Ramalde, 1953-55 | Lisboa | Fernando Távora**



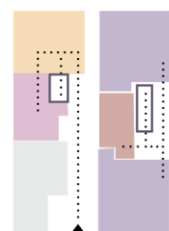
Quartos Cozinha Sala de Estar I.S. ..... Circulação Acesso VM

**Bairro da Bouça, 1973-78; 1999-2006 | Porto | Álvaro Siza**



Piso 0 Piso 1 Piso 2 Piso 3  
Quartos Cozinha Sala de Estar e refeições I.S. ..... Circulação Varanda Marquise/Lavandaria Acesso Misto

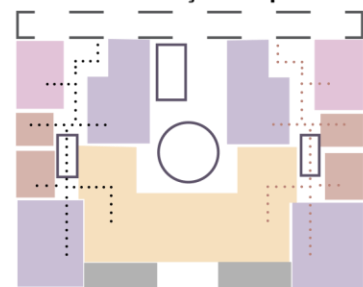
## Bairro de São Vitor, 1974-77 | Porto | Álvaro Siza



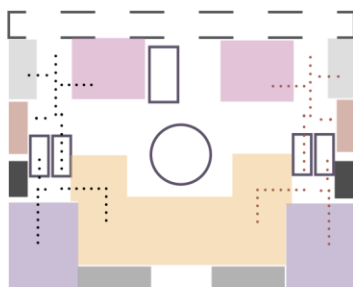
Piso 0 Piso 1  
 Quartos I.S. Cozinha Sala de Estar e Zona de Refeições Espaço multifunções ..... Circulação ▲ Acesso Direto



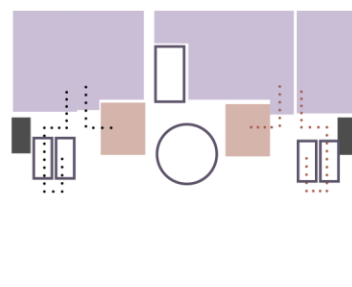
## Edifício de Habitação Cooperativa SACHE, 1979-89 | Porto | Manuel Correia Fernandes



Cota 54,00 e 55,35



Cota 56,70 e 58,05

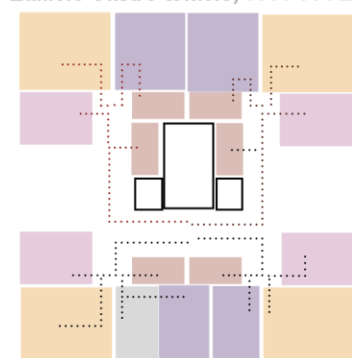


Cota 59,40

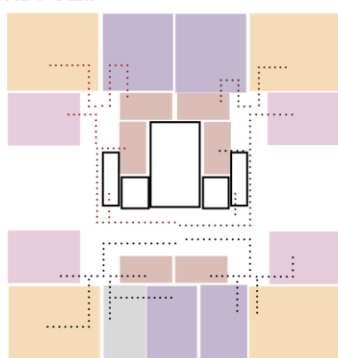
Quartos I.S. Cozinha Sala de Estar Varanda Arrumos ..... Circulação - - Acesso Galeria



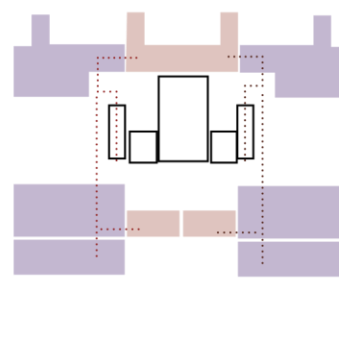
## Edifício Castro & Melo, 1991-96 | Lisboa | Álvaro Siza



Piso 5



Piso 6



Piso 7

Quartos I.S. Cozinha e zona de serviços Sala de Estar e Zona de Refeições ..... Circulação Escritório Acesso VM



## Apartamento num chão verde-menta, 2018-2019 | Porto | FALA atelier



I.S. Cozinha Zonas multifunções (+ comunitárias) Zonas multifunções (+ íntimas) ..... Circulação Terraço ▲ Acesso Direto



## Residência Assistida, 2010 | Alcacer do Sal | Aires Mateus

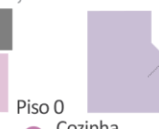
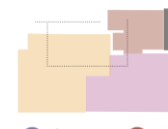


Quartos I.S. Varanda ..... Circulação

\*O resto dos espaços são coletivos e para utilização de todos os residentes



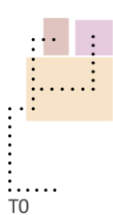
## Ilha da Bela Vista, 2018-2019 | Porto | LAHB/Cerejeira Fontes Arq.



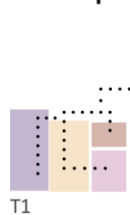
..... Circulação

Quartos I.S. Cozinha e zona de refeições Estúdio/Quarto Escritório Sala Saguão

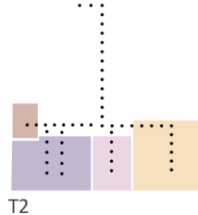
## Ed. Hab. Jovem Praça de Entrecampos, 2011 | Lisboa | Promontório



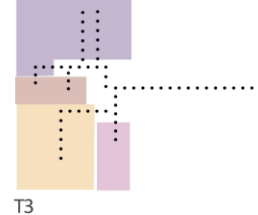
T0 Quartos I.S. ..... Circulação Sala de Estar Acesso VM



T1



T2



T3

\* + tipologias, diversidade tipológica



Esquemas não estão à escala. Interesse de destacar suas realidades espaciais, combinações e organização, enfatizando contributos que se demonstram relevantes para habitação do século XXI. Para o efeito não se deseja verificar dimensões tipo associadas a uma só função e pretende-se analisar como funcionam os espaços e como estes se relacionam, adequados às condições de habitabilidade e a capacidade que os espaços têm de integrar diversas funções, inserindo-se em espaços especializados, não especializados e complementares.

Tendo em conta que são projetos variados, provenientes de diversas naturezas e que são analisados de acordo com o seu tempo, a sua realidade, destacam-se questões de projeto, como foram interpretados os modos de habitar do momento, soluções que podem ser retrazidas para o presente, fazendo aplicação geral dos conhecimentos adquiridos nos casos práticos. Com o cruzamento da análise de espaços de cada projeto, permitiu concluir e verificar:

- A manutenção clara de condições de habitabilidade. Permanece a necessidade de espaços como sala, cozinha, quarto e instalação sanitária. Estes espaços mantêm-se somente com uma funcionalidade. Essa mesma manutenção é essencial, mantendo-se nos dias de hoje, contudo, sem preservação de ser tipificada em espaços fixos, tornando-se um conceito universal mais abstrato, aplicando-se a adaptabilidade e flexibilidade como apoio a essa multiplicidade de modos de habitar;
- Prevalência da solução de acesso vertical múltiplo. Apesar de isso, também se destacam os exemplos com acesso em galeria por diversos motivos: em primeiro lugar, pelo fator de vizinhança, sensação de comunidade (Edifício de habitação Cooperativa SACHE); em segundo lugar, servir para apropriação e extensão das habitações, usufruindo este espaço de circulação como meio de contacto e uso para necessidades rotineiras – espaço para bicicletas, churrasco, estender roupa, entre outros - (Edifício de habitação social Bairro D. Leonor, Bairro da Bouça) e apoia o reconhecimento – *wayfinding* (Residência Assistida de Alcácer do Sal);
- Duplex é uma estratégia que dificulta a adaptação a habitação assistida (assistência médica/serviço ao domicílio/cuidador/cuidadora) e adaptada ao sénior. Este caso o seja deve possibilitar a utilização num só piso, devido às perdas cognitivas e motoras desta faixa etária. Apesar disso, os projetos escolhidos em duplex demonstram outras particularidades relevantes. (Bairro das Estacas – espaços complementares (lavandaria e despensas), Edifício Cooperativa SACHE – Galeria e quebra da zona de dia e de noite, e edifício Castro & Melo – abertura de ventilação e luz natural, projeto de reabilitação na malha urbana do Chiado, entre outras razões);
- Espaços especializados: Aglomeração maioritariamente entre cozinhas com cozinhas ou I.S. com I.S. O nível tecnológico que hoje presenciamos e em constante evolução, verifica-se que com o regresso do trabalho produtivo à habitação e a impossibilidade de prever horários dos residentes, as zonas de dia e noite perdem importância e enfatizam-se áreas definidas pela sua necessidade tecnológica, do geral da habitação – eletricidade e *wi-fi* – a espaços especializados, não especializados e complementares; Espaços não especializados: verifica-se a manutenção de definir a função em todos os casos à exceção do Apartamento num chão Verde menta; Espaços complementares: Destaca-se o Bairro das Estacas – associação do trato de roupas à cozinha e áreas de arrumos;

- Cozinha manteve-se maioritariamente como espaço de serviço. Verifica-se a necessidade de atenuar a ideia de espaço de serviço para se adequar ao máximo grupo de residentes e como princípio de igualdade entre ocupantes, possibilitando a execução de múltiplas tarefas, quebrando com as proporções mínimas de utilização singular e que permita a este espaço se tornar comunitário a partir de duas estratégias: associar a outro espaço já por si social (caso da sala, possibilitando barreira visual caso seja do interesse dos residentes) ou integrar zona de refeições. No caso do Bairro da Bouça (quebra visual) e Bairro de São Vítor (associação a outro espaço) apresentam soluções vantajosas para princípios de não hierarquização;
- Quartos maioritariamente sem ser *suite*, apoiando a distribuição igualitária dos residentes, principalmente no caso de habitação partilhada (típica de jovens adultos), não hierarquizando os coabitantes;
- Prevalência de tipologias sem espaço de trabalho produtivo (remunerado). Este fator é muito recente, pelo que, se tornou uma necessidade dos nossos dias, associando-se ao aumento do teletrabalho. O espaço para trabalho produtivo voltou a ser uma necessidade devido à era digital e evolução tecnológica. Partindo da adaptabilidade, um espaço não especializado facilmente se adequa ao teletrabalho. Nos casos em estudo, verificou-se a facilidade de adaptar um quarto para o teletrabalho/estúdio, contudo, este deve ser próximo da entrada para que não interfira com a vida íntima. O Apartamento num chão verde menta (Fala Atelier), sendo uma reabilitação, apresenta dois espaços com proporções multifuncionais: um mais íntimo (com um plano curvo) e um mais social (com quebra a meio, criando dois espaços num pavimento contínuo). A reabilitação da ilha da Bela Vista também apresenta espaços de trabalho produtivo. Isto permite uma multiplicidade de funções que o teletrabalho ou estúdio podem ser facilmente um deles. Além disso, o sistema infraestrutural prevê a rotatividade e mudança, proporcionando uma área especializada onde se pode incluir mais uma cozinha e mais um quarto;
- Extras: espaços exteriores próprios de varanda estão na maioria dos casos. Destacam-se nos espaços exteriores: o terraço-solário do Bloco da Carvalhosa, e o terraço do Apartamento num chão verde menta;

## Habitação

### e Espaços/funções SENIORES

[illegible]

deveriam todos prever cuidador (ter em conta o momento em que foi produzida as obras)



Após o cruzamento da análise dos espaços dos casos práticos, fez-se um quadro dos casos práticos com o cruzamento do conhecimento adquirido sobre critérios de habitação atual do livro *Herramientas para habitar el presente: La vivienda del siglo XXI* de Montaner, Muxí, Falagán, permitindo atingir diversas conclusões.

Verifica-se a existência de particularidades que se mantêm presentes ao longo das obras. Como já visto, são ideias retrazidas, transformadas e readaptadas à nova realidade. Ao estudar os casos práticos encontram-se padrões e elementos que podem ser adaptados e usufruídos como parâmetros, permitindo concluir:

- **Coletivo – Unifamiliar:** Os projetos foram escolhidos com preferência coletiva, não obstante, a relevância dos casos unifamiliares para outros efeitos. A razão deriva dos edifícios coletivos serem meios de sustentabilidade da cidade, pela sua densificação e excesso de impermeabilização do território. Contudo existem exceções de diversas razões que se tornam relevantes para o estudo, como o caso do Bairro Económico de Olhão (de acordo com o lugar onde se insere), Bairro de São Vítor (memória coletiva – *ilha*) e o *Cohousing* sénior em Águeda (projeto social localizado numa aldeia).
- **Participação:** Na maioria, a participação não é integrante do processo. A participação é atualmente essencial para a compreensão da diversidade do grupo residente, fazendo direta ou indiretamente parte do projeto e obra. Apesar de nem sempre funcionar, demonstrou-se relevante para alguns casos do SAAL, e verifica-se que o método participativo no caso da *ilha* da Bela Vista e edifício de habitação coletiva do Bairro D. Leonor (dos mesmos arquitetos) foi motor de projeto para a comunidade. A sociedade evoluiu muito e integra novas culturas e novos modos de habitar que devem ser tomados em consideração. No *Cohousing* sénior de Águeda existe uma base geral (cozinha, quarto e I.S) e a partir do processo de participação permite-se a apropriação adequada (alpendre, revestimentos, portas, etc.) – *supports* e *infill*.
- **Contributo de cidade:** Verifica-se a preferência (do cliente ou arquiteta/arquiteto) por comércio, lojas e escritórios no piso térreo e piso acima. (Bairro das Estacas, Bloco das Águas Livres, Bairro da Bouça, Edifício Castro & Melo, Edifício da Praça de Entrecampos); Qualquer contributo de cidade (além de habitação) favorece e assegura as necessidades da população. Os espaços de atenuação e transição público-privada (como jardins, pátios e pórticos – Bairro das Estacas, Conjunto residencial de Ramalde, Bairro da Bouça, Bairro de São Vítor, Residência Sénior de Alcacer do Sal), espaços de valorização do bairro/zona como o hospital, escola e teatro-circo-biblioteca do Bairro Social do Arco do Cego e o Centro de Arte, cinema ao ar livre, espaço para feira/atividade física do projeto da Praça de Entrecampos. Além disso, a reabilitação como viabilização dos centros históricos (Habitação Jovem Oeiras) e áreas degradadas com necessidade de renovação (*ilha* da Bela Vista e Bairro D. Leonor). Por fim, valoriza-se os projetos de custos moderados de modo a contribuir para uma cidade igualitária e diversificada com acesso de todos. (Bairro da Bouça (1ª fase – SAAL), Bairro de São Vítor,

Bairro D. Leonor, *ilha* da Bela Vista, projeto da Praça de Entrecampos, e Habitação Jovem Oeiras.)

- **Espaços coletivos (para os residentes):** Concluiu-se que os espaços coletivos são forma de contribuir para a coletividade/comunidade e com intuito de apoiar necessidades extra habitação. Para a melhor adequação dos residentes em questão (jovens adultos e seniores) denota-se a importância de espaços (caso não incluídos na habitação) de trabalho produtivo e de estimulação/cuidados, respetivamente. Cerca de metade dos casos de estudo não apresentam espaços coletivos. A outra metade revela a importância dos espaços verdes de usufruto exclusivo dos residentes (como por exemplo para crianças, animais, atividade física, atividade lúdicas e hortas). (Bairro económico de Olhão, Bloco da Carvalhosa, Edifício de Habitação do Bairro D. Leonor, edifícios de habitação da Praça de Entrecampos<sup>192</sup>.)
- **Supports:** Neste parâmetro valoriza-se não só o sistema construtivo, mas toda a infraestrutura e a sua eficácia, a previsão de manutenção e alteração tecnológica (fator atual essencial), e a capacidade de suportar o *infill* (o conteúdo). A maioria apresenta uma construção em betão-armado e agregação das zonas especializadas (cozinhas, lavandarias e i.s). Alguns casos, devido ao momento em que foram construídos, já sofreram alterações, como visto no Bairro Social do Arco do Cego (sem requalificação coletiva devido à privatização das habitações), no Bairro da Bouça (diversas infraestruturas e integração de novos equipamentos) e a reabilitação do Bairro D. Leonor, *ilha* da Bela Vista e Apartamento num chão verde-menta. Destacam-se as estratégias: Bairro Económico de Olhão (adaptado ao clima e ao local – terraço apoiado em arco); Bairro das Estacas (cobogó para ventilação e proteção da lavandaria conectada à cozinha); o Bloco das Águas Livres (diversidade de acessos - galerias, galerias interiores, acessos verticais, e espaços *inbetween*); o edifício Castro & Melo (demasiada profundidade, cria abertura para ventilação e luz natural); o Apartamento num chão verde-menta (pavimento continuado facilitando a adaptabilidade); a Residência sénior em Álcacer do Sal (espaços que permitem multifunções, permitindo uma melhor adaptação); e, por fim, o *Cohousing* Sénior (construções leves, em madeira – sustentabilidade).
- **Adequado à diversidade:** Este parâmetro não pode ser visto sem considerar o momento da construção. A sociedade alterou muito desde o início do século XX, mudando as preocupações de cada altura. Passou pelos problemas de higiene, o aumento das cidades, construção para o maior número, a acessibilidade, até à diversidade. Principalmente observa-se que o dúplex torna mais difícil a adequação a todos os residentes. No caso de incapacidade motora devem ser assegurados os básicos de habitabilidade num só piso, pelo que se conclui que é preferível a habitação ser de um piso para adequar-se ao máximo de residentes. É perceptível a prevalência de projetos com principal destinatário as famílias clássicas (casal c/filhos), apesar de a maioria da população já não se inserir nesse perfil. Os jovens adultos e seniores

---

<sup>192</sup> Este caso não é exclusivo, permitindo passagem pelos pórticos que dão acesso ao interior dos quarteirões onde se inserem espaços de comércio e escritórios. Todavia, podem ser encerrados, passando a ser exclusivos aos residentes.

apropriam-se, assim, de habitações sem integração de parâmetros essenciais (diversidade tipológica com integração do trabalho produtivo, acessibilidade, adaptabilidade e flexibilidade). Destacam-se o Bloco das Águas Livres, o edifício Castro & Melo (sem fator financeiro), e os edifícios da Praça de Entrecampos com maior grau de adequação à diversidade.

- **Acessibilidade:** Neste fator observou-se o grau de acessibilidade, do edifício à habitação, desde a possibilidade de adaptar ao máximo acessível. Destaca-se o Bairro Económico de Olhão, o Bloco das Águas Livres, o edifício Castro & Melo, a Residência Assistida, o *Cohousing* Sénior, e os edifícios da Praça de Entrecampos.

- **Tipologia:**

**Diversidade Tipológica** - A maioria apresenta diversidade. Todavia, sem efeito específico nos sujeitos em estudo, podendo ser solução a adaptabilidade.

**Não hierarquia** – A maioria tem princípios de não hierarquia, não usando a *suite* e projetando proporções dos quartos similares, contudo, mantendo a cozinha como um espaço de serviço e com proporções mínimas. Como visto anteriormente, para a melhor apropriação de uma população diversificada, deve ser atenuado a ideia de serviço e enaltecer a ideia comunitária do espaço, ou seja, associar a outros espaços sociais ou integrar zona de refeições, para que possibilite a utilização simultânea de vários residentes. A utilização da não hierarquia dá apoio a mudança de residente, principalmente em casos de habitação partilhada, jovens adultos e seniores.

**Trabalho produtivo** – Quase todos os casos práticos não preveem trabalho produtivo por ser uma necessidade recente (teletrabalho). Apesar disso, a maioria apresenta potencial de adaptação ao trabalho produtivo (se possível, modificação de um quarto para esse efeito). É essencial associar este fator ao sistema wi-fi (*Supports*). Destaca-se o Apartamento num chão verde-menta (espaço multifunções) e a ilha da Bela Vista (quarto/estúdio), por permitirem adaptação ao teletrabalho.

- **Adaptabilidade:**

**Dos espaços e funções** – Analisou-se a capacidade de readaptação dos espaços a outras funções não originalmente destinadas. Destacam-se o Apartamento num chão verde-menta (pavimento contínuo, espaços multifunções, fragmentação do espaço único permitindo adaptação a partir do mobiliário), a Residência Assistida de Álcacer do Sal (espaços coletivos/sociais estão preparados para adaptar-se a variadas funções), o *Cohousing* Sénior em Águeda (construção leve – adaptável). Os menos adaptáveis são o Bairro das Estacas (dúplex torna difícil a adequação a residentes com incapacidades motoras e não prevê cuidador) e a Habitação Jovem (habitação temporária e rotativo - só permite integração de mobiliário).

**Seniores** – Os edifícios destinados aos sujeitos são os que apresentam a maior adequação a esta faixa etária (a Residência Assistida de Álcacer do Sal e o *Cohousing* Sénior em Águeda). Dos outros casos destacam-se o edifício Castro & Melo e os edifícios da Praça de Entrecampos.

**Jovens adultos** – Os edifícios de habitação jovem da Praça de Entrecampos (custo moderado e possibilidade de adaptação ao teletrabalho) destinados aos sujeitos são os que apresentam a maior adequação a esta faixa etária. A Habitação Jovem de Oeiras oferece uma possibilidade temporária que ajuda em casos necessários, contudo, sem possibilidade de futuro e sem local de trabalho produtivo. Apesar do edifício Castro & Melo conferir tipologias propícias a esta faixa etária, este é inconcebível por motivos financeiros.

- **Flexibilidade:** A maioria não apresenta fatores de flexibilidade. O *Cohousing* Sénior sendo uma construção leve é o único com paredes desmontáveis. Outros casos revelam alguma flexibilidade como o Bairro da Bouça (tipologias com dois acessos), o Apartamento num chão verde-menta (espaço único fragmentado – possível integrar teletrabalho, um quarto ou outros espaços), a Residência Assistida (espaços multifunções) e a Habitação Jovem (organização maioritariamente por mobiliário).

Conclui-se que os diferentes casos têm particularidades relevantes para habitação do século XXI mostrando capacidade de resolver as preocupações atuais. O cruzamento dos conhecimentos adquiridos com os casos de estudo permitiu verificar a eficácia e as fragilidades de cada uma das obras, conseguindo enfatizar que algumas questões apontadas já são integrantes de projeto de habitação na maioria dos casos ao longo do tempo. Valoriza-se a habitação coletiva como meio de sustentabilidade da cidade, os contributos de cidade, os espaços coletivos para residentes (contudo, sem relevância aos sujeitos em questão), um certo grau de não-hierarquia (maioritariamente nos quartos), e a diversidade tipológica. Enfatizam-se os projetos específicos dos sujeitos (Residência Assistida de Alcacer do Sal, *Cohousing* Sénior de Águeda, Edifícios da Praça de Entrecampos, e Habitação Jovem Oeiras) que permitem compreender o que pode ser retirado para habitação do século XXI: o máximo de acessibilidade; espaços flexíveis e adaptáveis; apropriação – deixar o residente definir a função; importância dos espaços coletivos – comunidade. Apesar disso, também apontam fragilidades. Ainda não são considerados na maioria os jovens adultos e seniores como fator de projeto. Para estes, a habitação de custos moderados é um fator essencial devido à precariedade dos jovens adultos e reformas baixas. A participação e a flexibilidade não são ainda um fator principal de projeto. A sustentabilidade também tem de ser um fator mais considerado como a gestão de recursos, espaços de reciclagem, etc. Os sujeitos requerem áreas específicas, adaptáveis e/ou flexíveis, sem hierarquização (desde quartos – sem suite, à quebra da cozinha como espaço de serviço – integração de zona de refeições e/ou integração em áreas sociais), o máximo de acessibilidade com previsão de assistência/cuidador (instalação sanitária com duche, ao contrário da maioria da utilização de banheira, etc.). Estes contributos ajudam à adequação e rotatividade de ocupante.

### 2.3.1. Aplicação Geral, dos Jovens adultos e Seniores

Para habitação do século XXI conclui-se que tem de existir um conjunto de atributos próximos como serviços que permitam a vida quotidiana – equipamentos de educação, saúde, lazer – para que o edifício funcione como integrante de cidade. Para isso, é necessário sempre com perspectiva de género, espaço urbano seguro, igualitário, diversificado e sustentável, que seja possível ser vivido por toda a sociedade da mesma forma, sendo fundamental aceitar a diversidade. “*A habitação não é sem cidade, nem a cidade sem habitação.*”<sup>193</sup> Tendo em conta as necessidades dos jovens adultos e seniores, de acordo com Montaner, Muxí e Falagán, os espaços coletivos podem ser:

*“Cozinha comunitária, comércio de pequena escala (...), comércio de grande escala (supermercado), sala de refeições comunitária, pátios urbanos, centro de dia, centro de saúde, (...), hortas comunitárias, creche autogerida, (...), lavandaria comum e estendais, (...), escola de cozinha, escola de jardinagem, (...), local para bicicletas, (...), local para prática de ginástica ou yoga, restaurantes, (...), espaço para escritórios, (...).”*<sup>194</sup>

Além dos espaços coletivos, após análise e reflexão do estudo, conclui-se e apresenta-se o esquema síntese de habitação coletiva do século XXI geral, para um grupo de residentes diversificado:

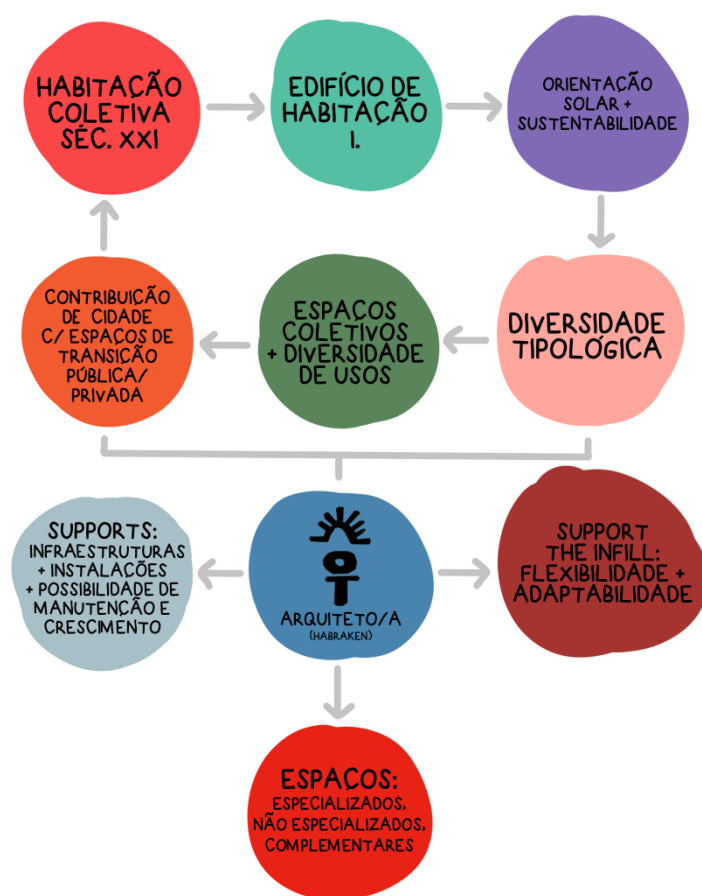


Fig.121 – Esquema Síntese de Habitação Coletiva do século XXI Geral.

<sup>193</sup> *Ibid.* p.206, l.26-27.

<sup>194</sup> *Ibid.* p.145, l.14-24.

Aos critérios gerais para habitação coletiva do século XXI acrescentam-se os critérios de habitação coletiva para seniores, tirando partido de características de *cohousing* sénior e habitação assistida. “(...) é necessário evitar escadas interiores e quando existem, que a vida possa ser realizada em um dos pisos. Tem de haver acessibilidade por rampas, elevadores e passadeiras, com espaços de passagem adequados nos exteriores e interiores.”<sup>195</sup> Muxí, Montaner e Falagán acrescentam:

“Hoje estes edifícios apresentam uma vida independente na habitação própria formando parte de uma comunidade na qual se escolhe participar. Os diferentes níveis do íntimo ao comunitário permitem a passagem progressiva da antiga habitação a esta nova situação. Já não é um lugar final, mas é um espaço de convivência, com uma própria intimidade familiar, ou de desenvolver uma nova fase da vida.”<sup>196</sup>

Conclui-se e apresenta-se o esquema síntese de habitação coletiva do século XXI, inclusivo aos seniores:

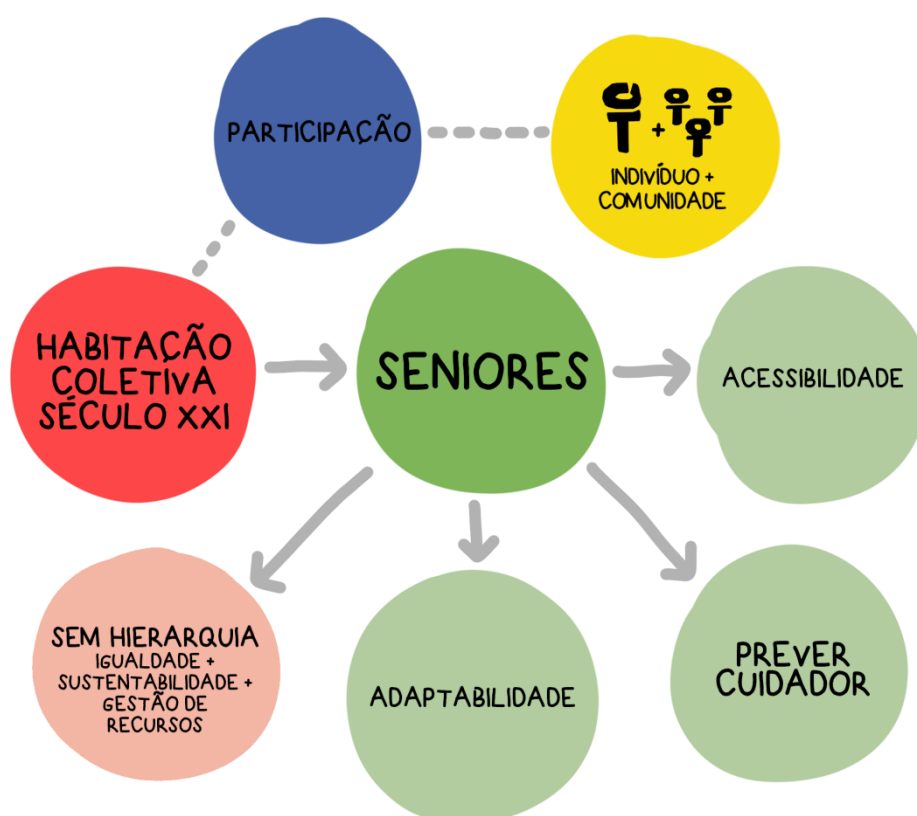


Fig. 122 – Esquema Síntese Habitação coletiva do século XXI inclusivo ao sénior.

Nota: Deve ser equacionado, os projetos de habitação serem de promoção pública para não serem tornados negócio e caso não o sejam, que se mantenham em conformidade com as necessidades dos residentes, desde ao projeto até ao nível financeiro, obedecendo a políticas que os resguardem. Deve-se promover a multiplicidade e convivência comunitária entre diferentes gerações, sendo motivadores de comunidade, boas relações e interações e permitir o trespasses de conhecimento e ajuda ao que se propõe, primeiramente, a habitação coletiva contemporânea para todo o tipo de residentes e que assegurem particularidades destes sujeitos da dissertação muito pouco destacado nas suas necessidades habitacionais.

<sup>195</sup> *Ibid.* p.31, l.7-9.

<sup>196</sup> *Ibid.* p.35, l.21-28.

Além dos espaços coletivos, após análise e reflexão do estudo, acrescentam-se fatores de habitação jovem, de flexibilidade/adaptabilidade, sem hierarquização e trabalho produtivo. Conclui-se e apresenta-se o esquema síntese de habitação coletiva do século XXI, inclusivo aos jovens adultos:

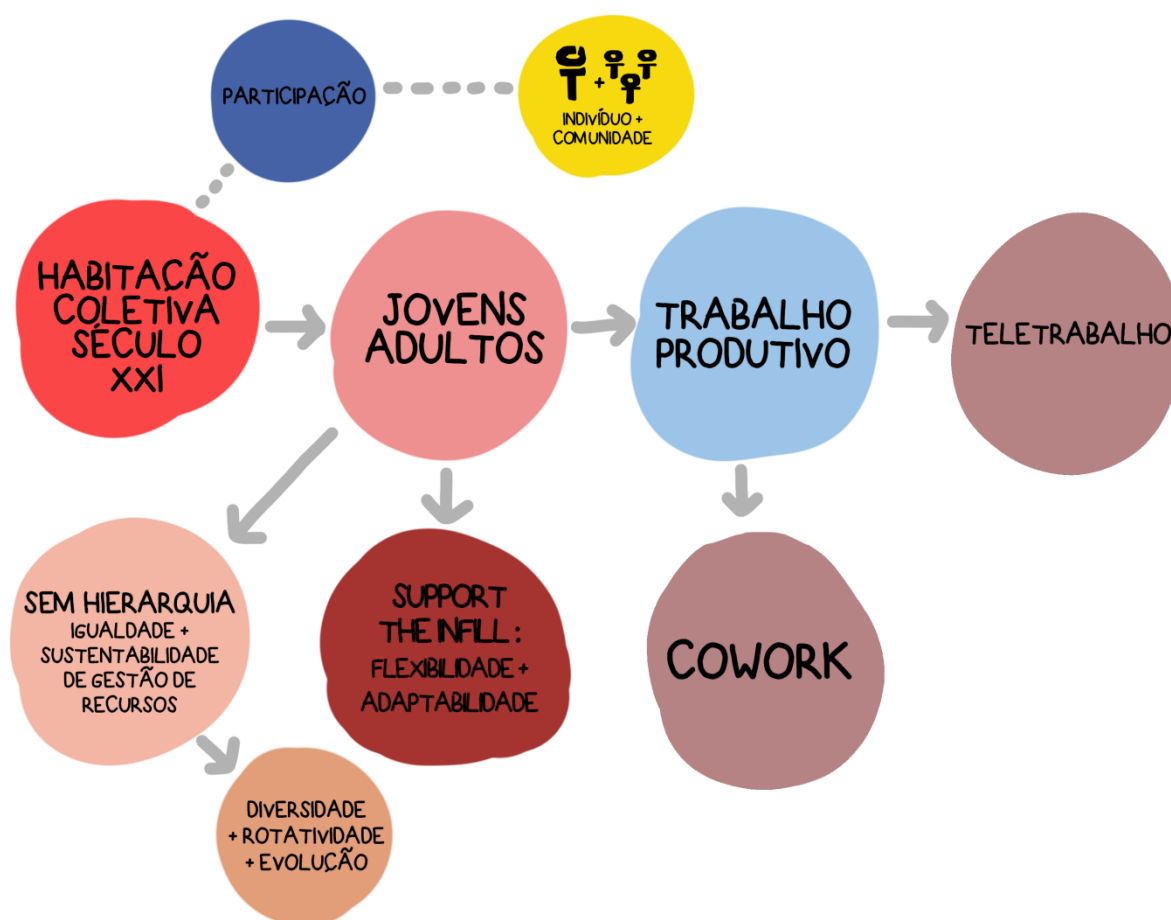


Fig.123 – Esquema Síntese de Habitação coletiva do século XXI inclusivo ao jovem adulto.

Nota: Deve ser equacionado, os projetos de habitação serem de promoção pública para não serem tornados negócio e caso não o sejam, que se mantenham em conformidade com as necessidades dos residentes, desde ao projeto até ao nível financeiro, obedecendo a políticas que os resguardem. Deve-se promover a multiplicidade e convivência comunitária entre diferentes gerações, sendo motivadores de comunidade, boas relações e interações e permitir o trespasse de conhecimento e ajuda ao que se propõe, primeiramente, a habitação coletiva contemporânea para todo o tipo de residentes e que assegurem particularidades destes sujeitos da dissertação muito pouco destacado nas suas necessidades habitacionais.

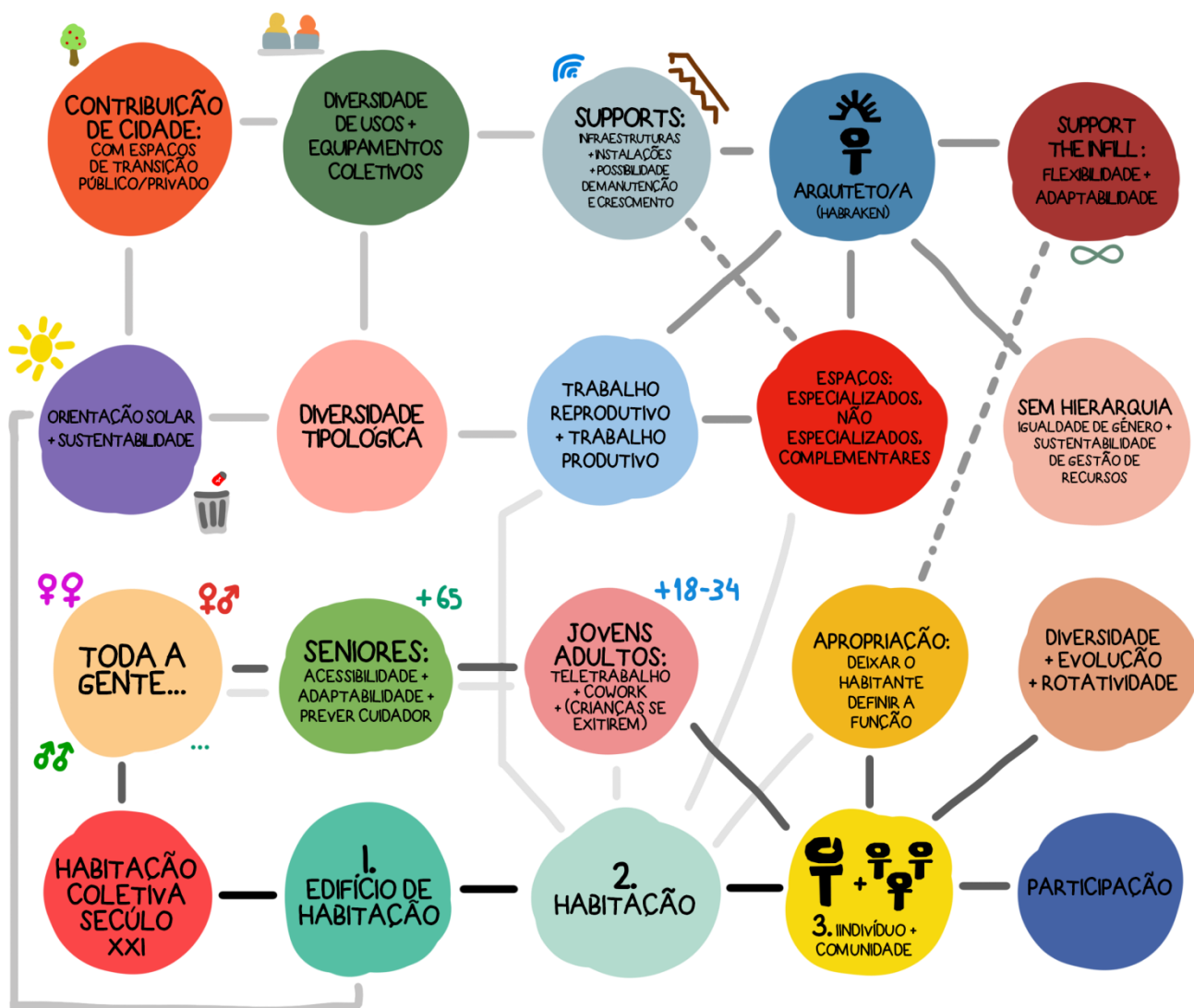


Fig.124 - Esquema Síntese de Habitação coletiva do século XXI inclusivo ao sénior e jovem adulto.

Conclui-se que o edifício de habitação para a sustentabilidade das cidades (Lisboa e Porto) deve ser coletivo, assegurando sinergia com o lugar onde se insere e com respetiva consideração entre novo ou reabilitação. O edifício deve oferecer espaços que contribuam para a cidade e que façam a transição público-privada, tornando-se integrantes da área e que a enalteçam, como os espaços comerciais, escritórios, jardins, cultura, entre outros. Simultaneamente deve fornecer espaços coletivos para os residentes, dedicado às necessidades variadas dos mesmos, como espaços *cowork*, lavandaria, jardins, hortas, etc.

A participação deve ser um apoio geral, direto ou indireto, do projeto e obra. No caso de espaços coletivos permite decifrar as carências do local, definindo adequadamente e em termos tipológicos considerar os desejos dos residentes, espacializando os seus modos de habitar. A globalização torna-se um fator evidente e cada vez mais relevante, sendo uma condição essencial para questões de projeto. Esta condição mundial requer os métodos participativos, para a compreensão de novas culturas, modos de viver e habitar, aceitando a diversidade, de modo igualitário. A arquitetura mostrou-se ao longo do tempo com iniciativa de criar um mundo melhor, mais justo e permitir a diversidade. Progressivamente tornamo-nos cidadãos do mundo, pelo que se cria, assim, um fio condutor com base numa sinergia entre a condição local – clima, cultura, realidade, estética – e a diversidade – novas culturas, novos modos de viver, novas realidades – a partir de processos de projeto como adaptabilidade, flexibilidade, expressos ao longo deste capítulo, permitindo a apropriação adequada, soltando-se de predefinições, e fornecendo as condições de habitabilidade necessárias ao residente, deixando-o definir a função e possibilitar a sua evolução ou possível rotatividade.

Outro fator essencial da atualidade é a tecnologia. A constante evolução e mudança tecnológica tornam-se evidentes para o processo construtivo de um projeto de habitação, pelo que, devem ser apoiadas na teoria de Habraken (*Supports* - infraestrutura que permita manutenção e alteração, acessos diversificados, eletricidade e Wi-Fi, e *Infill* - apropriação adequada dos residentes e ajuda à rotatividade do residente). De facto, a separação diurna-noturna da habitação deixou de ser relevante, pois com a integração do trabalho na habitação passa a ser vivida 24h/7 dias por semana. De acordo com Montaner, Muxí e Falagán, o método considerado estratégico para o século XXI é definir a organização por tecnologia. Os espaços especializados de preferência aglomerados num núcleo central ou na periferia, que necessitam de especificidades técnicas como canalização, gás e sistemas de ventilação (como cozinha e I.S), espaços não especializados, que por um método de proporção média (9m<sup>2</sup> segundo os arquitetos) permite a adaptação a diversas funções, nomeadamente quartos, salas, áreas de trabalho, etc. E, por fim, complementares que podem ser integrados noutras áreas como lavandaria e zonas de arrumação. Toda a habitação deve fornecer eletricidade e wi-fi, possibilitando a manutenção dos princípios de habitabilidade mas sem predeterminar nem estabelecer uma só funcionalidade.

Além disso, a integração dos parâmetros tipológicos: a acessibilidade, preferindo desenvolver-se num só piso para que seja fácil a adaptação ao residente com dificuldades motoras, e que preveja o cuidador/cuidadora (assistência); a adaptabilidade torna-se essencial para a adequação aos residentes

e principalmente para a faixa sénior e jovens adultos. Este processo pode ser aplicado por pavimento e teto contínuo, e paredes leves; a flexibilidade equilibrada. A flexibilidade é essencial para permitir a modificação facilitada a partir de mobiliário, paredes móveis e/ou desmontáveis; a não hierarquia é uma preferência de projeto que merece ser integrada, permitindo a adequação a um grupo de residentes diversificado, a rotatividade e evolução dos residentes. Os quartos de proporções similares e sem hierarquização permitem a integração igualitária. A cozinha deve possibilitar a sua utilização de maneira comunitária, desvanecendo a conotação de serviço com proporções mínimas, e possibilitando a colaboração de tarefas e igualdade de género (desenho do espaço vindo dos processos evolutivos da mulher). Além disso, deve permitir a integração de zona de refeições, tornando o espaço comunitário e/ou integrá-lo noutra espaço, já por si social, como a sala (podendo ter barreira visual); por fim, verifica-se a similaridade de estratégias, facilmente aplicadas em projetos de habitação geral, jovens adultos e seniores. Concluiu-se que habitação para o século XXI confere estes critérios para ser inclusiva de todas as faixas etárias, género e cultura.

# Considerações Finais

## Considerações sobre a dissertação

Ao estudar a evolução da arquitetura confirma-se que esta área é uma arma de manifesto de necessidades, frustrações e inquietações do momento em que se insere, tornando-se essencial para o futuro o reconhecimento do aumento populacional dos seniores e a dificuldade ao acesso à habitação e precariedade dos jovens adultos que implicam introdução de novos critérios de projeto, de maneira comunitária, inclusiva e diversificada. Ao reconhecer que a habitação do século XXI necessita ter em atenção as mudanças dos sujeitos em questão, valoriza-se o contributo social da arquitetura. A evolução demográfica, social, económica e política conduziram em Portugal: ao desequilíbrio demográfico, com grande envelhecimento, não assegurando a renovação das gerações, em cenário de decréscimo populacional; às transformações várias com particular ênfase na estrutura familiar; às transformações no emprego e à terciarização da economia que não garantiram equidade na riqueza, registando-se situações de pobreza. Os baixos salários e reformas afetam em particular os grupos etários em estudo (jovens adultos e seniores - 43,5%<sup>197</sup> da população); as condições de vida essenciais como o acesso à habitação, não foram asseguradas, com particular discriminação dos jovens adultos e seniores, em risco de perda de qualidade de vida; o parque habitacional, por responsabilidade das entidades envolvidas e da incapacidade política de planeamento global, não esteve à altura das transformações ocorridas, urge agir neste domínio, certamente onde a arquitetura tem muito a fazer, proporcionando alternativas condignas, dentro do que corresponde à habitabilidade, também para estas faixas etárias, como têm vindo a fazer.

Verificou-se a partir da evolução da arquitetura que esta conseguiu ir ao encontro dos novos modos de habitar e necessidades associadas, com destaque nas transformações dos anos 50 (passagem à habitação coletiva: Bloco Carvalhosa (Porto:1945-1949), Bairro das Estacas (Lisboa:1949-1955), Conjunto residencial de Ramalde (Porto:1952-1960), etc.) e experimentos do programa SAAL (Bairro da Bouça (Porto:1973-1978;1999-2006), São Vitor (Porto:1974-1977)), melhorando a vida de muitos. Comprovou-se que o residente atual é diverso e variável, desejando-se a integração da flexibilidade e adaptabilidade, e explorar atributos de projeto para jovens adultos (não hierarquia e teletrabalho) e seniores (não hierarquia, acessibilidade e prever cuidador/a). Descobriram-se experiências de habitação, apoiadas na participação, que se demonstraram ter indicadores de projeto do século XXI e com sensibilidade aos sujeitos em questão. A partir da investigação *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI* de Montaner, Muxí e Falagán, e observando-se variados casos de estudo obtiveram-se contributos para o projeto de habitação, destacando as experiências do LAHB (ilha da Bela Vista (Porto:2017)), as residências assistidas (Álcer do Sal:2010) dos Aires Mateus e habitação jovem (Lisboa: 2011) dos Promontório. Por fim, com o cruzamento das obras e o conhecimento adquirido chegaram-se a diversas conclusões em que a principal foca-se na arquitetura

---

<sup>197</sup> PORDATA - População residente (%) por grupos etários e local de residência, Portugal, 2019 [em linha]. [consult. 15-3-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%c3%a7%c3%a3o+residente++estimativas+a+31+de+Dezembro-120>

ter acompanhado as mudanças da sociedade. Ainda assim, verifica-se a falta de contributos de habitação necessários para os sujeitos, concluindo que para Habitação do século XXI é necessário: participação; habitação coletiva (contexto de cidade densificada); ter contributos de cidade (enriquecimento do lugar e fazer transição público-privada); diversidade de usos (espaços coletivos); preocupação pela sustentabilidade; diversidade tipológica (para se adequar a vários modos de habitar); dar importância ao *supports* (infraestrutura, instalações, manutenção/alteração e crescimento) e *infill* - flexibilidade e adaptabilidade (para permitir a diversidade e rotatividade); apropriação (deixar o habitante definir a função); tipologia – sem hierarquia (com base nas especificidades técnicas dos espaços especializados, não especializados e complementares), flexível e adaptável, e com espaço de trabalho produtivo (ou incluído em espaço coletivo); integração do sénior (acessibilidade, prever cuidador e adaptabilidade) e jovem adulto (sem hierarquia, teletrabalho/cowork). Concluiu-se que já existem iniciativas enaltecidas de mudança mas ainda em pequena escala, necessitando do apoio do Estado para que se torne geral ou interesse em alterar os métodos de iniciativa privada. A colaboração entre jovens e seniores pode trazer potencialidades para ambas as faixas etárias, tornando a habitação novamente um espaço comunitário de espírito de vizinhança e que permita conduzir a cidades mais igualitárias e diversas. A arquitetura ao ser receptiva à mudança pode dar o que sempre mais foi importante, espacializar as necessidades da sociedade.

## Considerações sobre a disciplina e a profissão

Pretendeu-se refletir sobre a relevância de estudar quem mais se tornou instável e diverso e alterou seus modos de habitar, quebrando a ideia de produção para família nuclear e indivíduo tipo. Após o desenvolvimento revelou-se a importância da flexibilidade, adaptabilidade, participação, igualdade e não hierarquização, para a adequação do projeto de arquitetura ao século XXI e sensibilização de um futuro melhor. A abordagem teórica, apoiada em sociologia, estatística e arquitetura, e prática de análise de casos de estudos variados tem como objetivo entender evolutivamente como se produziu e para quem se projetou. O futuro está nas mãos dos jovens e de modo a contribuir na transformação da profissão tem de iniciar no modo como se ensina.

*“O grande desafio atual é formar universitários que fortaleçam as sociedades democráticas e mais justas do século XXI.”<sup>198</sup>*

Na formação académica, ainda existe pouca expressão na introdução destes sujeitos e de parâmetros de habitação contemporânea, nomeadamente, a flexibilidade, a adaptabilidade, novas necessidades do momento - como o teletrabalho. Os sujeitos principais, os seniores e jovens adultos, não são discutidos com expressão em ambiente disciplinar, pretendendo-se reforçar a importância da sua inclusão no ensino. Ou seja, permitir uma associação de questões atuais e fatores nunca antes vistos – globalização, turistificação (a primeira indústria global e produto da globalização essencialmente neoliberal<sup>199</sup>) – e a multiplicidade do grupo residente, introduzindo critérios como:

<sup>198</sup> MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida – *op. cit.* p.38, l-19-20.

<sup>199</sup> *Ibid.* p.143, l-1-6.

habitação coletiva – os meios urbanos atingem a sua capacidade máxima, sendo que o meio de sustentabilidade dos mesmos seja a partir da habitação coletiva; flexibilidade – a permissão de alterar e adequar os espaços de acordo com as necessidades do habitante e seus usos e sua modificação, adaptando à diversidade de variantes, como o teletrabalho; sem hierarquização – diminuição das diferenciações de espaços de serviço ou de estar, permitindo a utilização igualitária da habitação, como o exemplo da cozinha; sustentabilidade – trazer preocupações pelo meio ambiente, como a localização de resíduos orgânicos e recicláveis e a introdução de verdes na habitação coletiva; acessibilidade - apoio à mudança de habitante. Numa perspetiva muito tecnológica e de desenvolvimento de inteligência artificial, no futuro, os engenheiros poderão vir a ser substituídos ou cada vez mais apoiados pela tecnologia, ao contrário do arquiteto que, apesar de ser apoiado pela tecnologia, permite uma melhor contribuição para o seu papel ajudando e favorecendo a sustentabilidade e a melhor localização de infraestruturas e instalações. (*Supports*)

*“A educação em arquitetura está desligada da profissão e das realidades e necessidades sociais, tal como expressas em encomendas de reais clientes (privados ou públicos).”<sup>200</sup>*

A importância da associação destes fatores fundamentais para a habitação do século XXI, desde a formação académica, deve-se à produção de arquitetos futuros que já tragam as ferramentas necessárias e adequadas à atualidade, podendo, a partir daí contribuir para um maior desenvolvimento na prática da profissão. A faculdade não é somente um espaço de trespasse e produção de conhecimento, mas um espaço de desenvolvimento de pessoas que irão contribuir para a sociedade. Destaca-se a necessidade de incluir no processo de projeto vertentes multidisciplinares, participativas e coletivas, no ensino e profissão, que valorizem a área e desmistifiquem o conceito pirâmide *atelier* e arquiteto topo, e passe a ser valorizada a coletividade e cooperação com a comunidade.

**Concluindo**, este estudo permitiu-me abrir caminhos, esperando dar continuidade ao estudo desenvolvido, conseguido concretizar e mostrar as minhas aspirações, abordando de forma flexível e aberta a discussões, desejando promover a multiplicidade e convivência comunitária entre diferentes gerações, motivadoras de comunidade, de boas relações e interações. Além disso permitir o trespasse de conhecimento e ajuda ao que se propõe, primeiramente, a habitação coletiva contemporânea para todo o tipo de residentes e que assegurem particularidades destes sujeitos da dissertação muito pouco destacados em Portugal. O futuro é incerto e a arquitetura certamente enfrentará desafios. Pessoalmente desenvolvi o trabalho num contexto de pandemia, entre 2 confinamentos, pondo em prática a sociedade em rede (*online*), partilhando da realidade associada ao trabalho e permanência 24h na habitação, sem as necessárias adaptações, enfatizando a incapacidade dos espaços inadaptáveis e inadequados. Ao reconhecer e refletir no âmbito da arquitetura, que sempre acompanhou as transformações, e integrando as novas necessidades dos jovens adultos e a crescente população sénior poderemos contribuir na sociedade adequando e adaptando a habitação ao século XXI.

---

<sup>200</sup> BRISTOL, Graeme – “Pânico ou Plano – Arquitetura num mundo em mudança” in Et al. - *Por uma habitação básica: Cidadania, democracia associativa e metodologias participativas*, Porto: Edições Afrontamento, 1ª edição, Dezembro 2020. p.283, l. 3-5.



# Fontes de Informação

## Referências Bibliográficas

### Livros:

MATTOSO, José - *História da Vida Privada em Portugal: A Época Contemporânea*. 1ª edição, Círculo de Leitores, 2011. ISBN 978-989-644-149-4.

BECKER, Annette; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried - *Portugal: Arquitectura do século XX*, 1ª ed., Munchen: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8.

MONTANER, Josep Maria - *La vivienda de la vivienda colectiva: Políticas y proyectos en la ciudad contemporánea*, 1ª ed, Barcelona: Editorial Reverté, 2015. ISBN 978-84-291-2126-1.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. - *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI*, 1ª ed., Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2011. ISBN – 978-84-614-7504-9.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida - *Arquitectura e Política: Ensaio para Mundos Alternativos*, 1ª ed., Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2019. ISBN: 978-85-65985-41-3.

COSTA AGAREZ, Ricardo - *A habitação apoiada em Portugal*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, janeiro de 2020 (ebook). ISBN 9789898943934.

JOANELLY, Tibor; BANDEIRA, Pedro; GEERS, Kersten - 2G: Fala, 1ª ed., Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2019. ISBN: 978-3-96098-595-2.

Et al. - *Por uma habitação básica: Cidadania, democracia associativa e metodologias participativas*, Porto: Edições Afrontamento, 1ª edição, Dezembro 2020. ISBN 978-972-36-1846-4.

REGNIER, Victor - *Design for Assisted Living: Guidelines for Housing the physically and mentally frail*, John Wiley & Sons, New York, 2002. ISBN 0-471-35182-2.

DURRETT, Charles - *El Manual del Senior Cohousing: Autonomía Personal a través de la Comunidad*, Madrid: Asociación Jubilares, 1ª ed., 2015. ISBN 978-84-9085-525-6.

MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere - *Casa Collage: Un ensayo sobre la arquitectura de la casa* (2001), 2ª ed., Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2018. ISBN 978-84-252-2782-0.

### Artigos/Publicações:

HENRI, Paul; DE LAUWE, Marie-José Chombart - *A evolução contemporânea da família: Estruturas, funções, necessidades*, *Revue Française de Sociologie*, ano I, n.º 4, Edições Julliard, Out.-Dez. 1950.

Et al - *Análise Social*, vol.XXII (92-93), -3ª-4ª, 1986.

BATISTA, Virgínia; MARQUES ALVES, Paulo - *As Mulheres trabalhadoras em Portugal (1890-1970): as representações sobre o trabalho remunerado e o trabalho não remunerado numa perspetiva feminista*. Argentina: XIV Jornadas Nacionales de Historia de Las Mujeres. IX Congreso Iberoamericano de estudios de género. 29 Julho – 1 Agosto 2019. Disponível: [https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/16779693/As\\_Mulheres\\_trabalhadoras\\_em\\_Portugal\\_1890\\_1970\\_.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/16779693/As_Mulheres_trabalhadoras_em_Portugal_1890_1970_.pdf)

COSTA AGAREZ, Ricardo - *Habitação: 100 anos de políticas públicas em Portugal 1918-2018*, Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbanas, Dezembro de 2018. ISBN 978-972-27-2711-2.

MILHEIRO, Ana Vaz (dir.) - *Habitar em coletivo: Arquitectura Portuguesa antes do S.A.A.L.* Lisboa: Dep. Arquitectura e Urbanismo do ISCTE-IUL, Maio de 2009.

NETO, Maria João; CORTE-REAL, Judite - *A Pessoa idosa institucionalizada: Depressão e suporte social*, Lisboa: ISPA-IU, 2011.

DO VALE, Clara - *The social rise of a housing intervention: Álvaro Siza project for Bouça neighbourhood*. 42<sup>nd</sup> IAHS World Congress: The housing for the dignity of mankind, Naples, Italy, April 2018.

LACERDA LOPES, Carlos Nuno – *Edifício de habitação coletiva Cooperativa SACHE | 1ª fase*. Frente & Verso. Porto: CIAMH. ISSN 2182-8237.

AZEVEDO, Alda Botelho – *Como vivem os portugueses: população e famílias alojamentos e habitação*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, Julho de 2020 ISBN 978-989-9004-49-8.

NEVES, Victor - “Casa e Trabalho: Novas tipologias habitacionais para o séc. XXI”. *Sebentas d’Arquitetura*, nº8, Lisboa: Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada.

MURTINHO, Vítor - “Open Building: Um processo em aberto”. Revista *Metálica*. Coimbra: Departamento de Engenharia Civil da UC, nº 30, Junho de 2013. ISSN 0874-3738.

## Teses de Doutoramento:

RAMOS, Rui - *A Casa unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa: Mudança e Continuidade no espaço doméstico na Primeira metade do século XX*, Porto: Universidade do Porto, Tese de Doutoramento. 2004.

LOPES, Carlos Nuno Lacerda - *Projectos e Modos de Habitar*. Porto: Universidade do Porto, Tese de Doutoramento, 2011.

COSTA, Rui – “6 ideias para cidade: Uma cidade +50: passeios, habitação, comércio, transportes preparados para os mais velhos com bairros que sejam história viva”. Revista *XXI Ter opinião: Isto é cidade*, nº4, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, janeiro – junho, 2015.

## Referências Web/Multimédia

### Documentários:

SARAIVA, José Hermano - *História essencial de Portugal* [em linha]. RTP Arquivos: RTP Memória, 2011. [consult. 12-8-2020]. Disponível: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/revolucao-democratica/>

BARRETO, António - *Portugal, um retrato social* [em linha]. RTP: Rui branquinho, 2007. [consult. 25-10-2020] Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=mZNdGItN9XA>

*As Operações SAAL*. Realização de João Dias. Portugal: Optec, 2007 (120 min): Cor, P&B

INE/PORDATA. *Nós, Portugueses: Nascer para não morrer*. Realização de Pedro Clérigo. Portugal: RTP/Fundação Francisco Manuel dos Santos. 2020. Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p6829/e455740/nos-portugueses-nascer-para-nao-morrer>

*Atelier d’Arquitetura. Aires Mateus: Desenhar para a comunidade*. RTP Play, ep.2, 14 Abril, 2019. (25:26min) Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p5644/e401024/atelier-arquitetura>

### Artigos/Publicações (online):

*Et al.* - *A vida desde 1820* [em linha]. Público. [consult. 16-2-2021]. Disponível: <https://acervo.publico.pt/multimedia/infografia/a-vida-desde-1820>

PÚBLICO - Entrevista do Jornal Público a Álvaro Siza [em linha]. 25-8-2013. [consult. 13-3-2021]. Disponível: <https://www.publico.pt/2013/08/25/local/video/siza-viera-contanos-como-foi-o-projecto-de-recuperacao-do-chiado-20130824-181004>

AZEVEDO, Alda Botelho – *Como vivem os portugueses: população e famílias alojamentos e habitação*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, Julho de 2020 ISBN 978-989-9004-49-8. P.43, l. 12-23. Disponível: <https://www.ffms.pt/documentos/7026/como-vivem-os-portugueses-habitacao-condicoes-de-vida-alojamentos-territorio-ambiente-pdf>

MARQUES, Duarte – *Portugal tem mais lares ilegais do que legais. Vamos resolver?* [em linha]. Expresso, 23 de Junho de 2020. [consult. 15-3-2021]. Disponível: [https://expresso.pt/blogues/blogue\\_sem\\_cerimonia/2020-06-23-Portugal-tem-mais-lares-ilegais-do-que-legais.-Vamos-resolver-?fbclid=IwAR2JXmSDg8tD6VL6UWTof6T6q77YZlBjfcGeEv0y7dplInHE4DsFRvhqFiw](https://expresso.pt/blogues/blogue_sem_cerimonia/2020-06-23-Portugal-tem-mais-lares-ilegais-do-que-legais.-Vamos-resolver-?fbclid=IwAR2JXmSDg8tD6VL6UWTof6T6q77YZlBjfcGeEv0y7dplInHE4DsFRvhqFiw)

Revista de Imprensa - *Mais de 70% das reformas em Portugal são abaixo do salário mínimo* [em linha]. Executive Digest, 4 de Julho de 2020. [consult. 15-3-2021]. Disponível: [https://executivedigest.sapo.pt/mais-de-70-das-reformas-em-portugal-sao-abaixo-do-salario-minimo/?fbclid=IwAR1nFD0ANQItLy6T3t28sC\\_liezHZmruC7AwKYKDbPnckazzyGjxe0UXeG4](https://executivedigest.sapo.pt/mais-de-70-das-reformas-em-portugal-sao-abaixo-do-salario-minimo/?fbclid=IwAR1nFD0ANQItLy6T3t28sC_liezHZmruC7AwKYKDbPnckazzyGjxe0UXeG4)

LUSA – *Dois em cada três idosos não tem rendimentos suficientes para pagar o lar* [em linha]. 23 de Março de 2013. [consult. 15-3-2021]. Disponível: [https://www.publico.pt/2013/03/23/sociedade/noticia/dois-em-cada-tres-idosos-nao-tem-rendimentos-suficientes-para-pagar-o-lar-1588860?fbclid=IwAR1\\_ffxapulUs96O-GSCOTf0AL7ohvAlxrO1byRaKVBNCy8Kv-k0J8VRLv0](https://www.publico.pt/2013/03/23/sociedade/noticia/dois-em-cada-tres-idosos-nao-tem-rendimentos-suficientes-para-pagar-o-lar-1588860?fbclid=IwAR1_ffxapulUs96O-GSCOTf0AL7ohvAlxrO1byRaKVBNCy8Kv-k0J8VRLv0)

CHICHORRO, Ana Maria - *Respostas Sociais:Nomenclaturas/Conceitos*, Direcção-Geral da Segurança Social, da Família e da Criança, Lisboa, 2006. p.26-33 Disponível: [https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Conceitos\\_das\\_Respostas\\_Sociais.pdf](https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Conceitos_das_Respostas_Sociais.pdf)

XEREZ, Romana; PEREIRA, Elvira; DALPRÁ, Francielli – *Habitação Própria em Portugal: numa perspectiva intergeracional*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, novembro de 2019. p.41 Disponível: [https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/46/2020/07/22160512/Habitacao\\_relatorio\\_2Edicao\\_v3.pdf](https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/46/2020/07/22160512/Habitacao_relatorio_2Edicao_v3.pdf)

*64% dos jovens portugueses vivem em Portugal* [em linha]. SIC Notícias, 15 de Julho de 2020. [consult. 18-3-2021]. Disponível: <https://sicnoticias.pt/pais/2020-07-15-64-dos-jovens-portugueses-vivem-em-casa-dos-pais>

RIBEIRO, Luís – *OCDE portuguesas têm de trabalhar até aos 72 anos para a população produtiva ser equilibrada* [em linha]. Diário de notícias, 21 de Dezembro de 2020. [consult. 18-3-2021]. Disponível: <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/21-dez-2020/ocde-portuguesas-tem-de-trabalhar-ate-aos-72-anos-para-a-populacao-produtiva-ser-equilibrada--13158896.html>

*II Observatório do Mercado da Habitação em Portugal: Os desafios dos Jovens no acesso à habitação* [em linha]. Century 21, Junho de 2019. [consult. 13-3-2021] Disponível: [https://www.century21.pt/media/1162510/2\\_observatoriop v17.pdf](https://www.century21.pt/media/1162510/2_observatoriop v17.pdf)

PORTAL DA HABITAÇÃO - *A Nova Geração de Políticas de Habitação* [em linha]. [consult. 21-3-2021]. Disponível: <https://www.portaldahabitacao.pt/>

FAUSTINO, Joana – *Os novos pobres: gente jovem e que tinha emprego* [em linha]. Jornal SOL, 24 de Janeiro de 2021. [consult. 21-3-2021]. Disponível: <https://sol.sapo.pt/artigo/722206/os-novos-pobres-gente-jovem-e-que-tinha-emprego>

FARIA, Natália – *Morreram 1047 idosos em lares com covid-19. O que é preciso para acabar com os depósitos de velhos?* [em linha]. Jornal PÚBLICO, 8 de novembro de 2020. [consult. 20-3-2021]. Disponível: <https://www.publico.pt/2020/11/08/sociedade/noticia/morreram-1047-idosos-lares-covid19-preciso-acabar-depositos-velhos-1936822>

TRAMONTANO, MARCELO - *Habitação, Hábitos e Habitantes: tendências contemporâneas metropolitanas* [em linha]. 1998 [consult. 8-2-2021]. Disponível: [http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria\\_artigos\\_online01.htm](http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria_artigos_online01.htm)

PORTO. - *Bairro rainha dona Leonor já tem andar e em breve recebe moradores* [em linha]. 23 de Outubro de 2018. [consult. 22-3-2021]. Disponível: <https://www.porto.pt/pt/noticia/bairro-rainha-dona-leonor-ja-tem-andar-modelo-e-em-breve-recebe-os-moradores>

LUSA – *Aldeia social em Águeda permitem a idosos viverem com autonomia* [em linha]. 22 de dezembro de 2020. [consult. 5-3-2021]. Disponível: <https://observador.pt/2020/12/22/aldeia-social-em-agueda-permite-a-idosos-viverem-com-autonomia/>

PROMONTÓRIO - memória descritiva do conjunto da Praça de Entrecampos. p.2, Disponível: <http://www.promontorio.net/projects/Praca%20de%20Entrecampos>

CM de Oeiras – *Habitação Jovem* [em linha]. 12-6-2019. [consult. 10-3-2021]. Disponível: <https://www.cm-oeiras.pt/pt/viver/habitacao/Paginas/habitaco-jovem-villa-longa.aspx>

CONGEDO, Luca; CORRADO, Iannucci; MUNAFÒ, Michele - *Urban sprawl indicators and spatial planning: the data interoperability in INSPIRE and Plan4all*, Roma: Conference: Planning Support Tools: Policy Analysis, Implementation and Evaluation. Proceedings of the Seventh International Conference on Informatics and Urban and Regional Planning INPUT, 2012. Disponível: [https://www.researchgate.net/figure/Egg-analogy-of-the-form-of-the-city-Vancutsem-2011\\_fig1\\_265020690](https://www.researchgate.net/figure/Egg-analogy-of-the-form-of-the-city-Vancutsem-2011_fig1_265020690)

## Conferências:

Conferência FALA atelier – *An architecture that wasn't asked for* [em linha]. [consult. 9-1-2021]. Disponível: [https://www.youtube.com/watch?v=4Ql4OctlubY&ab\\_channel=gbltuwien](https://www.youtube.com/watch?v=4Ql4OctlubY&ab_channel=gbltuwien)

## Estatística/Políticas:

Fundação Mário Soares - *Leis da Família* [em linha]. [consult. 25-10-2020]: Disponível: <http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/id?id=035004>

PORTAL DE HABITAÇÃO – *Resumo histórico do IHRU* [em linha]. [consult. 20-3-2021]. Disponível: [https://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/\\_Resumo\\_historico.html](https://www.portaldahabitacao.pt/pt/ihru/_Resumo_historico.html)

**PORDATA** - Taxa de Analfabetismo: total e por sexo [em linha]. [consult. 16-10-2020]. Disponível: <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>

**INE** – População residente (%) por local de residência [em linha]. [consult. 5-1-2021]. Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2)

**PORDATA** - População empregada: setores de atividade (%) 1990 [em linha]. [consult. 6-1-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819990>

**PORDATA** - População empregada: setores de atividade (%) 2000 [em linha]. [consult. 6-1-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819990>

**PORDATA** – População empregada: setores de atividade (%) 1960 e 1990 [em linha]. [consult. 6-1-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819990>

**INE** - População Residente (%) por Local de Residência, 1981 [em linha]. [consult. 8-3-2021]. Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2)

**PORDATA** – Esperança de vida à nascença [em linha]. [consult. 8-3-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/Europa/Esperan%C3%A7a+de+vida+%C3%A0+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo-1260>

**BBVA** – Reforma [em linha]. 07 Janeiro 2019 [consult. 20-3-2021]. Disponível: <https://www.aminhapensao.pt/pt/blog/historia-da-seguranca-social-parte-i.html>

**PORDATA** – População empregada (%) por setores de atividade [em linha]. [consult. 15-13-2020]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5821924>

**PORDATA** – Taxa de desemprego (%), Portugal [em linha]. [consult. 15-13-2020]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5821952>

**CENSOS 2011** - *Família nos Censos 2011: Diversidade e mudança* [em linha]. [consult. 2-12-2020] Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt)

**PORDATA** - Tabela dos Agregados Domésticos Privados: total e por tipo de composição [em linha]. [consult. 3-12-2020]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819440>

**INE** - Evolução da população residente (nº) por local de residência, 1960-2019 [em linha]. [consult. 5-3-2020]. Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2)

**PORDATA** - População residente: Total e por grandes grupos etários [em linha]. [consult. 8-3-2020]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5820423>

**PORDATA** - Esperança de vida à nascença, total e por sexo (base: triénio a partir de 2001) [em linha]. [consult. 8-3-2020]. Disponível: [https://www.pordata.pt/Portugal/Esperan%C3%A7a+de+vida+%C3%A0+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo+\(base+tri%C3%A9nio+a+partir+de+2001\)-418](https://www.pordata.pt/Portugal/Esperan%C3%A7a+de+vida+%C3%A0+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo+(base+tri%C3%A9nio+a+partir+de+2001)-418)

**PORDATA** – Índice de Envelhecimento e índice de dependência de idosos (%) [em linha]. [consult. 9-3-2020]. Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5821926>

**PORDATA** - Índice de Envelhecimento (%) e Índice de Dependência de Idosos (%) por local de Residência, 2001-2019 [em linha]. [consult. 12-3-2021] Disponível: <https://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>

**PORDATA** - Famílias clássicas unipessoais segundo os censos: Total e com +65 anos de idade, Portugal, 1981-2011 [em linha]. [consult. 17-3-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/Portugal/Fam%C3%ADlias+cl%C3%A1ssicas+unipessoais+segundo+os+Censos+total+e+com+65+e+mais+anos-788>

**EUROSTAT/INE** – *Percurso de Vida* [em linha]. [consult. 17-3-2021]. Disponível: [https://www.ine.pt/scripts/wm\\_v\\_final/bloc-1a.html?lang=pt](https://www.ine.pt/scripts/wm_v_final/bloc-1a.html?lang=pt)

**PORDATA** - População residente (%) por grupos etários e local de residência, Portugal, 2001 [em linha]. [consult. 15-3-2021]. Disponível: <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente++estimativas+a+31+de+Dezembro-120>

**PORDATA** - População residente c/+15 anos por nível de escolaridade completo mais elevado (%), Portugal, 1998-2019 [em linha]. [consult. 21-3-2021]. Disponível: [https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+\(percentagem\)-884](https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+(percentagem)-884)

INE - Núcleos Familiares. Disponível: <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/5961>

INE – Família Clássica. Disponível: <https://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/1123>

INE – Família Complexa. Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt)

Esquemas de distribuição populacional [em linha]. [consult. 7-3-2020]. Disponível: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-/ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-o-interior-em-numeros-territorio-pdf.aspx>

# Referências Iconográficas

## Introdução

**Fig. 1** – Esquema Síntese da Dissertação. (minha autoria)

**Fig. 2** – Esquema Geral da Dissertação. (minha autoria)

## Capítulo 1

### 1.1

**Fig. 3** - A Lição de Salazar: Deus, Pátria, Família, A Trilogia da Educação Nacional. Autoria de Martins Barata. (1933)

Disponível: <https://www.newsmuseum.pt/pt/propaganda/propaganda-atraves-dos-tempos>

**Fig. 4** - Portugal, Um Retrato Social, 2007: Entrevista sobre partos numa aldeia (1981).

Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=mZNdGITn9XA>

**Fig. 5** - Referência ao filme Maria Papoila (1937). Mirita Casimiro e Largo do Chiado, Fotógrafo: Estúdio Horácio Novais.

Fotografia sem data. 1930-1980. (Biblioteca de Arte-Fundação Calouste Gulbenkian) (fotomontagem – minha autoria)

Disponível:

<https://tendimag.com/tag/maria-papoila/>

<https://www.flickr.com/photos/biblarte/3811333032>

### 1.2

**Fig. 6** – Bairro económico da Ajuda/Boa Hora, Lisboa, 1918. Fotografia de 1934 cedida pelo ANTT.

**Fig. 7** – Planta e Alçado, Bairro Económico da Ajuda/Boa Hora, Lisboa, engenheiro Craveiro Lopes, 1918. SIPA/DGEMN

**Fig. 8** – Planta Geral do Bairro Económico da Arrábida, Porto, engenheiro Gaudêncio Pacheco, 1918). SIPA/IHRU

**Fig. 9** – Planta e Alçado, Bairro Económico da Arrábida, Porto, engenheiro Gaudêncio Pacheco, 1918). SIPA/IHRU

COSTA AGAREZ, Ricardo, *Habitação: 100 anos de políticas públicas em Portugal 1918-2018*, Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbanas, Dezembro de 2018. ISBN 978-972-27-2711-2. p.55-57

**Fig. 10/11** - Bairro Social do Arco do Cego, Lisboa (1919-1933) – Habitações unifamiliares e Habitação Coletivas, 1935. ANTT.

Disponível: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/1413?lang=en>

MARTINS, Nuno, *Bairro Social do Arco do Cego: Imagens de uma utopia, Cadernos do arquivo municipal*, nº 12, 2ª série, Lisboa, Julho-Dezembro 2019. ISSN 2183-3176. p. 195

**Fig. 12/13** – Bairro Económico de Olhão (1925), Fotografia Inácio Peres Fernandes, 2011 e Postal com vista geral do Bairro.

CARVALHO, Ricardo, *A cidade social. Impasse. Desenvolvimento. Fragmento*, P+C, nº4, Universidad de La Rioja, 2013. ISSN 2172-9220. P. 23

Disponível: <http://enciclopediadecromos.blogspot.com/2012/06/postal-olhao-siroco-bairro-dos.html>

**Fig. 14** – Praça do Areeiro (atual Praça Sá Carneiro) (1938-1943/49), fotografia de António Passaporte, Lisboa, anos 40, AML.

Disponível: <https://toponimialisboa.wordpress.com/2017/12/11/a-antiga-praca-do-areeiro-e-francisco-sa-carneiro/>

**Fig. 15** – Casas Portuguesas (1933), Raul Lino, Habitação unifamiliar, Porto.

Disponível:

<https://www.publico.pt/2014/04/21/culturaipilon/noticia/ha-uma-casa-raul-lino-no-porto-1632932#&gid=1&pid=2>

**Fig. 16** – Plantas, esquema de espaços, Bloco da Carvalhosa (1945-1949), Porto.

Plantas disponíveis: <https://www.slideshare.net/IsabelPereira2010/conf-pac-ilse-losa-v2>

Esquema de espaços (minha autoria)

**Fig. 17/18** – Escadaria e Saguão, Bloco da Carvalhosa (1945-1949), Porto.

Disponíveis: <https://www.jpnp.up.pt/2017/10/20/bloco-da-carvalhosa-visita-guiada-perola-do-modernismo-portugues/>

**Fig. 19** – Bloco da Carvalhosa (1945-1949), Porto.

Disponível: <http://arquitectura.ufp.pt/centenario-do-arquitecto-armenio-losa/>

**Fig. 20** – Plano de Urbanização da zona a sul da Av. Alferes Malheiro (1945), Faria da Costa, esquema de células.

Disponível: <https://e-cultura.blogs.sapo.pt/a-forca-do-ato-criador-454550>

Esquema de células (minha autoria)

**Fig. 21/22** – Plantas piso tipo e Corte, Bairro das Estacas (1949-1955) – esquema de espaços e circulação.

Disponível: <http://www.aefaup.com/nwsl/2016/5/17/3lsckw8sol8xdp2li4epgsq9wbkwz1>

Esquema de espaços e circulação (minha autoria)

**Fig. 23/24** - Bairro das Estacas (1949-1955), fachada nascente e fachada poente (respetivamente).

Disponível: <http://www.aefaup.com/nwsl/2016/5/17/3lsckw8sol8xdp2li4epgsq9wbkwz1>

**Fig. 25/26** – Fachadas Nascente e Alçado Poente, Bloco das Águas Livres (1953-1955), Teotónio Pereira e Costa Cabral.

**Fig. 27** – Planta piso 4 e esquema de espaços e circulação, Bloco das Águas Livres (1953-1955), Teotónio Pereira e Costa Cabral.

**Fig. 28/29/30** - Galeria da fachada poente, terraço e escadaria de acesso ao edifício Bloco das Águas Livres (1953-1955).

**Fig. 31** – Cortes transversais e longitudinal, Bloco das Águas Livres (1953-1955), Teotónio Pereira e Costa Cabral.

Disponível: <https://hiddenarchitecture.net/bloco-das-aguas-livres-housing/>  
Esquema de Espaços (minha autoria)

**Fig. 32** – Fachada Poente, Conjunto Residencial de Ramalde (1952-1960).

Disponível: <https://www.pinterest.pt/pin/330803535102249968/>

**Fig. 33** – Planta piso tipo e esquema de espaços e circulação, Conjunto Residencial de Ramalde (1952-1960).

MILHEIRO, Ana Vaz, *HABITAR EM COLECTIVO: Arquitectura Portuguesa antes do S.A.A.L.* Lisboa: Dep. Arquitectura e Urbanismo do ISCTE-IUL, Maio de 2009. p.31

**Fig. 34** – Planta de Implantação, Conjunto Residencial de Ramalde (1952-1960), Fernando Távora, fase 1 e 2. Fundação Marques da Silva.

Disponível: <https://arquivoatom.up.pt/index.php/unidade-residencial-de-ramalde>

### 1.3

**Fig. 35** – População Residente (%) por Local de Residência, Portugal, 1960. Fonte: INE.

(Gráfico da minha autoria)

Disponível: <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517>

**Fig. 36/37** – População empregada: Setores de atividade (%), Portugal, em 1960 e 1990 (respetivamente). Fonte: Pordata.

(Gráficos da minha autoria)

Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819990>

**Fig. 38** – População Residente (%) por Local de Residência, 1981. Fonte: INE.

(Gráfico da minha autoria)

Disponível: [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2)

**Fig. 39** – Revolução de 1974, Largo de Camões, fotografia Estúdio Horácio Novais, 25/4/1974.

Disponível: <http://www.museunacionalresistencialiberdade-peniche.gov.pt/pt/galerias/galeria-2/>

**Fig. 40** – Vida noturna, Bairro Alto, anos 80, Lisboa.

Disponível: <https://lisboasecreta.co/uma-viagem-aos-anos-80/>

### 1.4

**Fig.41** – Bairro da Pasteleira (1957-1960), Bairros Camarários do Porto (1956-1959), fotografia dos anos 60. CMP.

Disponível: <http://gisaweb.cm-porto.pt/places/2359/documents/>

**Fig. 42/43** – Planos de Urbanização dos Olivais Norte (1959-1960) e dos Olivais Sul (1961), 1968, Lisboa. AML.

Disponível: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Plano-de-Urbanizacao-da-Zona-de-Olivais-Norte-1959-60-AML\\_fig1\\_338351774](https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Plano-de-Urbanizacao-da-Zona-de-Olivais-Norte-1959-60-AML_fig1_338351774)

DE OLIVEIRA, Tiago Cardoso – “A modernidade complexa dos bairros dos Olivais”, Cadernos do Arquivo Municipal, Lisboa: AML, 2ª série, nº12, Julho- Dezembro. ISSN 2183-3176. p. 171

Disponível: [http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/12/010\\_olivais.pdf](http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/12/010_olivais.pdf)

**Fig. 44** – Plano de Urbanização Chelas (1962), Lisboa.

RAMONDETTI Leonardo - CHELAS, LISBOA: The weak social role of inhabitants in the construction of the South-European public city, Lisboa: SINGERGI Seminar Lisbon, 14-16 Abril, 2015. Disponível: <http://www.gestual.fa.utl.pt/images/sinergi/4-Turino%20Leonardo%20Ramondetti.pdf>

**Fig. 45** – Burgau, SAAL Algarve, arquiteto José Veloso. *As operações SAAL*, João Dias, 2007.

**Fig. 46** – Portugal Novo, SAAL Lisboa, arquiteto Manuel Vicente. *As operações SAAL*, João Dias, 2007.

**Fig. 47** – Antas, SAAL Porto, Arquiteto Pedro Ramalho. *As operações SAAL*, João Dias, 2007.

*As Operações SAAL*. Realização de João Dias. Portugal: Optec, 2007 (120 min): Cor, P&B

**Fig.48/49** – Bairro da Bouça, SAAL, Álvaro Siza, 1973-1978;1999-2006. Fotografia FG+SG. Porto.

Disponíveis: <https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-bouca/>

<https://2015.openhouseporto.com/places/apartamento-no-bairro-da-bouca/index.html>

**Fig. 50** – Esquema de espaços/circulação e alçados, Bairro da Bouça, Álvaro Siza, (1973-1978;1999-2006) Porto.

Esquema de espaços/circulação (minha autoria)

Disponíveis: <https://espacodearquitetura.com/projetos/bairro-da-bouca/>

**Fig.51** – Bairro de São Vitor (1974-1977), Álvaro Siza, Porto.

Disponível: <https://www.pinterest.pt/luisfpcarreno/%C3%A1lvaro-siza-bairro-de-s-victor/>

**Fig. 52** – Planta de Implantação, Bairro de São Vitor (1974-1977), Álvaro Siza, Porto.

**Fig. 53** – Planta e esquema de espaços e circulação, Bairro de São Vitor (1974-1977), Álvaro Siza, Porto.

Esquema de espaços e circulação (minha autoria)

Disponível: VAREA ORO, Aitor – “El barrio de São Victor de Álvaro Siza: Entre la teoría Y la práctica de las operaciones SAAL”, Proyecto Progreso Arquitectura: Hábitat y habitar, Sevilla: Universidade de Sevilla, nº9, 2013. ISSN 2171-6897. P.109 e 111.

**Fig.54** – Edifício de Habitação Coletiva, Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.

**Fig. 55** – Interior de um fogo, Edifício Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.

Disponível: <https://mcfarquitectos.pt/portfolio/sache1/>

**Fig. 56** – Planta de Implantação, Edifício Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.  
**Fig. 57** – Cortes AA' e BB', Edifício Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.  
**Fig. 58** – Plantas e Alçado Sul, Edifício Cooperativa SACHE, (1979-1989) Aldoar, Manuel Correia Fernandes, Porto.  
 LACERDA LOPES, Carlos Nuno – *Edifício de habitação coletiva Cooperativa SACHE | 1ª fase*. Frente & Verso. Porto: CIAMH. ISSN 2182-8237.  
**Fig. 59** – Plantas piso 5/6/7 (de habitação), Edifício Castro & Melo (1991-1996), Álvaro Siza. Chiado, Lisboa.  
**Fig. 60** – Alçado Frontal, Edifício Castro & Melo (1991-1996), Álvaro Siza. Chiado, Lisboa.  
**Fig. 61** – Fachada Tardoz, Edifício Castro & Melo (1991-1996), Álvaro Siza. Chiado, Lisboa.  
**Fig. 62** – Pátio A, Álvaro Siza. Chiado, Lisboa.  
 SIZA, Álvaro – *A Reconstrução do Chiado – Lisboa*, Lisboa: Livraria Figueirinhas, ICEP, 2ª edição, 2000. ISBN 9789879789872. p. 97;123;124;147  
**Fig. 63** – Esquema Síntese – Evolução Familiar no século XX. (minha autoria)  
**Fig. 64** – Esquema Síntese – Habitação (Obras) do século XX. (minha autoria)

## Capítulo 2

### 2.1

**Fig. 65** – População Empregada (%) por Setores de Atividade, Portugal, 1981- 2019. Fonte: Pordata.  
 Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5821924>  
 (Gráfico minha autoria)  
**Fig. 66** – Evolução da Taxa de desemprego (%), Portugal, entre 2000 e 2019. Fonte: Pordata.  
 Disponível: <https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5821952>  
 (Gráfico minha autoria)  
**Fig. 67** – Tipologias Familiares, Censos 1991, 2001, 2011 e Pordata 2019.  
 Disponível: CENSOS 2011 - *Família nos Censos 2011: Diversidade e mudança* [em linha]. [consult. 2-12-2020] Disponível:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=206614582&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt)  
<https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5819440>  
 (Quadro minha autoria)  
**Fig. 68** – Evolução da população residente (nº) por local de residência, 1960-2019. Fonte: INE.  
 Disponível:  
[https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_indicadores&indOcorrCod=0002192&contexto=bd&selTab=tab2)  
**Fig. 69/70** – Esquemas da distribuição populacional.  
 Disponível:  
<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/governo/programa/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-ficheiros-coesao-territorial/programa-nacional-para-a-coesao-territorial-o-interior-em-numeros-territorio-pdf.aspx>  
 (Esquemas de minha autoria)  
**Fig. 71** – Esperança de vida à nascença, total e por sexo (base: triénio a partir de 2001), Fonte: Pordata.  
 Disponível:  
[https://www.pordata.pt/Portugal/Espan%C3%A7a+de+vida+%C3%A0+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo+\(base+tri%C3%A9nio+a+partir+de+2001\)-418](https://www.pordata.pt/Portugal/Espan%C3%A7a+de+vida+%C3%A0+nascen%C3%A7a+total+e+por+sexo+(base+tri%C3%A9nio+a+partir+de+2001)-418)  
 (Gráfico de minha autoria)  
**Fig. 72** – Evolução do Índice de Envelhecimento e do Índice de Dependência de Idosos (%), Portugal, 1960-2019. Fonte: Pordata e projeção do Doc. *Nós Portugueses*.  
 Disponível:  
<https://www.pordata.pt/DB/Portugal/Ambiente+de+Consulta/Tabela/5821926>  
<https://www.rtp.pt/play/p6829/e455740/nos-portugueses-nascer-para-nao-morrer>  
**Fig. 73** – Índice de Envelhecimento (roxo) (%) e Índice de Dependência de Idosos (laranja) (%) por local de Residência, 2001-2019. Fonte: Pordata.  
 Disponível: <https://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>  
 (Gráfico de minha autoria)  
**Fig. 74** – Respostas Sociais para idosos - DGSFC. (2006)  
 Disponível: [https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Conceitos\\_das\\_Respostas\\_Sociais.pdf](https://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Conceitos_das_Respostas_Sociais.pdf)  
 (Quadro de minha autoria)  
**Fig. 76** - Famílias clássicas unipessoais segundo os censos: Total e com +65 anos de idade, Portugal, 1981-2011. Fonte: Pordata.  
 Disponível:  
<https://www.pordata.pt/Portugal/Fam%C3%ADlias+cl%C3%A1ssicas+unipessoais+segundo+os+Censos+total+e+com+65+e+mais+anos-788>  
 (Gráfico de minha autoria)  
**Fig. 76** – Percurso de Vida, Portugal, 2015. Fonte: Eurostat/INE. Disponível:  
[https://www.ine.pt/scripts/wm\\_v\\_final/bloc-1a.html?lang=pt](https://www.ine.pt/scripts/wm_v_final/bloc-1a.html?lang=pt)

**Fig.77** – Jovens adultos (18-34 anos) a viver em casa dos pais (%), Portugal, 2004-2019. Fonte: Gulbenkian.

Disponível:

[https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/46/2020/07/22160512/Habitacao\\_relatorio\\_2Edicao\\_v3.pdf](https://content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/46/2020/07/22160512/Habitacao_relatorio_2Edicao_v3.pdf)

(Gráfico de minha autoria)

**Fig.78** – População residente (%) por grupos etários e local de residência, Portugal, 2001. Fonte: Pordata.

Disponível:

<https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente++estimativas+a+31+de+Dezembro-120>

(Gráfico de minha autoria)

**Fig. 79** – População residente (%) por grupos etários e local de residência, Portugal, 2019. Fonte: Pordata.

<https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente++estimativas+a+31+de+Dezembro-120>

(Gráfico de minha autoria)

**Fig. 80** – População residente c/+15 anos por nível de escolaridade completo mais elevado (%), Portugal, 1998-2019. Fonte: Pordata.

Disponível:

[https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+\(percentagem\)-884](https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente+com+15+e+mais+anos+por+n%C3%ADvel+de+escolaridade+completo+mais+elevado+(percentagem)-884)

(Gráfico de minha autoria)

## 2.1.1

Fig. 81 – Esquema Síntese das Transformações Sociais, Económicas, Políticas e na Arquitetura, e Pandemia.

(Esquema de minha autoria)

## 2.2

**Fig.82** – Vista do pátio, Apartamento num chão verde menta, Porto. Fala Atelier, Porto, 2019.

**Fig.83** – Zona de estar, Apartamento num chão verde menta, Porto. Fala Atelier, Porto, 2019.

**Fig. 84**– Planta piso 0, Apartamento num chão verde menta, Porto. Fala Atelier, Porto.

**Fig. 85** – Cozinha, Apartamento num chão verde menta, Porto. Fala Atelier, Porto, 2019.

JOANELLY, Tibor; BANDEIRA, Pedro; GEERS, Kersten - 2G: Fala, 1ª ed., Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2019. ISBN: 978-3-96098-595-2. P.120-127.

**Fig.86/87** – Fachadas, reabilitação do Bairro D. Leonor, Inês Lobo (2005-2013), Porto.

Disponível: <https://ilobo.pt/Dona%20Leonor.html>

**Fig.88/89** – Edifícios de Habitação Coletiva, Edifícios de Habitação Coletiva, Bairro D. Leonor (2017-2018), Cerejeira Fontes Arquitetos, Porto. Disponível:

<https://espacodearquitetura.com/noticias/projeto-de-habitacao-social-do-atelier-cerejeira-fontes-arquitectos-considerado-o-melhor-do-pais/>

**Fig.90/91/92/93**- Ilha da Bela Vista, reabilitação, LAHB/CICS.Nova\_UMinho/Imago, Gabinete de Arquitetura Cerejeira Fontes, Associação de Moradores da Bela Vista, Porto, 2017.

Disponível: <https://www.publico.pt/2018/07/12/local/noticia/moradores-apontam-problemas-na-ilha-da-bela-vista-1837540>

**Fig. 94** - Plantas Piso 0/1/2 e esquema de espaços e circulação, Ilha da Bela Vista, Porto, 2017.

*Et al – A cidade da participação: Projeto de arquitetura básica participada na ilha da bela vista*, Edições Afrontamento, LAHB. p. 70

Esquema de espaços e circulação (minha autoria)

**Fig. 95** – Vista aérea, Residência Assistida, Álcacer do Sal (2010). Aires Mateus: Desenhar para a Comunidade RTP, 2019.

**Fig. 96** – Fachada frontal, Residência Assistida , Álcacer do Sal (2010). Aires Mateus: Desenhar para a Comunidade RTP, 2019.

Disponível: *Atelier d’Arquitetura. Aires Mateus: Desenhar para a comunidade*. RTP Play, ep.2, 14 Abril, 2019. (25:26min)

Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p5644/e401024/atelier-arquitetura>

**Fig. 97** – Quarto, Residência Assistida, Álcacer do Sal (2010). Fotografia FG+SG.

Disponível: <https://www.archdaily.com.br/br/01-98258/residencias-em-alcacer-do-sal-slash-aires-mateus>

**Fig. 98** –Corredor acesso aos quartos (galinhas referenciais), Residência Assistida , Álcacer do Sal (2010). Aires Mateus: Desenhar para a Comunidade RTP, 2019.

Disponível: <https://www.rtp.pt/play/p5644/e401024/atelier-arquitetura>

**Fig.99** - Plantas Piso 0/1/2, Residência Assistida, Aires Mateus, Álcacer do Sal (2010).

Disponível: <https://www.archdaily.com.br/br/01-98258/residencias-em-alcacer-do-sal-slash-aires-mateus>

**Fig.100** – Vista geral da aldeia social, Ass. Os Pioneiros, *Cohousing* Sénior (2012), Águeda.

**Fig.101** – Exemplo de habitação da aldeia social, Ass. Os Pioneiros, *Cohousing* Sénior (2012), Águeda.

**Fig.102/103** – Exemplos de cozinhas da aldeia social, Ass. Os Pioneiros, *Cohousing* Sénior (2012), Águeda.

Disponível: <https://observador.pt/2020/12/22/aldeia-social-em-ague-da-permite-a-idosos-viverem-com-autonomia/>

**Fig.104** – Vista aérea (3D) do projeto com o centro cultural e torre, Praça de Entrecampos, Promontório, Lisboa.

**Fig. 105**– Vista dos edifícios de habitação coletiva jovem, Praça de Entrecampos, Promontório, Lisboa, (2011).

**Fig.106** – Interior dos quarteirões, Praça de Entrecampos, Promontório, Lisboa, (2011).

Disponível: <https://www.promontorio.net/projects/Praca%20de%20Entrecampos>

**Fig.107/108** – Plantas piso 0 e piso tipo (esquema de espaços e circulação), Praça de Entrecampos, Promontório, Lisboa, 2011.

Disponível: <https://www.promontorio.net/projects/Praca%20de%20Entrecampos>

(Esquema de Espaços e circulação de minha autoria)

**Fig.109** – Habitação Jovem, Programa Hab. Jovem nos centros históricos, Oeiras, 2019.

**Fig.110/111** – Interiores dos fogos, Habitação Jovem, Programa Hab. Jovem nos centros históricos, Oeiras, 2019.

Disponível:

<https://www.cm-oeiras.pt/pt/viver/habitacao/Paginas/habitacao-jovem-centro-hist%C3%B3rico-oeiras.aspx>

**Fig. 112** – Esquema cronológico de exemplos de Habitação do século XXI.

(Esquema de minha autoria)

## 2.3

**Fig. 113** – Representação Habitação coletiva do século XXI (inspirado na cidade do Porto).

(minha autoria)

**Fig.114** - Cruzamento das principais conclusões do século XXI da investigação de Montaner, Muxí e Falagán e as principais características da realidade portuguesa.

(quadro de minha autoria)

**Fig. 115** - Quadro explicativo dos 3 tipos de espaços numa habitação, Montaner, Muxí e Falagán.

MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. - *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI*, 1ª ed., Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2011. ISBN – 978-84-614-7504-9.

(Quadro Explicativo de minha autoria)

**Fig. 116** – Esquemas exemplo de parâmetros de Habitação coletiva do século XXI.

MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. - *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI*, 1ª ed., Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2011. ISBN – 978-84-614-7504-9. p.172-173; 178-179; 180-181; 186-187.

**Fig. 117** - Esquema exemplo de diversidade de usos para Habitação coletiva do século XXI. *Herramientas para habitar el presente: La vivienda del siglo XXI*, Montaner, Muxí, Falagán.

MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. - *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI*, 1ª ed., Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2011. ISBN – 978-84-614-7504-9. p.157

**Fig. 118** - Esquema exemplo de espaços comunitários para Habitação coletiva do século XXI. *Herramientas para habitar el presente: La vivienda del siglo XXI*, Montaner, Muxí, Falagán.

MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. - *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI*, 1ª ed., Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2011. ISBN – 978-84-614-7504-9. p.159

**Fig. 119** - Esquema exemplo de diversidade tipológica e acessibilidade para Habitação coletiva do século XXI. *Herramientas para habitar el presente: La vivienda del siglo XXI*, Montaner, Muxí, Falagán.

MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. - *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI*, 1ª ed., Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2011. ISBN – 978-84-614-7504-9. p.163

**Fig. 120** – Diagrama de relações entre partes de um edifício de habitação, Montaner, Muxí e Falagán.

MONTANER, Josep; MUXÍ, Zaida; FALAGÁN, David H. - *Herramientas para Habitar el Presente: La Vivienda del Siglo XXI*, 1ª ed., Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2011. ISBN – 978-84-614-7504-9. p.147

### 2.3.1.

**Fig.121**– Esquema Síntese de Habitação Coletiva do século XXI Geral.

(Esquema de minha autoria)

**Fig. 122** – Esquema Síntese Habitação coletiva do século XXI inclusivo ao sénior.

(Esquema de minha autoria)

**Fig.123**– Esquema Síntese de Habitação coletiva do século XXI inclusivo ao jovem adulto.

(Esquema de minha autoria)

**Fig.124** - Esquema Síntese de Habitação coletiva do século XXI inclusivo ao sénior e jovem adulto.

(Esquema de minha autoria)

# Anexos

## Contemporary Housing Typologies: Experiences in Portugal in the 21st Century

Alexandra Paulo | Tutor: Gonçalo Furtado

### Theme | Object

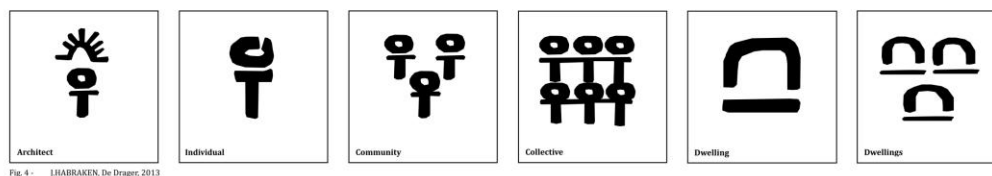
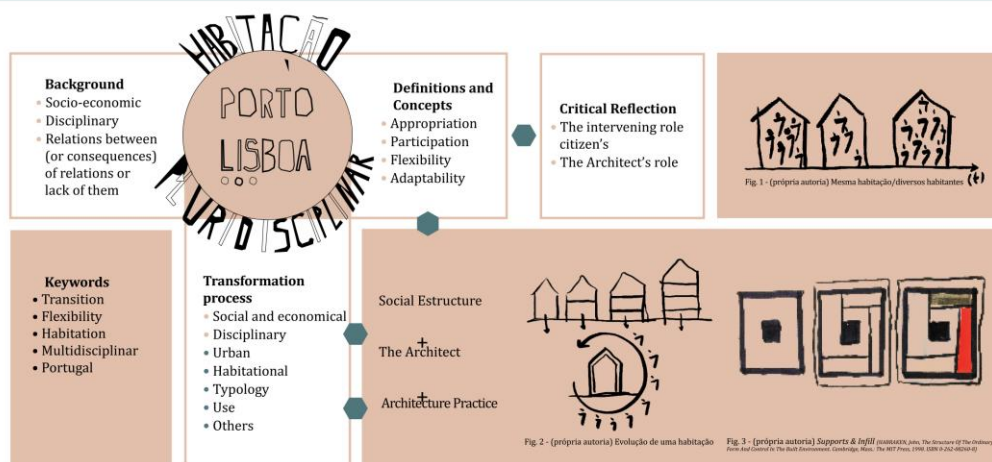
object of study proposed for this investigation consists of transitions in the housing typology of the century. XXI, as a reflection of a changing society.  
In fact, it appears that in some countries in Northern Europe, mainly from the second half of the century. XX, constitute ways of living that express these new social realities associated, also, with new housing typologies.  
There are also transformations in certain socio-economic groups that lead to sharing situations under the same roof, more than just a family or other resident groups, absorbing different social groups.  
In Portugal, the contemporary socio-economic and urban phenomenon (exponentiated by processes of gentrification, tourism, etc.) in Portuguese cities and larger urban centers, gave rise to a significant transformation of the housing stock.  
In this transformation, some multidisciplinary housing experiences have already emerged, and it is pertinent to reflect on these ways of living.

### Objective

- Systematize a definition of housing and family appropriate to the contemporary context;
- A reading of the typological evolution of the housing domain throughout the history of the 20th century;
- Survey of urban transformation and operate a critical analysis of theoretical and practical experiences based on a network of concepts, discipline, interrelationships between systems, form, housing, typology, dwelling, use and flexibility;
- Survey and analyze a set of experiences in recent history;
- Definition and analysis of concepts such as ownership, flexibility, adaptability and participation, based on a set of case studies, for a better understanding of their impact on the discipline and the object;
- Critical reflection of the social structure and the influence of ownership / participation / intervention by the inhabitant, which will be operative to multi-family housing in the coming decades.
- Critical reflection on the influence of architectural practice and the role of the architect, which will be operative to multi-family housing in the coming decades.

### Methodology

Research has a hybrid methodology between theory and practice. From a theoretical point of view, a compilation of historical material in the field of sociology and architecture will be made, through the analysis of documents (general and specific bibliography, articles, theses, interviews, etc.). From the reading of this bibliography and critical crossing, the definition and framing of the Portuguese urban and housing reality will take place in the last decades.  
At the same time, a set of architectural projects will be collected that are shown to constitute a representation of contemporary Portuguese reality. Part of this analysis is the interpretation of various design and theoretical points of view, in the domain of architectural thinking, in which housing is included, etc.  
To this end, I propose to create a comparison table of case studies and then configure the statistical variants of the respective projects and their particular circumstances.  
Based on some concepts (appropriation, flexibility, adaptability and participation, among others) and the critical analysis of the case studies, I intend to proceed with a network of indicators for the project of what may be multidisciplinary housing for the 21st century.



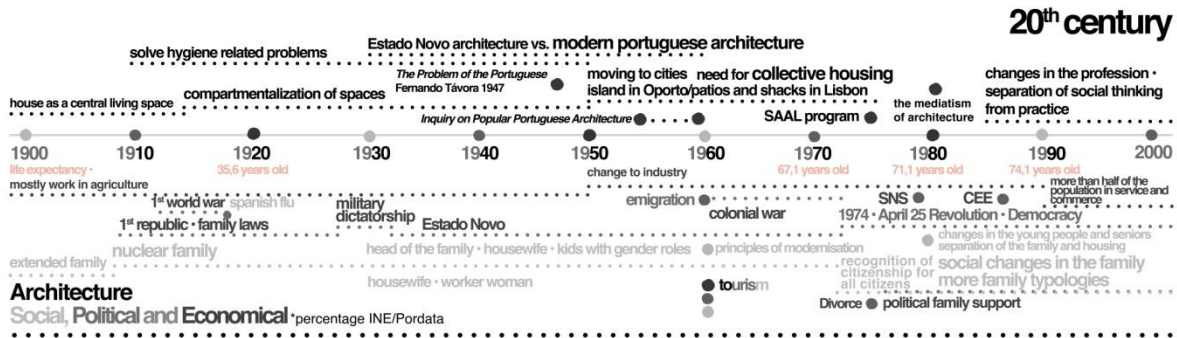
# Contemporary Housing Typologies: Experiences in the 21<sup>st</sup> Century in Portugal

Alexandra Paulo | Tutor: Prof.º Gonçalo Furtado

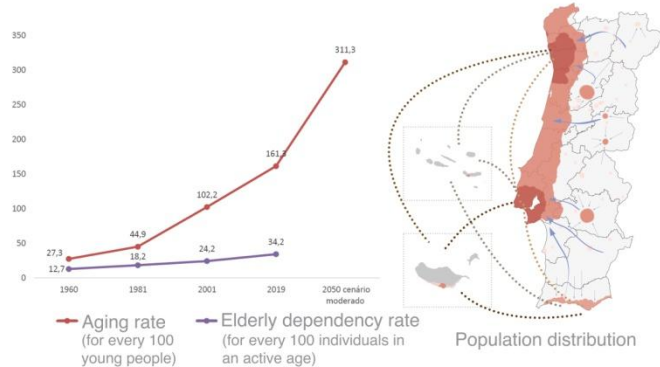
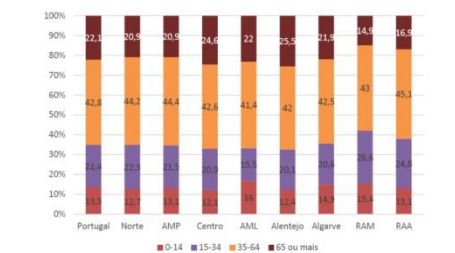
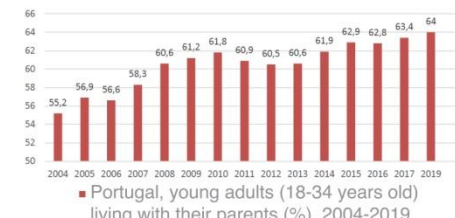
alexandra.paulo@gmail.com | glopes@arq.up.pt



Keywords: Portugal Equal rights Collective Housing Typology 21<sup>st</sup> Century Young people Seniors



## 21<sup>st</sup> century

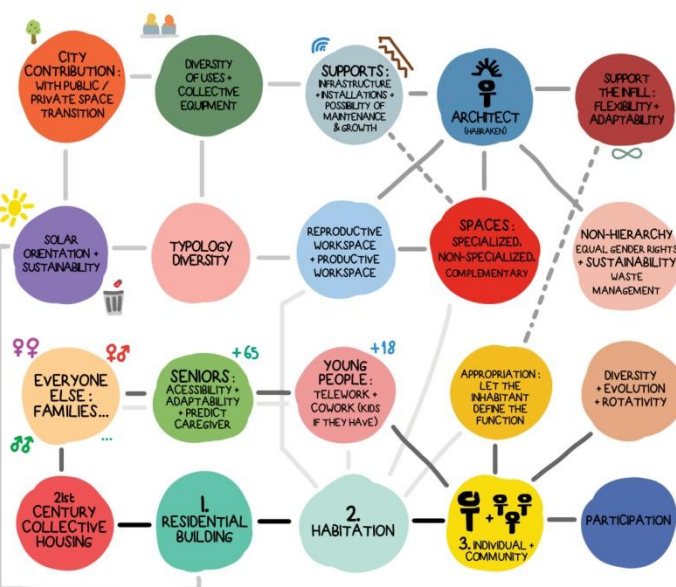


|                                                          | 1991  | 2001  | 2011  |
|----------------------------------------------------------|-------|-------|-------|
| families without a family core                           | 16,6% | 19,5% | 23,3% |
| single people                                            | 12,4% | 15,5% | 20,4% |
| Simple Families with 1 family core without other persons | 69,5% | 70,1% | 68%   |
| Couples without children                                 | 63,9% | 63,1% | 59%   |
| with children                                            | 20%   | 22%   | 23,8% |
| Single-parent father w/ children                         | 5,6%  | 7%    | 9%    |
| mother w/ children                                       | 0,8%  | 0,9%  | 1,2%  |
| Complex families                                         | 4,8%  | 6%    | 7,8%  |
| extended (1 family core + other people)                  | 13,9% | 10,4% | 8,7%  |
| multiples (2 or + family cores)                          | 10%   | 7,3%  | 5,8%  |
|                                                          | 3,9%  | 3,1%  | 2,9%  |

### Family typologies 2019

| Total | 1 individual | Couple without children | Couple with children | Single parents | Others |
|-------|--------------|-------------------------|----------------------|----------------|--------|
| 100%  | 22,5%        | 24,8%                   | 33,8%                | 11,1%          | 7,8%   |

\*percentage INE/Pordata



Life expectancy 2018 83,5 years old

| Age Groups | 0-14  | 15-19 | 20-39 | 40-64 | +65 |
|------------|-------|-------|-------|-------|-----|
| 2019       | 13,7% | 5,3%  | 22,8% | 36,2% | 22% |

IJUP 2021

